



## ENTREVISTA EXCLUSIVA

# Governador celebra indicadores positivos e vida melhor no estado

“Tiramos do papel obras sonhadas há anos”, diz João Azevêdo, que destaca avanços e equilíbrio fiscal. **Página 4**

### Setor produtivo na Paraíba cresce acima da média nacional

Balancos de entidades do estado destacam a confiança no consumo diante de um cenário de resiliência e otimismo.

**Página 17**

### Polícia Civil realiza mais de quatro mil ações no estado

Operações deste ano focaram no enfrentamento ao crime organizado, investigações de homicídios e combate às drogas.

**Página 7**

### Paraibano de 14 anos é novo talento da natação

Dayalo Xavier já superou o recorde estadual no nado borboleta, nos 100 m e 200 m, que pertencia a Kaio Márcio.

**Página 21**

### Livro reúne frases ditas por Ariano Suassuna

Na obra “Lições de Realismo Esperançoso”, Carlos Newton Jr. organiza parte do pensamento do escritor paraibano.

**Página 9**

■ “Chico Pereira fez-se ilustre sem perder a simplicidade. Foi mestre, de parêla ou na mesma carteira do aprendiz. Num convívio de quase a vida inteira, a expressão do seu rosto foi sempre a de quem vivera muitas vidas”.

Gonzaga Rodrigues

**Página 2**

### Físicos apontam o Rio Grande do Norte como local de chegada dos portugueses ao Brasil

Tese vem acompanhada de cálculos e simulações em softwares de navegação que garantiriam o desembarque da frota de Pedro Álvares Cabral na costa potiguar, em 1500.

**Página 25**



Ilustração: Bruno Chiossi

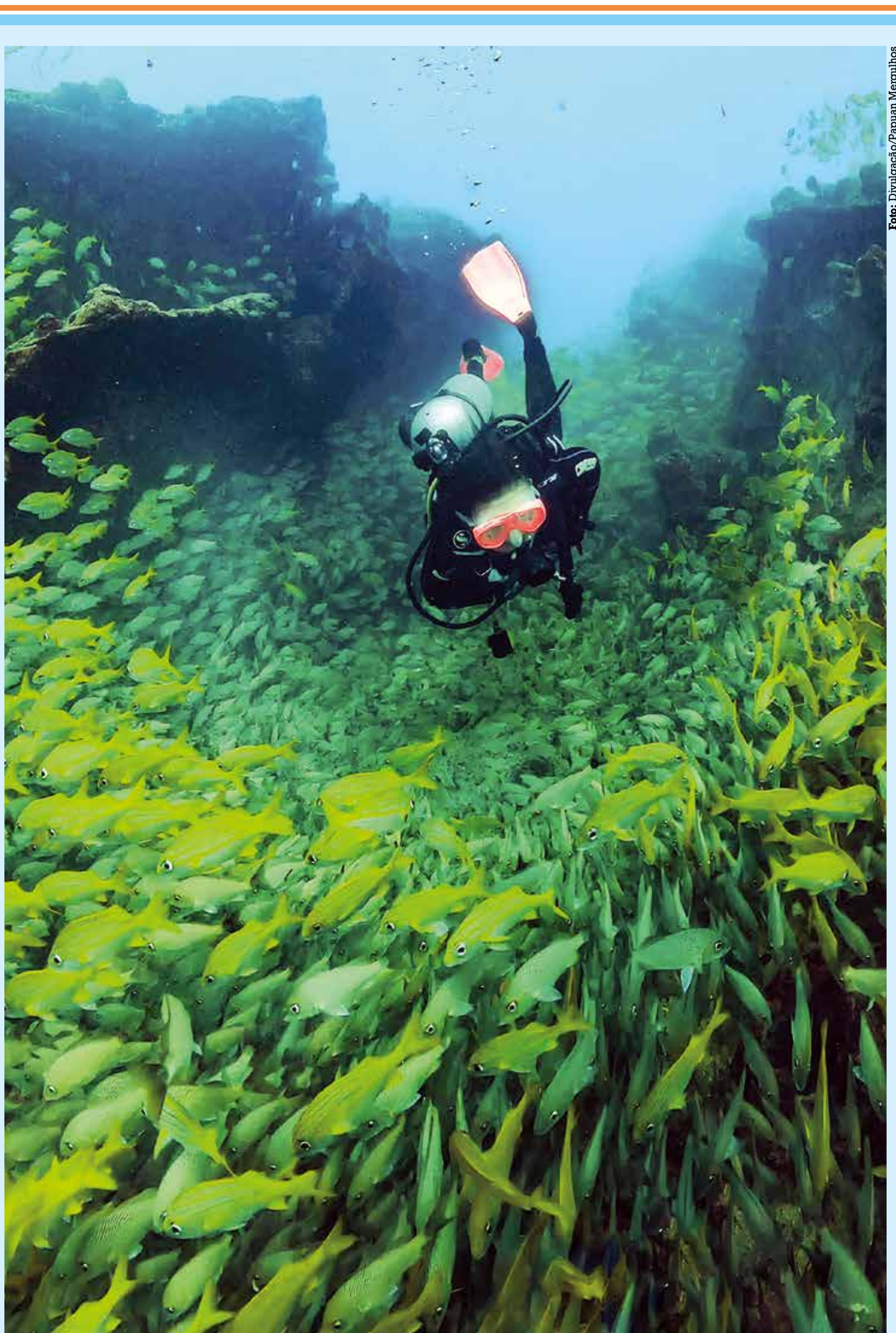


Foto: Divulgação/Papuan Mergulhos

### Roteiros oferecem experiências personalizadas

Setor turístico disponibiliza passeios culturais imersivos em cidades do Litoral e do interior do estado, com atividades de mergulho (foto), visitas a sítios históricos e degustação de comidas regionais.

**Página 8**

### Correio das Artes

O suplemento literário celebra meio século de atividade de Antônio Gonçalves de Sá, o Tônio, que, entre ilustrações, caricaturas, retratos e diversos outros gêneros, deixa sua marca na imprensa paraibana.



Foto: Roberto Guedes

### Calor e umidade aumentam a incidência de insetos

Bichos carregam fama de vilões, mas são fundamentais para a manutenção do equilíbrio da natureza.

**Página 20**

# Editorial

## Descompor o crime

A paisagem social de algumas cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo, assusta muito quando observada de uma perspectiva elevada. Da janela de um avião, por exemplo. O oceano formado pelos terraços nas lajes de cobertura das moradias populares contrasta com as lagoas compostas pelos núcleos de riqueza, como condomínios de luxo ou propriedades equipadas com piscinas, saunas, churrasqueiras, estábulos etc.

Foi nessas áreas marcadas pela pobreza e pelo heroísmo de uma população que sobrevive com dignidade, resistindo aos apelos do crime e enfrentando a carência material oriunda da falta de emprego e renda, que foram lançadas as bases do que se entende por organizações criminosas, cujos tentáculos estendem-se, hoje, pelos sistemas políticos e econômicos, desafiando as estruturas de poder do Estado brasileiro.

Para os moradores dos morros cariocas, por exemplo, é muito difícil, quando não impossível, contrapor-se às exigências dos criminosos, que aliciam jovens para o tráfico de drogas e impõem constituições próprias, com pena de morte para quem ousa desrespeitar suas leis. Demorou para os Poderes da República entender que as corporações contraventoras, há muito tempo, dominavam também o “asfalto”, batendo-lhes à porta.

A união sincera e proativa do Executivo, Legislativo e Judiciário, nas três esferas, é fundamental para que o Brasil faça o enfrentamento correto dos institutos marginais, de maneira a desbaratar as facções até o completo aniquilamento. Não é tarefa fácil, e o apoio da comunidade nacional é imprescindível para que o propósito seja atingido no menor espaço de tempo. A cidadania não aguenta mais esperar.

Um passo inicial significativo, como está sendo visto, é a unidade das Forças de segurança, com uso de tecnologias da informação para o combate sistemático e inteligente aos núcleos de poder do crime. A ação das polícias militares, civis e penais e dos corpos de bombeiros militares não pode ser neutralizada por uma eventual contraofensiva do banditismo. O Estado brasileiro é mais, é maior, e isso deve ser provado na prática diária.

Outro fator essencial é a participação popular na estratégia geral de combate aos organismos facinoras. Mas aí erros históricos precisam ser reparados. As comunidades precisam acreditar nos Poderes constituídos, e esses precisam dar mostras de que estarão comprometidos com o remodelamento, para melhor, é claro, da paisagem social do país. Invista-se para valer contra as desigualdades, e o crime será radicalmente desfigurado.

## Artigo

Rui Leitão  
iurleitao@hotmail.com

### Música, esperança e democracia

Ainda vivíamos o período sombrio da Ditadura Militar quando Guilherme Arantes compôs “Amanhã”, em 1977. A canção nasce como um hino de esperança em dias melhores que viriam, apesar dos pesares. É uma proclamação de otimismo no futuro, ainda que o presente fosse marcado pela apreensão e pela incerteza.

“Amanhã! / Será um lindo dia / Da mais louca alegria / Que se possa imaginar”. Era o sonho de todo brasileiro: ver o amanhã pleno de alegria, libertar-se do estado de medo, opressão e ausência de liberdade em que o país estava mergulhado. “Será um lindo dia” simbolizava um futuro no qual ele acreditava — sereno, alegre, independente.

A canção procurava injetar ânimo, coragem e entusiasmo para a construção desse “amanhã”. Uma força que haveria de vingar, redobrada em destemor, para enfrentar os perigos, as ameaças e as pressões impostas pela ditadura à nossa gente. Havia ali a confiança de que os mistérios desapareceriam, de que os segredos do governo de força instalado no país seriam desvendados. Um novo sol voltaria a brilhar sobre nossa terra: claro, transparente, sem enganos ou falsas propagandas.

Guilherme acreditava que não haveria poder capaz de impedir essa luminosidade por vir. O jugo da violência e da opressão estava condenado ao fim. Não poderia continuar prevalecendo a força de uma minoria em detrimento dos desejos de todo um povo. Seus versos carregavam a crença profunda em dias melhores e alimentavam a expectativa de que a esperança — por menor que parecesse — seria cultivada e cresceria junto com a disposição de conquistar a liberdade e restaurar a democracia.

A canção estimulava a não sucumbir às dificuldades impostas, a não se intimidar com bravatas oficiais, a não se acovardar diante dos abusos de autoridade e da tirania. Manifestava a convicção de que a energia da maioria venceria as arbitrariedades de uns poucos. A pujança dos que desejavam ver um “novo dia raiar” fortaleceria a luta contra os pode-

rosos de plantão.

O clima de ódio, perseguições, torturas e sanha repressiva estaria próximo do fim. Não viveríamos mais sob o peso do medo, do pavor permanente, da intranquilidade cotidiana. Alcançaríamos um tempo de paz, de congraçamento fraterno entre os brasileiros, de respeito aos direitos humanos, de justiça social e de um renovado amor à pátria. “Será pleno!”, completo de felicidade.

Hoje, a letra dessa canção volta a soar atual. Cada verso injeta ânimo para o enfrentamento daqueles que insistem em matar a democracia em nosso país.

Como diz Chico Buarque: “Esse silêncio todo me atordoia, e atordoado eu permaneço atento”. E ainda: “Sonhar um sonho impossível... Lutar quando é fácil ceder... Vencer o inimigo invencível... Negar quando a regra é vender...”.

Guilherme Arantes e Chico Buarque nos lembram que lutar é indispensável e que tempestades passageiras podem se transformar em ventos arejantes, desde que estejamos dispostos a enfrentá-las. Mesmo quando parecemos inertes, é preciso permanecer atentos, porque, como ensina Geraldo Vandré, “quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.

“

**Mesmo quando parecemos inertes, é preciso permanecer atentos, porque, como ensina Geraldo Vandré, ‘quem sabe faz a hora, não espera acontecer’**

## Foto Legenda

Evandro Pereira



Novas trilhas

## Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

### Chico Pereira

Morreu atuando, fazendo o que sempre fez como senhor dos seus dons e do cultivo a eles dedicado, o artista plástico, professor, museólogo e comunicador Francisco Pereira da Silva, nosso Chico Pereira. Nosso, dos que nasceram e com ele definiram as linhas da vida a partir de Campina Grande, e nosso, da acomodação fraterna à “vila” hoje sem fronteiras econômicas, culturais e afetivas, a nossa querida João Pessoa.

Chico Pereira fez-se ilustre sem perder a simplicidade. Foi mestre, de parelha ou na mesma carteira do aprendiz. Num convívio de quase a vida inteira, algumas vezes trabalhando juntos, juntos participando de momentos difíceis e às vezes tormentosos, a expressão do seu rosto foi sempre a de quem não se surpreendia, a de quem vivera muitas vidas.

Lutava havia anos com a doença sem que uma ruga no humor viesse ao rosto. Sem queixa, participando das reuniões da Academia, da gestão no trabalho, da vida possível, sem falar em doença a não ser que lhe perguntássemos, coisa que evitávamos.

E morreu num fim de tarde, véspera de festa, quando todo o Ocidente se recolhe para a alegria do nascimento da cristandade. Como se preferisse deixar a vida tão simples, tão certo e naturalmente como nasceu. Era bem formado espiritualmente, para a vida e o trabalho, o homem e o artista cujo acervo de obras bem o representa.

Quando o conheci, ambos vivíamos um momento de afirmação para a vida inteira: eu chefiando uma equipe formada para salvar um jornal já histórico, em João Pessoa; Chico Pereira, seguindo a Raul Córdula Filho, assumindo a direção do Museu Assis Chateaubriand, conquista de prestígio nacional concebida e estimulada pelo patrono que, fundando museus de arte em São Paulo, patrocinando a Campanha Nacional de Museus Regionais, sentiu-se em dívida com a terra de sua infância, motivando lideranças empresariais como Edvaldo de Souza do Ó, reitor da Furne de então, fazendo crescer ao prestígio regional de Campina Grande um museu de projeção e referência nacionais.

Cinco ou seis anos depois, professor da Uni-

“

**Mas o melhor de Chico era trabalhar com ele, conciliar as experiências como muito fizemos na edição de publicações promocionais da nossa história e da nossa cultura**

versidade Federal da Paraíba, instala seu *atelier* em João Pessoa, em rua de minha passagem diária, travessa entre o 13 de maio e a Epitácio Pessoa. E o gosto figurativista de predomínio histórico, absoluto, passou a ter em mim seu acesso às telas de Chico, senhor e divulgador das técnicas artísticas, abrindo vaga para o ideológico Leonardo Leal, Elpidio, Svendsen que vieram juntar-se aos do amor à primeira vista, Hermano José, Archidy, Flávio, Alexandre e o relicário do antigo Núcleo Contemporâneo das Artes.

Mas o melhor de Chico era trabalhar com ele, conciliar as experiências como muito fizemos na edição de publicações promocionais da nossa história e da nossa cultura, sobretudo quando estive à frente da Secretaria de Estado da Cultura ou na assessoria editorial da Grafset editora.

Encerrou sua devotada carreira como bem começou, participando da adaptação do Palácio da Redenção, esvaziado da função histórica de sede do governo para se tronar Museu da História da Paraíba.

Fiel nas amizades, foi juntar-se a José Neiva, nosso parceiro na vida e, certamente na escolha de Chico, também na morte.

### SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA PRESIDENTE

**Amanda Mendes Lacerda**  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

**Rui Leitão**  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

**Gisa Veiga**  
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: [circulacao@epc.pb.gov.br](mailto:circulacao@epc.pb.gov.br) (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$385,00 / Semestral ..... R\$192,50 / Número Atrasado ..... R\$3,30

CONTATO: [redacao@epc.pb.gov.br](mailto:redacao@epc.pb.gov.br) / [ouvidoria@epc.pb.gov.br](mailto:ouvidoria@epc.pb.gov.br)

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Fotos: Divulgação

Na safra agrícola de 2024, os agricultores comemoraram o resultado considerado satisfatório, com a produção de 162 toneladas

## ALGODÃO COLORIDO ORGÂNICO

# Paraíba resgata cultura e mostra a força do campo

*Projeto consolida-se como referência de desenvolvimento sustentável e inclusão*

José Nunes  
 Especial para A União

O resgate à cultura do algodão colorido orgânico na Paraíba está em fase de ampliação, ganha mercado internacional e proporciona renda para as famílias envolvidas. Isso mostra a força do campo nesse segmento produtivo que sem-

pre foi importante para sua economia.

O Projeto Algodão Agroecológico ATER Paraíba, iniciativa do Governo da Paraíba, consolidou-se como referência de desenvolvimento sustentável e inclusão social, gerando emprego e renda para centenas de famílias agricultoras na Paraíba. A cultura beneficia atualmente mais

de 300 famílias em uma área superior a 400 hectares plantados com algodão orgânico branco e colorido, em todo o estado.

Com a assistência técnica continuada, por meio da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), os produtores rurais comemoram o sucesso obtido com

a colheita de 2025 e se prepararam para o novo plantio.

Na safra agrícola de 2024, os agricultores comemoraram o resultado considerado satisfatório, com a produção de 162 toneladas de algodão em rama e pluma, que geraram um valor total de R\$ 852.686 para a economia estadual, ou seja, mais de R\$ 2.300 por família beneficiada.

## Integrando mercados nacional e internacional

Especificamente no Reassentamento Águas de Acauã, em Itatuba, a cultura do algodão orgânico colorido e branco proporcionou uma colheita de 8,9 toneladas de pluma e rama em 2025. Entretanto, a região do Vale do Paraíba é composta pelos municípios Salgado de São Félix, Ingá, Itatuba e Itabaiana, onde famílias agricultoras plantam algodão, onde foram colhidas mais de 28 toneladas.

O crescimento da cadeia produtiva do algodão orgânico na Paraíba destaca-se pela sua capacidade de criar valor agregado, integrando agricultores a mercados nacional e internacional.

De acordo com o gerente regional da Empaer Paraíba em Itabaiana, Paulo Emílio de Souza, a safra de algodão está sendo projetada para uma ampliação. As parcerias estão se renovando, juntando-se à Empaer, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a Companhia Estadual Habitação Popular da Paraíba (Cehap), o Mi-



A safra de algodão deve ser ampliada no Vale do Paraíba

nistério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA), a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), o Programa de Estudos e Ações para o Semiárido (Peasa), o Parque Tecnológico e o Instituto Nacional do Semiárido (Insa).

Na área do reassentamento Águas da Barragem de Acauã, onde agricultores trabalham cultivando o algodão em sistema de consórcio com as cultu-

ras de milho, gergelim, abóbora e melancia. Isso agrega valores, proporcionando mais uma fonte de renda para os agricultores familiares

O roçado agroecológico vem sendo plantado desde 2022 e, no ano seguinte, ocorreu a primeira colheita de algodão agroecológico. No ano de 2024, os agricultores familiares do reassentamento também receberam da Empaer a declaração de produção agroecológica, atestando práticas como o manejo sustentável do solo, a ausência de agrotóxicos e a

preservação da biodiversidade local.

As sementes de algodão foram disponibilizadas pela Organic Cotton Colours (OCC), empresa que faz a aquisição da produção após a colheita.

O algodão é plantado em consórcio com outras culturas, como feijão, milho, gergelim, jerimum, quiabo, maxixe e fava, em um modelo de produção diversificado e sustentável.

Para o sucesso dessa atividade agrícola, além da presença constante do Governo da Paraíba, por meio da Empaer, a participação de outros parceiros tem sido de fundamental importância.

Para o agricultor familiar Osvaldo Bernardo de Sousa, coordenador do Reassentamento Águas de Acauã, em Itatuba, a presença da extensão rural da Empaer no cultivo do algodão agroecológico/orgânico foi fundamental para o aumento gradativo da produção a cada safra, ao controle de pragas e apoio ao meio ambiente.

## Sistema de produção executado é modelo para outros países

O sistema de produção executado pela assistência técnica e experiência da Empaer Paraíba é modelo para outros países. O Programa Mais Algodão, liderado pela Agência Brasileira de Cooperação (ABC) e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação (FAO), contribui nos processos de formação de técnicos e de agricultores nos países da Cooperação Trilateral-Brasil/FAO e países da América Latina.

Diretor de Assistência Técnica e Extensão Rural da Empaer, Jefferson Moraes destacou as experiências levadas a

outras regiões e países: contribuições de assistência técnica e extensão rural, associativismo e certificação da produção, além de outras ações bem-sucedidas, como o

■ **Extensionistas da Empaer estiveram na Colômbia, dando continuidade ao intercâmbio internacional**

consórcio do algodão com culturas alimentares e a organização da produção para os mercados.

Em várias oportunidades, os extensionistas da Empaer estiveram na Colômbia, na Missão Brasil-FAO-Colômbia, dando continuidade ao intercâmbio internacional, realizado no âmbito do Projeto Mais Algodão, que tem o objetivo de fortalecer a produção sustentável do algodão na América Latina, levando as experiências bem-sucedidas e os modelos de certificação de algodão agroecológico/orgânico.

## Famílias recebem apoio pela construção da Barragem de Acauã

O Reassentamento Águas de Acauã faz parte de um projeto inovador de apoio às famílias desalojadas das suas casas pela construção da Barragem de Acauã, num processo de discussão e negociação pelo Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e entidades parceiras junto ao Governo da Paraíba.

O Reassentamento de Acauã, um projeto implantado pelo Governo da Paraíba, onde mais de 100 famílias vão receber a casa. A área terá toda a infraestrutura de escola, casa, estrada, água, acesso à energia solar, ao sistema de tratamento ecológico do esgoto.

O coordenador do MAB-PB, Osvaldo Bernardo, justificou que o conjunto das ações gerou confiança nas famílias que anteciparam a participação no sistema de produção agrícola, mesmo antes da entrega das 100 habitações, em construção pelo Governo da Paraíba, por meio da Companhia de Habitação Popular (Cehap).

# Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

## O ano que rasgou o véu

2025 não se encerra. Ele fica preso na garganta como um grito abafado. Não é um ponto final no calendário, mas uma cicatriz mal fechada, uma ferida que lateja sob os fogos de artifício e as retrospectivas editadas com música épica. Foi o ano em que a palavra "futuro" perdeu o brilho, tornou-se uma interrogação pesada, carregada de fumaça e sirenes.

Falamos de guerras, mas deveríamos falar de massacres. Falamos de conflitos, mas deveríamos nomear o extermínio. E nenhum lugar do mundo encapsulou com tal precisão brutal a nossa falência moral quanto a Palestina. Em 2025, a situação ali deixou de ser uma "questão geopolítica complexa" para se tornar um espelho. Um espelho segurado por mãos trêmulas diante da civilização ocidental, refletindo não a imagem da democracia e dos direitos humanos que tanto propagamos, mas o rosto desfigurado da hipocrisia. O sofrimento do povo palestino não foi uma tragédia à margem do sistema; foi seu produto direto, seu subproduto mais venenoso. E o descaso ou, pior, o apoio calculado das grandes potências não foi um lapso de julgamento. Foi a confirmação de um credo: há vidas que valem mais do que outras. Há sangue que é combustível barato para a máquina.

E qual é essa máquina? É o sistema que 2025 desnudou sem piedade: o capitalismo em sua fase de ganância inesgotável, canibalística. Ele já não se contenta em explorar recursos; precisa explorar o próprio caos. A indústria bélica não dorme. Ela celebra. Cada míssil que cai é a semente de um novo contrato, de um novo dividendo. O horror vira commodity. A instabilidade geopolítica é o cenário perfeito para especulações, para o controle de rotas, para a venda de "soluções" de segurança que nunca trazem segurança, apenas mais lucro. A ganância inesgotável não vê pessoas, vê variáveis. Não vê cidades, vê pontos estratégicos. Não vê luto, vê uma pausa antes da próxima oportunidade de negócio.

Vimos, em 2025, a linguagem se perverter. "Defesa do estilo de vida" tornou-se o eufemismo para proteger mercados. "Paz e prosperidade" são bênçãos reservadas aos mapas que concentram o capital. A dor de Gaza, da Ucrânia, de tantos outros lugares sangrando, é tratada nos corredores do poder como "dano colateral" em um grande jogo de xadrez. Mas esse jogo tem tabuleiro de aço e peças de carne humana.

O que nos aguarda no futuro? A pergunta ecoa, vazia, no salão decadente de um planeta exausto. Se o futuro for apenas uma projeção linear de 2025, então ele é sombrio. Será um amontoado de crises migratórias tratadas com muros e xenofobia, de ecossistemas em colapso enquanto megacorporações lutam pelos últimos recursos, de discursos de ódio amplificados por algoritmos que lucram com a divisão.

Mas talvez a única luz, pálida e teimosa, que 2025 nos deixou tenha sido justamente a de rasgar o véu. A de mostrar, sem disfarces, a engrenagem doente. A indignação global, mesmo sufocada pela propaganda, é real. A recusa de uma nova geração em aceitar esse cânone de normalidade é real. O futuro que nos aguarda não está escrito. Ele será forjado na escolha diária entre a indiferença cúmplice e a solidariedade radical. Entre aceitar que a ganância é o motor do mundo ou gritar, até ficar sem voz, que a vida não pode ser o preço do lucro.

2025 nos ensinou, a ferro e fogo, que a neutralidade é ficção. Ou nos engajamos na construção de um mundo onde a dignidade valha mais que o petrodólar, ou seremos espectadores e, no fim, vítimas da próxima catástrofe que a máquina, insaciável, já está programando. O ano termina. A pergunta fica. E a resposta, ainda que não saibamos, depende de para quem, e para o quê, decidimos abrir os olhos em 2026.

# João Azevêdo

Governador da Paraíba

## “Governar é cuidar das pessoas, e é isso o que temos feito”



Gestor diz que autoestima dos cidadãos está elevada. “A gente estufa o peito e diz que é paraibano com muito orgulho”

Da Redação

Nos últimos sete anos, a Paraíba mudou para melhor. O estado hoje é o primeiro do Nordeste e o quinto do Brasil em liberdade econômica, além de ter a melhor qualidade de vida da região, de acordo com o índice de Progresso Social. No *ranking* de competitividade do Centro de Liderança Pública, é o estado mais competitivo do Nordeste pelo segundo ano consecutivo e o Produto Interno Bruto (PIB) cresce acima da média nacional, além de estar no grupo seletivo de estados com *rating* A+ pela Secretaria do Tesouro Nacional. Em entrevista ao jornal **A União**, o governador João Azevêdo destaca o bom momento que o estado está vivendo e também comenta sobre as obras estruturantes que realizou nos últimos anos do seu governo e as que estão em andamento, tendo como foco principal o bem-estar dos paraibanos.

## Entrevista

■ *Depois de sete anos à frente do Executivo estadual, como o senhor avalia as ações desta gestão? O que mais mudou na Paraíba de hoje em relação à Paraíba de 2019, seu primeiro ano de mandato?*

Eu tenho muita satisfação pelo trabalho que realizamos desde 2019. Sempre falo que, acima de tudo, governar é cuidar das pessoas, e é isso que temos feito. A autoestima do paraibano hoje é outra, o que é resultado do esforço coletivo da nossa equipe de governo que rendeu os números positivos que celebramos hoje. Eu digo que antes a gente dizia em voz baixa que era da Paraíba, mas essa realidade hoje é outra — a gente estufa o peito e diz que é paraibano com muito orgulho. A Paraíba de hoje é o melhor estado do Nordeste e o quinto do Brasil em liberdade econômica; somos o estado com a melhor qualidade de vida do Norte/Nordeste, de acordo com o índice de Progresso Social; no *ranking* de competitividade do Centro de Liderança Pública, somos o estado mais competitivo do Nordeste pelo segundo ano consecutivo; o nosso PIB cresce acima da média nacional; estamos em um grupo seletivo de estados com *rating* A+ pela Secretaria do Tesouro Nacional; e o nosso equilíbrio fiscal e financeiro tem assegurado um grande volume de investimentos com recursos próprios e atraído grandes empreendimentos. Para se ter uma ideia, a Paraíba gerou, de 2019 a setembro de 2025, mais de 1,3 milhão de empregos formais; nesse mesmo período, o saldo de empregos formais foi cinco vezes maior do que o observado entre 2012 e 2018, e isso representa o grande momento da nossa economia, que tem feito o nosso estado ganhar visibilidade regional e nacional. A nossa gestão está presente nos 223 municípios do estado, com obras e políticas públicas e, sem dúvida, tudo isso nos dá a sensação de dever cumprido e de que estamos no caminho certo.

■ *Há alguma entrega da qual o senhor se orgulhe mais?*

Eu não vou citar uma obra específica. A obra mais importante para uma pessoa é aquela que mudou a vida dela e pode ser uma ação que demandou um grande volume de recursos ou não. Ao longo do nosso governo, tivemos a capacidade de quebrar paradigmas e tirar do papel obras sonhadas há anos, como a Ponte do Futuro, que interliga os municípios de Cabedelo, Santa Rita e Lucena; o Polo Turístico Cabo Branco, que representa um divisor de águas no turismo paraibano; o Centro de Convenções de Campina Grande; os Hospitais de Trauma do Sertão, além dos hospitais da Mulher de João Pessoa, Campina Grande e Sousa; as adutoras do Curi-

mataú e do Cariri; mas também tem uma passagem molhada que tirou famílias do isolamento, os sistemas de abastecimento de água que levaram água para as torneiras e que fizeram pessoas tomarem banho de chuveiro pela primeira vez na vida, ou seja, é o poder de transformação de uma política pública que vai dimensionar o seu valor para uma determinada pessoa, e nós ficamos orgulhosos porque o nosso governo chegou em todos os 223 municípios, seja com creche, com escola, com travessia urbana, com programas de segurança alimentar como o Tá na Mesa ou Restaurantes Populares, com a interiorização do atendimento de média e alta complexidade na Saúde, com UTIs aéreas para transportar pacientes do SUS. Uma Paraíba que verdadeiramente mudou para melhor e transformou realidades de muita gente.

■ *Em novembro, uma comitiva do Governo Estadual participou da COP30. Como a Paraíba tem colaborado com a sustentabilidade do planeta?*

Nós tivemos a oportunidade de mostrar ao mundo como o nosso estado tem se destacado na construção de soluções climáticas justas e inovadoras, colaborando com a sustentabilidade do planeta por meio de políticas públicas consistentes, programas estruturantes e, agora, pela adoção de tecnologias de ponta para monitoramento e planejamento climático. Uma das iniciativas que o nosso governo apresentou lá foi o Programa Paraíba Mais Verde, que abrange ações de restauração ambiental, inclusão social e desenvolvimento sustentável. Além disso, demos um passo inédito no Nordeste ao firmar um acordo de cooperação técnica com o Google e o Instituto Climático Von Bohlen&Halbac, nos tornando o primeiro estado da região a utilizar um conjunto de ferramentas avançadas de inteligência artificial para monitorar emissões de gases do efeito estufa; mapear qualidade do ar; analisar trânsito e mobilidade urbana; identificar áreas de calor e priorizar o plantio de árvores; estimar o potencial de energia solar em cada telhado dos municípios, ou seja, a Paraíba entra em uma nova fase da gestão ambiental com o uso da tecnologia, alinhada às demandas climáticas do século 21.

■ *Com a Paraíba projetando um crescimento do PIB em 2025 — acima das médias do Nordeste e do Brasil —, quais ações concretas o Governo do Estado pretende adotar para garantir que essa estimativa se traduza em crescimento real e sustentável?*

A nossa gestão já vem adotando essas medidas. Aqui eu posso citar o

programa Paraíba 2025–2026 com investimentos de R\$ 11,5 bilhões que abrangem um amplo conjunto de obras e ações, seja em infraestrutura, educação, programas sociais; atração de investimentos, com programas de incentivos locacional e fiscal. Temos também o Polo Turístico Cabo Branco, maior complexo turístico planejado em execução no Brasil, com investimento de R\$ 2,8 bilhões da iniciativa privada, onde estão sendo construídos 14 mil leitos de hotelaria, com geração de 20 mil empregos na etapa de construção e 21 mil na fase de operação, já com os primeiros empreendimentos entrando em operação a partir de 2026; a implantação do Polo Têxtil da Capital, contemplando 42 empresas, mais de R\$ 41 milhões em investimentos e geração de três mil empregos apenas nesta primeira fase, dentre tantas outras ações.

■ *Quais medidas estão sendo adotadas para manter a sustentabilidade fiscal do estado?*

O governo já adota medidas de prudência, visando a manutenção de estrutura fiscal sólida, dentre elas o resultado fiscal positivo. A Paraíba é um dos estados com as finanças mais saudáveis do país, e esse equilíbrio permite que o governo tenha margem para investir sem comprometer os serviços públicos, o pagamento regular da folha e obrigações financeiras. Também temos atraído empresas para ampliar a nossa base produtiva, potencializar a geração de empregos e renda, o que fortalece as contas públicas de forma estrutural e sustentável.

■ *A Paraíba vem se destacando na geração de energia limpa, com projetos de energia eólica e usinas fotovoltaicas. Como o senhor avalia o papel do estado na transição energética nacional?*

A Paraíba tem se consolidado como um dos estados relevantes na transição energética do Brasil. O nosso estado não apenas acompanha a transição, como é um exemplo prático dela, operando hoje com uma matriz elétrica 100% renovável. Atualmente, a nossa matriz elétrica conta com 1,83 GW de capacidade instalada, resultado da forte expansão das fontes eólica e solar fotovoltaica. A energia eólica representa mais de 60% da matriz, com 42 parques em operação, enquanto a energia solar já ultrapassa 39%, com 34 usinas em operação, evidenciando um equilíbrio robusto entre essas fontes. Porém, o dado mais importante sobre o papel da Paraíba na transição energética nacional não é apenas analisando o cenário atual, mas o que está em construção. Com os projetos já autorizados e em fase de construção, a Paraíba atingirá cerca de 8,4 GW de capacidade instalada, um crescimento superior a 360%. Esse avanço será impulsionado principalmente pela energia solar. O estado possui 85 novos empreendimentos fotovoltaicos outorgados, que adicionarão mais de 3.903 MW ao sistema elétrico. No setor eólico, também está prevista uma expansão expressiva, com 57 novos parques eólicos outorgados, resultando um acréscimo de 2.130 MW.

■ *Na área de segurança pública, o ano foi marcado por operações de combate a lideranças e grupos criminosos vinculados, especialmente, ao Comando Vermelho. Que providências serão tomadas em 2026?*

Essas medidas vêm sendo adotadas com a qualificação das nossas polícias, que trabalham de forma integrada para o enfrentamento diário da criminalidade, com ações orientadas pelo Serviço de Inteligência, focando na descapitalização dos núcleos criminosos. Nós também temos realizado operações integradas com o Gaeco, Polícia Federal e com outros estados, a exemplo do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, além do fortalecimento de ações de cooperação, como a que assinamos agora com o Ministério Público do Estado para fortalecer o combate ao crime organizado no estado, para que a gente possa, cada vez mais, garantir a segurança da população. É importante ressaltar os importantes investimentos que temos feito em tecnologia e na aquisição de equipamentos, fardamentos e viaturas e, principalmente, em recursos humanos, com a realização de concursos públicos para a Polícia Civil, com 1.400 vagas, e para a Polícia Militar, com 1.300 vagas, promoções, realização de Planos de Cargos, Carreira e Remuneração, criação da ajuda de custo operacional, redução no tempo de promoções e atualização das Leis de Organização Básica da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros, abertura da Policlínica Integrada de Segurança Pública, incorporação da bolsa desempenho ao salário, aumento da bonificação por apreensão de armas de fogo, o que, sem dúvida, deixa as corporações mais motivadas e faz o estado ter uma das melhores seguranças do Brasil, como aponta o Centro de Liderança Pública.

■ *O Congresso Nacional vem sendo alvo de muitas críticas em várias partes do país. Como o senhor avalia as decisões daquela Casa?*

Os debates no Parlamento fazem parte da democracia e é natural que, em algumas discussões, os ânimos sejam acirrados. O importante é que a nossa democracia seja preservada e que as decisões acompanhem os interesses da sociedade, afinal os parlamentares são representantes do povo.

■ *Em relação ao Governo Federal, que resultados a Paraíba tem colhido de seu bom relacionamento com o presidente?*

Desde o primeiro ano do governo do presidente Lula, as relações institucionais entre a União e os estados foram retomadas. Tanto é que, na condição de presidente do Consórcio Nordeste à época, fomos chamados pelo presidente para apresentarmos as principais demandas da região e, ao longo dos anos, tivemos a abertura com os Ministérios para pleitearmos ações em conjunto com o Governo Federal. Aqui eu posso citar a implantação do Centro Internacional de Computação Quântica na Paraíba, a partir de uma parceria com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, onde serão investidos cerca de R\$ 75 milhões, sendo metade dos recursos do Governo do Estado e a outra metade da gestão do presidente Lula. Nós também temos as obras do novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), com investimentos importantes em infraestrutura, com obras na área de recursos hídricos, como a terceira etapa do canal Acauã-Araçagi; na educação, com construção de escolas; na cultura, com os Centros Culturais; na saúde, podemos destacar o Hospital de Trauma do Sertão,

em Patos, e o Hospital da Mulher, em Sousa; que totalizam recursos de R\$ 18 bilhões apenas para o Estado, além de tantas outras parcerias que conseguimos firmar ao longo desse tempo, uma demonstração do olhar especial do Governo Federal com a Paraíba e com o Nordeste.

■ *Quais são as prioridades do Governo do Estado para impulsionar os principais setores da economia paraibana — agropecuária, indústria e serviços?*

Nós temos várias iniciativas para estimular esses setores. Na agropecuária, temos incentivado a realização de feiras, que, apenas em 2025, movimentaram mais de R\$ 270 milhões em negócios, além de termos ações estruturantes de apoio à agricultura, a exemplo do PB Rural Sustentável, que vai entrar na sua segunda fase, com investimentos que irão injetar mais R\$ 336 milhões no segmento; também construímos 120 bancos de sementes distribuídos em 15 territórios rurais do estado, beneficiando diretamente mais 25 mil famílias agricultoras; além da destinação de recursos para o Programa de Aquisição de Alimentos e o Incluir Paraíba, que ajuda famílias agricultoras em situação de vulnerabilidade. Para fortalecer a nossa indústria, temos atraído empresas de diversos segmentos, inclusive com incentivos para micro e pequenas empresas, assegurando a base tributária e a geração de emprego, contribuindo para a arrecadação e para a resiliência fiscal, tanto é que o setor industrial da Paraíba terá o terceiro maior crescimento do país e o primeiro do Nordeste em 2025, de acordo com estudos do Banco do Brasil. Nós também mantivemos a liderança na taxa de crescimento no setor de serviços no Nordeste e alcançamos o terceiro maior índice do país no ano, demonstrando a força do segmento. Ao combinarmos indústria, serviços, infraestrutura, habitação, economia verde, turismo e programas sociais, o governo evita concentrar a economia em poucos vetores e, assim, asseguramos o desenvolvimento do estado em várias áreas e de forma descentralizada.

■ *O que o senhor ainda deseja fazer pela Paraíba até o fim do mandato?*

Muito foi feito, mas ainda há muito para fazer. Mas tenho certeza de que deixamos a Paraíba melhor. Melhor na educação, na segurança pública, na saúde, na infraestrutura, nas políticas públicas de assistência social e de geração de emprego e renda, no trato com o servidor público, no diálogo com os demais poderes. Fizemos uma gestão de muito trabalho, muitas obras, mas, acima de tudo, com muito respeito às pessoas, levando dignidade e cidadania. Nós esperamos concluir um grande volume de obras até o final de nosso mandato, seja na infraestrutura hídrica, como as adutoras do Cariri e Curimatá, os hospitais que estão com obras em andamento, e é importante dizer que a Paraíba chegou a um patamar de muitas ações que não podem retroceder. Nós estamos cumprindo a nossa missão e tenho convicção de que a vida do paraibano está muito melhor porque tivemos a coragem, ousadia, compromisso e, principalmente, um trabalho incansável para que as pessoas tenham novas oportunidades de oferecer uma vida melhor às suas famílias.

## VOLTA PARA CASA

# Quando regressar é seguir adiante

*Jovens redescobrem suas raízes e mostram que retornar ao local de origem pode gerar autonomia e desenvolvimento*

Nalim Tavares  
nalimtavaresrd@gmail.com

Em uma das estruturas narrativas mais famosas, a Jornada do Herói desenvolvida por Joseph Campbell, a história termina exitosa quando o protagonista volta para casa mais sábio e mais maduro, transformado pela aventura. Tal retorno, de alguma forma, é capaz de mudar o mundo — ou, pelo menos, o pedaço dele que cerca o herói. A história é semelhante quando se fala de pessoas que deixam suas cidades em busca de estudos e novas oportunidades, mas que escolhem voltar para aplicar o que aprenderam. Ao acreditar no potencial cultural e socioeconômico de sua cidade natal, jovens dão início a um processo de valorização do interior e ajudam a expor as potencialidades e talentos que residem nele.

Em 2015 e 2016, o pernambucano Victor Borges deixou Goiana, a cidade onde cresceu, para estudar na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa. A capital paraibana foi uma paixão instantânea. A Porta do Sol das Américas prometia oportunidades. Victor conta que, desde o primeiro contato, sentiu-se acolhi-



Em 2024, Enio Marx e equipe produziram um documentário a respeito da linha férrea de Sousa

do pela capital paraibana e pelos seus moradores. “Percebi que me adaptar não seria difícil, e não foi. João Pessoa me recebeu com a leveza de quem acolhe quem chega para ficar”.

Longe dos pais e do convívio familiar, Victor se viu com mais responsabilidades e precisou amadurecer mais rápido. Formado em Publicidade e Propaganda há quatro anos, ele concluiu o curso no fim da pandemia de

Covid-19, que adicionou mais uma camada de dificuldade ao desafio de, pela primeira vez, encarar o mundo profissional. No entanto, Victor entendeu que a experiência foi necessária para torná-lo mais consciente das escolhas que fazia.

A decisão de voltar para Goiana, onde ele reside atualmente, surgiu de uma compreensão da lei da oferta e da demanda. Depois de toda a experiência adquirida du-

rante a sua formação, o recém-formado publicitário percebeu que podia fazer a diferença no mercado goiano e resolveu retornar, para aplicar em sua cidade natal tudo o que aprendeu fora. “Lar, identidade e pertencimento tiveram um papel decisivo nessa escolha. Mas, mais do que voltar para o mesmo lugar, quis voltar com algo a acrescentar, com o desejo genuíno de contribuir para o desenvolvimento da

cidade que me formou como pessoa e, agora, me acolhe como profissional”, ele diz.

A história de Enio Marx, que saiu de Sousa, no Alto Sertão da Paraíba, para cursar Comunicação Social na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), tem uma premissa semelhante, mas um desenrolar diferente: para ele, adaptar-se foi difícil e, embora ainda não estivesse pensando em voltar para sua cidade natal, não conseguiu sentir-se em casa na Rainha da Borborema. Enio relata que Sousa, além de oferecer uma vasta programação cultural gratuita, é uma cidade pequena, o que permitia que ele se deslocasse sem gastar dinheiro — que, na época, era escasso — com transporte. Longe da família e com uma barreira entre ele e as atividades que lhe traziam alegria, debruçou-se sobre os estudos e encontrou prazer na produção acadêmica.

Quando estudante, Enio fez amizades em projetos de extensão, mas o senso de pertencimento continuou atraindo-o de volta para Sousa. Depois que a mãe dele faleceu, o contato com a cidade pareceu aproximá-lo de suas raízes; nesse momento, decidiu retornar, definitivamente,

para a terra natal. “Hoje, é um lugar pelo qual eu sou apaixonado. Sinto-me acolhido e abraçado, como se o meu lugar fosse aqui mesmo”, conta. Atualmente, Enio é presidente da Rádio Educativa FM, onde procura unir a prática como pesquisador e comunicador para espalhar cultura e informação. “A rádio Educativa FM tem esse objetivo de difundir conhecimento científico, então ajudo a manter projetos e programas educativos na rádio. E eu acredito que o impacto que causo aqui veio, justamente, da minha experiência na academia”, ele explica.

Autor do documentário “Nos Trilhos da Estação”, de 2024, Enio encontrou uma forma de aliar suas paixões e retribuir o sentimento de acolhida que Sousa despertou nele. No filme, dirigido e roteirizado por ele, a cultura, as tradições e a vida comunitária no Bairro da Estação são exaltadas, revelando como a estação de trem local, a feira de frutas e a Igreja Matriz de Santana deixam de ser pontos de referência quando se tornam equipamentos sociais que unem toda a comunidade. Um segundo documentário, “A Arte dos Beiradeiros”, está sendo produzido.

## Sempre se carrega o lugar onde se nasce

Ao contrariar a lógica das migrações para os grandes centros, os jovens encontram formas de impulsionar o desenvolvimento local, deixando que seus talentos e aptidões chamem atenção para o interior e convidando a terra natal a se desenvolver junto deles. Essa relação, porém, é uma via de mão dupla. O processo de partir e regressar ao lugar onde se nasceu pode ajudar uma pessoa a descobrir quem é e como ela se afirma no mundo.

Segundo a psicóloga Rayanne Moreira, para o bem ou para o mal, sempre carregamos conosco um pouco do lugar onde crescemos. “As oportunidades que recebemos, a segurança que sentimos e nossas relações pessoais, dividindo o teto com a família, formam uma série de aspectos da nossa personalidade adulta”, ela disserta. “Quando saímos para o mundo e ampliamos nossos horizontes, vamos ganhando um certo poder de escolha. Escolher voltar para a sua cidade natal, ou se afastar dela, é uma forma de entender o que é melhor para você, em que lugar do mundo você se sente mais conectado a si mesmo”.

Essa ideia compõe uma parte da história de Yasmin Formiga e de sua cidade natal, Santa Luzia. Artista visual, educadora e ativista ambiental do Sertão paraibano, Yasmin conta que, antes de completar 18 anos, deixou a cidade para estudar Artes Visuais na UFPB, período em que viveu na capital do estado, João Pessoa. “Quando resolve-



Yasmin constrói sua arte conectada à Caatinga

mos morar fora para estudar, passamos por um processo de deslumbramento, de chegar em um lugar novo, em uma cidade que é maior e mais cheia de oportunidades”, ela relembra. “Só que, quando cheguei em João Pessoa, senti uma diferença muito grande. As pessoas riem do meu sotaque, e demorei para perceber que faziam isso de um jeito pejorativo”.

Na época, envergonhada pelo tratamento que recebia, Yasmin buscou neutralizar o sotaque e começou a tentar se comunicar com alguém que era natural da capital. “Mas, quando fazia isso, eu sentia que estava me desconectando das minhas raízes, da minha família, e, toda vez que visitava a minha terra e precisava retornar para a capital, para continuar os meus estudos, sentia uma tristeza”, conta. Hoje em dia, ela carrega o sotaque com orgulho, levando-o a espaços institucionais e acadêmicos.

Para Yasmin, a conexão

com a cidade natal sempre foi forte. Atualmente, residindo em Santa Luzia, ela diz que o que mais motivou o retorno foi a vontade de mudar o que era dito sobre cidades que não integram áreas metropolitanas, ou que se afastam das capitais estaduais. “Quando somos do interior, ensinam para a gente que, na nossa terra, não vamos ter muitas oportunidades. Mas esse é um pensamento colonial, estrutural, enraizado para que o semiárido continue com essa imagem, de espaço onde não há crescimento”, ela versa. “Ensinam a gente a querer estudar e trabalhar fora, buscar as oportunidades em outro lugar. E eu sempre achei esse um pensamento muito triste porque, se é isso que nos ensinam, como vamos fazer as coisas acontecerem aqui, na nossa cidade?”, questiona.

Yasmin diz-se marcada pela seguinte frase de José Saramago: “É preciso sair da ilha para ver a ilha”. Ao sair de Santa Luzia para João Pessoa, ela enxergou o que havia de valioso na própria terra, mas também aprendeu mais sobre a própria identidade. “A gente só se entende sertaneja, caatingueira, quando sai do Sertão. Foi quando eu realmente compreendi o estigma e comecei com o ativismo”, ela explica. “Não quero ir para fora. Quero fazer arte na minha terra e mostrar que o semiárido é cheio de potência, que no interior tem muita arte e muito artista incrível, que precisa ser visibilizado”.

Os desafios, no entanto, são inúmeros. Yasmin sen-

te que seu trabalho nem sempre é compreendido e, às vezes, descreve uma sensação de solidão, de quem se sente nadando contra a maré. “É difícil, porque as cidades do interior ainda se baseiam muito em oligarquias, em políticas tradicionais. Então não é fácil chegar aqui e trazer uma arte mais crítica, mas penso que é preciso continuar para fazer a mudança acontecer. Mais gente carrega essa vontade de promover a transformação social através da educação e da arte; só precisamos ocupar os espaços. É um caminho árduo, mas eu não me arrependo”.

Vencedora de um Prêmio Pipa, que celebra e promove a arte contemporânea brasileira, Yasmin se diz motivada a lutar, cada vez mais, por uma Caatinga conservada e protegida, e pelo rompimento com a ideia de que o interior não é lugar para desenvolvimento. “Quero muito ajudar a disseminar esses pensamentos. Quando eu era criança, não via esse tipo de coisa acontecer. Quero mostrar que o nosso lugar é precioso e cheio de vida. Que podemos ter oportunidades aqui, sim. Faça isso por mim, e me sinto realizada. Mas também faço na tentativa de oferecer uma perspectiva diferente para as novas crianças que estão crescendo por aqui”. Hoje, ela acredita que as coisas já são melhores do que eram quando se mudou para estudar e que, a partir de projetos como a Lei Aldir Blanc e a Lei Paulo Gustavo, jovens artistas recebem oportunidades de apresentar os seus trabalhos.

## Decisão que pode trazer delícias e dificuldades

Em Pernambuco, Victor Borges também vê a mudança acontecer e sabe que não está sozinho. “Há muitos jovens que, assim como eu, enxergam o potencial ainda pouco explorado da cidade e acreditam que é possível crescer junto com ela e não longe dela”, ele conta. “Vejo isso refletido em iniciativas e profissionais que admiro e com quem compartilho esse propósito, como o pessoal do Estúdio Oba, Valmir Fotógrafo e Igor Carneiro — todos acreditando que é possível fazer comunicação, arte e negócios de qualidade aqui mesmo, valorizando o que é local, o que é nosso”.

Como publicitário, Victor sente que um dos maiores desafios é a desvalorização do profissional, que não é exclusiva de Goiana, mas sim comum em cidades do interior. “Quando se trata da área digital, essa dificuldade se intensifica. Ainda existe uma certa resistência em enxergar o marketing como investi-

mento e não como gasto”. Entretanto, depois do período que passou trabalhando no mercado competitivo de João Pessoa, ele enxerga esse obstáculo como parte da oportunidade. “Acredito muito que o ambiente molda o profissional. Estar em um cenário mais competitivo me fez elevar meu nível de exigência, e isso se reflete agora no meu retorno. Trazer esse padrão para um mercado menor ajuda a movimentar as estruturas locais: quando um começa a elevar o nível, os demais se inspiram a fazer o mesmo. No fim das contas, isso aquece o mercado e cria um ciclo de crescimento”, finaliza.

Assim, o desafio converte-se em chance de transformação, onde pessoa e cidade recebem a oportunidade de aprender, amadurecer e se desenvolver em conjunto. Pessoas que, nas palavras de Victor, “carregam suas raízes com carinho, cuidado e afeto, e transformam esse vínculo em progresso coletivo”.



Victor Borges ressalta a desvalorização como um desafio

“DEZEMBRITE”

# Fim de ano traz nostalgia e tristeza

Memórias familiares, perdas, cansaço e cobranças podem transformar o período festivo em um gatilho emocional

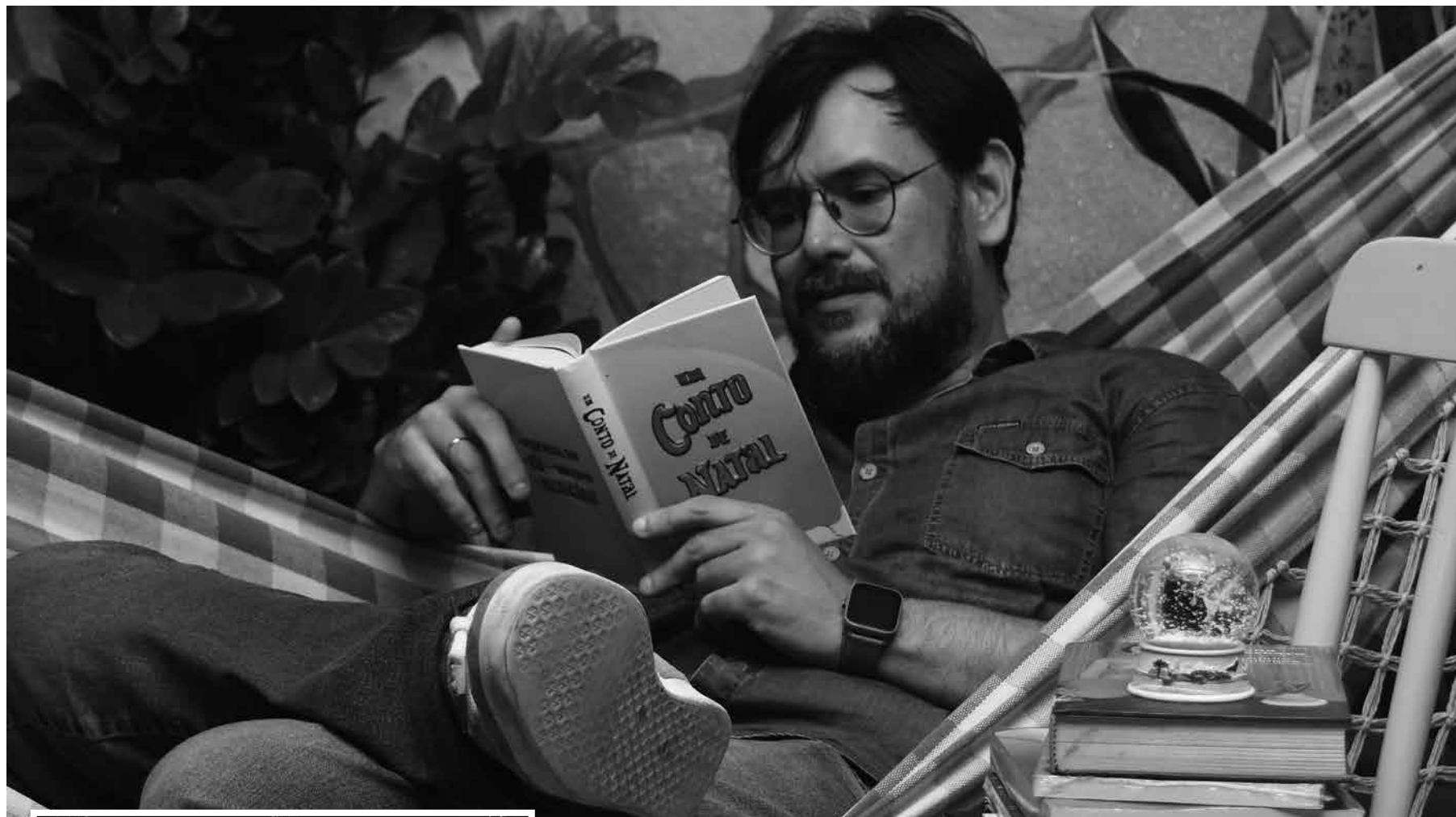
Marcelo Lima  
marcelolimamatal@yahoo.com.br

O Natal acabou. É hora de pedir a bênção, pegar a nota de dinheiro intencionalmente escondida entre os dedos do avô e cair na estrada. Dentro do carro, o toca-fitas reproduz baladas como “Eternal Flame”. Do céu, o pôr do sol doura o caminho pela Borborema paraibana. A viagem de volta para João Pessoa, com parte da família, é uma das lembranças mais distantes do abatimento melancólico que o escritor e jornalista Tiago Germano sente, especialmente no fim do ano.

Ele não está sozinho. A “dezembrite” é um conjunto de sintomas frequentemente relatados nos consultórios de saúde mental e em rodas de amigos nessa época. Além do aprofundamento da tristeza, sintomas como insônia, apatia, irritabilidade, fadiga e dificuldade de concentração tornam-se visíveis como um farol alto.

“O termo ‘dezembrite’ não é utilizado cientificamente; porém, os sintomas que aparecem são descritos clinicamente. Precisa de uma investigação criteriosa pelo fato de serem sintomas parecidos com outros transtornos, como *burn out* [síndrome do esgotamento] e transtorno de ansiedade generalizada, por exemplo”, comenta a psicóloga Twanne Aparecida Melo.

O isolamento é o destino mais desejado por quem carrega os sintomas. Isso evita o desconforto causado pelo período permeado por balanços pessoais, definição de metas e confraternizações, uma carga pesada e quase impositiva. “O isolamento é para não ter contato com as pessoas que estão sorrindo, aquelas que, no pon-



O escritor Tiago Germano relata que costuma ser tomado pela melancolia durante o fim do ano



Para algumas pessoas, o caminho no Natal é obscuro

to de vista dela, estão bem. Ela vai dizer o seguinte: “Eu sou assim, todo ano é a mesma coisa”, acrescenta a psicóloga Adriana de Melo.

Para que as pessoas não caiam em buracos por avaliações pessoais tendenciosamente negativas durante o período do fim de ano, a psicóloga orienta traçar metas alcançáveis, tipo tentar compensar fracassos passados com

objetivos irrealistas em um futuro muito próximo. Objetivos que exigem longos caminhos podem ser conquistados por partes.

## Bagagem

Questões mal resolvidas durante o percurso da vida também podem pesar mais na bagagem nesse momento. “Nem todo mundo consegue responder, na ponta da língua,

por que sente-se assim. Mas, quando começamos o diálogo, percebemos que é, exatamente, algo que ficou a vida toda rondando, um luto mal elaborado, uma perda”, explica Adriana.

Hoje, a memória do retorno para casa, depois do Natal na casa dos avós, em Picuí, é parte do pacote de nostalgia que estaciona na vida de Germano nesse período. Além disso, há cerca de 10 anos, ele acumula a perda do tio, responsável pela organização das festas de fim de ano.

Entretanto, a renovação da família é uma ignição para não parar. Junto aos outros familiares, Germano agora se esforça para dar uma experiência de feliz Natal para a sobrinha de quatro anos. “A

gente tem tentado resignificar essa data por conta dela. Acho que o ser humano já tende a exagerar um pouquinho nas cores, para usar a metáfora, nas coisas tristes”, pondera.

As limitações materiais também podem contribuir para esse estado. Não ter o dinheiro para uma ceia extraordinária, troca de presentes e roupas novas, ano após ano, é combustível para a insatisfação crescente. “O final do ano é o capitalismo falado mais alto. Quando o indivíduo toma consciência que tudo isso é reflexo de como ele aprendeu a enxergar o mundo, aí muda tudo”, ressalta a especialista.

## Mecânica da mente

Em geral, a síndrome de fim de ano vai embora junto com o período reflexivo. Caso contrário, segundo a psicóloga Twanne Melo, é necessário um cuidado especializado, muitas vezes multidisciplinar, que pode incluir o uso de ferramentas como medicamentos, prescritos por psiquiatras. Tudo com o objetivo de chegar a um diagnóstico preciso e oferecer o tratamento adequado.

“O que vai diferenciar são as causas, a duração, investigar se há outros fatores fisiológicos para que a gente possa diferenciar a ‘dezembrite’ da síndrome da fadiga crônica e outros transtornos. Tem pessoas com diagnóstico, que chamamos de depressão sazonal, que seria uma depressão por período, como no final do ano”, comenta Twanne.

Para Adriana, a mazela atrapalhar a dinâmica cotidiana do sujeito é o principal in-

dicativo para que se torne fundamental procurar uma ajuda profissional. “A terapia sempre é bem-vinda. Mas, se sua rotina começa a ficar disfuncional, [se] ela começa a se desorganizar por conta do que você está enfrentando, a terapia é necessária”, defende.

## Volta com propósito

O diagnóstico de transtornos mentais preexistentes não significa, obrigatoriamente, maior possibilidade para a “dezembrite”. “Às vezes, é o contrário. Tenho pacientes com transtornos que ficam bem no fim do ano, gostam de sair pra comprar, gostam de sair com a família”, testemunha a psicóloga.

Em tratamento de depressão desde 2006, Tiago Germano acredita que essa jornada pavimentou um caminho estável, ainda que ele esteja mais sensível nesse período. “Faz tanto tempo que eu me trato, que eu já me armei para lidar com essas circunstâncias”, relata.

Neste ano, para atribuir mais propósito positivo à data, Germano resolveu adotar uma prática de um colega escritor. Ele vai organizar sua biblioteca e presentear pessoas com alguns títulos. “Talvez isso ajude a dar um sentido de ordenação, sensação de controle para uma pessoa como eu, que gosta muito de livros”, supôs, buscando apegar-se a duas sensações muito presentes no período natalino: o alívio e a inspiração. “Freud fala da psicanálise como cura pela fala. A literatura é uma cura pela escrita, principalmente pra mim, que sou cronista”, completa.

## Último mês do ano tem mais atendimentos

Dezembro costuma ser o mês do ano com o maior número de atendimentos no Centro de Valorização da Vida (CVV) em João Pessoa.

No último mês do ano passado, foram registradas 9.763 ligações de todo o Brasil, pelo telefone 188, feitas por pessoas em busca de apoio emocional.

“É um período em que a solidão fica mais exacerbada. Ela se destaca muito nesses momentos mais festivos. Então recebemos ligações de perdas em geral: de relacionamentos, de entes queridos que faleceram, uma série de situações”, diz Roberto Bezerra Leandro, vice-coordenador do posto do CVV na capital.

Do outro lado da linha, as pessoas vão encontrar 37 voluntários que doam três horas por semana para conversar com quem precisa, no mínimo, ser ouvido. As ligações são gratuitas e podem durar o tempo que for necessário.

Para prestar um bom atendimento num momento tão sensível na vida de milhares de pessoas, os voluntários passam por um treinamento de 12 semanas. Para os interessados em ficar vinculados ao posto de João

Pessoa, as capacitações têm ocorrido pela internet. Porém, segundo o vice-coordenador, há uma perspectiva de abrir uma turma presencial no início do próximo ano.

## Requisitos

Ter 18 anos ou mais e disponibilidade de tempo para se dedicar são os principais requisitos para tornar-se voluntário. Para fazer o atendimento, nem é necessário sair de casa. “Se eu tiver, na minha residência, um quarto reservado, fone de ouvido e um equipamento como notebook ou um computador de mesa, que atenda os requisitos da conexão, é possível atender de onde estiver”, completou Roberto Leandro.

Há 62 anos no Brasil, o CVV oferece um serviço de prevenção ao suicídio e apoio a quem está em sofrimento psíquico por telefone. Com a técnica da escuta ativa (sem julgar situações ou prescrever soluções simplistas), o atendimento funciona 24 horas por dia, sob a premissa do sigilo da conversa e anonimato.

Embora a marca do atendimento do CVV seja por telefone, a organização também atende por chat de

mensagens no site em horários mais restritos. A psicóloga Adriana de Melo já foi voluntária da entidade e recomenda o serviço. “É um serviço que, na urgência da angústia, ajuda bastante. Tudo que vier para acolher vale a pena”, avaliou a especialista. Apesar disso, o serviço não substitui o acompanhamento com profissional, quando necessário.

O Centro de Valorização da Vida mantém diferentes canais de comunicação para acolher quem precisa de apoio emocional. Pelo telefone 188, o atendimento funciona de forma gratuita e sigilosa, oferecendo escuta a qualquer hora do dia. Outra possibilidade é o chat, acessível pelo endereço cvv.org.br/chat, onde voluntários treinados também prestam apoio em tempo real. Para quem deseja integrar a equipe e contribuir com o serviço, o CVV disponibiliza um canal de inscrição para voluntários, acessível no site cvv.org.br/inscricao-voluntario, reunindo orientações detalhadas sobre o processo de participação.

No ano passado, o mês de dezembro foi o que registrou o maior número de atendimentos no CVV da Paraíba,

registrando 9.763 ligações recebidas, o que significou 1.303 chamadas a mais que março, segundo mês no ranking de quantidade de ocorrências.



Foto: Arquivo pessoal

**O Centro de Valorização da Vida é um serviço que, na urgência da angústia, ajuda bastante. Tudo que vier para acolher vale a pena**

Adriana de Melo

## Saiba Mais

### Luzes artificiais

■ Pessoas que se expõem fortemente a luzes à noite têm o risco 30% maior de depressão, ansiedade, comportamentos auto-lesivos e humor depressivo. A informação é da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP), publicada no Contributo Científico – Luminosidade e Saúde Mental de 2024.

■ O documento reforça

que a alta exposição noturna também pode provocar insônia na hora de dormir e sonolência durante o dia.

■ Não há informação, no entanto, se a iluminação natalina também pode causar danos. A psicóloga Adriana de Melo acredita que, por ser uma exposição pontual, as luzes festivas não geram prejuízos.

BALANÇO DE 2025

# PCPB fecha ano com quatro mil ações

Em entrevista exclusiva, delegado-geral celebra avanços no combate a facções e na elucidação de homicídios

Emerson da Cunha  
 emersonsousa@gmail.com

Mais de quatro mil ações foram empreendidas pela Polícia Civil da Paraíba (PCPB), de janeiro a novembro deste ano — o que configura um aumento de quase 20 vezes o total realizado pela instituição em 2020, quando foram registradas cerca de 250 atividades. O índice também é superior ao do ano passado, que terminou com aproximadamente 2.800 ações.

Um dos resultados da atuação em 2025 foram as cerca de cinco mil prisões efetuadas por agentes do órgão de Segurança. Por sua vez, os casos de homicídio cometidos neste ano, no estado — que giraram em torno de 900, refletindo uma redução de 4,5% em relação a 2024 —, tiveram um patamar de resolução de 66%, ou seja, mais de 600 ocorrências elucidadas. Os dados preliminares foram revelados à reportagem do jornal **A União** pelo delegado-geral da PCPB, André Rabelo, em entrevista concedida na nova sede da Delegacia-Geral, no bairro de Manaíra, em João Pessoa.

Entre os casos solucionados pela Polícia Civil paraibana neste ano, destaca-se o duplo homicídio de um casal de idosos, Célia e Nelson Honorato, no município de Sapé. Três suspeitos de participação no crime, cometido em agosto, foram presos.



Foto: Divulgação/PCPB

De acordo com André Rabelo, operações de enfrentamento do crime organizado resultaram na captura de lideranças de grupos locais e de fora do estado

Outro exemplo emblemático do trabalho da PCPB em 2025, como aponta André, está nas investigações e diligências para elucidar a execução de Peron Filho, veedor da cidade de Jacaraú, que foi morto a tiros em setembro. Conforme as apurações do órgão policial, o homicídio foi ordenado por um rival político da vítima — o ex-secretário de Transportes de Jacaraú, Jeferson da Silva, detido preventivamente após confessar o crime. “Esse caso mostra exa-

tamente o que a gente já vem fazendo, há muito tempo, em relação ao avanço desse tipo de crime mais violento, que amedronta principalmente as testemunhas ou pessoas de bem que estão ligadas à situação”, indica o delegado-geral.

Outra frente proeminente da Polícia Civil, neste ano, foi a intensificação do combate à presença de facções criminosas e ao seu espalhamento pelo Brasil, com especial ênfase às cidades do interior. André explica que há

duas organizações de destaque na Paraíba — uma delas, com influência de um grupo sediado na Região Sudeste — e comemora os resultados positivos das investidas da instituição contra lideranças criminosas. “Nós não temos só uma ou duas ações nessa frente; são ações contínuas de combate ao avanço dessas facções. Nesses embates e confrontos, já retiramos de circulação — com identificação, neutralizações e prisões —, praticamente, todo o comando do grupo criminoso

que queria entrar na Paraíba. Além disso, o comando da facção local já está detido”, detalha.

**Provas técnicas**

De acordo com o delegado-geral, uma das estratégias adotadas pela PCPB para aprimorar as apurações de crimes praticados por essas organizações baseia-se em um uso menor de provas testemunhais e maior de evidências técnicas. A ideia é minimizar tanto a exposição de pessoas inocentes

envolvidas nesses episódios como a dependência desse tipo de prova. Um exemplo relatado por André refere-se à apreensão e à identificação de um projétil, durante um confronto com criminosos, por meio das quais as autoridades conseguiram detectar a participação da mesma quadrilha em 12 crimes diferentes, na Paraíba e no Rio Grande do Norte — dado que contribuiu para investigar os acusados sem a necessidade de depoimentos de testemunhas.

## Investimentos em estrutura e recursos humanos impulsionam eficiência

Quanto aos crimes conhecidos como de grande monta, também chama atenção a taxa de assaltos a bancos e a carros-forte: se, de 2016 a 2017, foram mais de 120 casos no estado, em 2025, até o mês de novembro, houve apenas uma ocorrência desse tipo.

Como salienta o delegado-geral da Polícia Civil, outro foco das atividades do órgão foram os crimes de pequena monta, como furtos e roubos de menor valor. O último ano viu um alto regis-



Foto: Divulgação/PCPB

Mais 400 novos agentes devem reforçar as equipes em 2026

tro de telefones celulares recuperados e devolvidos aos seus legítimos proprietários, após terem sido subtraídos: a chamada Operação Recupera reouve aproximadamente 3.400 desses aparelhos, desde sua deflagração em dezembro de 2024. Na avaliação de André Rabelo, a força-tarefa especializada exemplifica o impacto positivo das políticas estaduais para a Segurança, incluindo investimentos e contratações de mão de obra, “aplicando esses novos recursos humanos numa área específica, sobre a qual precisamos dar uma resposta à população”.

Por isso, de acordo com o representante da PCPB, os bons números do desempenho neste ano refletem os aportes públicos em pes-

soal, infraestrutura e equipamentos. Em 2025, foram adquiridas 1.300 pistolas e está prevista a entrega de mais 3.300, totalizando quase cinco mil novas armas. Outra aquisição foi de 160 fuzis. “Nós temos aproximadamente 650 viaturas, todas novas, além da realização do maior concurso da história da Polícia Civil. A terceira turma está sendo formada agora e, para o começo do próximo ano, esperamos o chamamento, muito provável, de uma quarta turma, que será um complemento referente aos faltosos e desistentes”, acrescenta André, lembrando que cerca de mil novos homens e mulheres ingressaram na instituição, de 2024 a 2025, e mais 400 devem reforçar as equipes no próximo ano.

## Delegacias ampliam apreensões de armas, entorpecentes e evidências

De janeiro a novembro de 2025, a PCPB contabilizou 3.340 armas apreendidas no estado. Ponto fundamental desse trabalho é a Delegacia Especializada de Combate à Circulação e Comercialização Ilegal de Arma de Fogo, Munições e Explosivos (Desarme). Uma das ocorrências de destaque foi o caso de um clube de tiros da capital, acusado de alugar armamentos para integrantes de facção, além de treiná-los dentro das suas instalações. A polícia recolheu 33 armas do local. “Criamos essa delegacia, e conseguimos resultados muito bons no tocante à apreensão de armamentos e munições”, frisa o delegado-geral André Rabelo.

No mesmo período, o órgão retirou de circulação 4,5

toneladas de entorpecentes. “No estado, não se viam apreensões de 300 kg, 400 kg ou 500 kg, como as que fizemos. Alguns podem dizer: ‘Ah, é porque o crime está aumentando’. Não. Esse volume de drogas já passava por aqui, só não tínhamos meios para apreender tanto. Então temos evoluído nessa área também”, analisa.

O combate à pedofilia é mais um foco das operações da Polícia Civil, em especial, com o envolvimento da Delegacia de Crimes Cibernéticos (Decc), que tem conseguido empreender celeridade à resolução dos casos, graças, inclusive, à ênfase na busca de evidências técnicas — a exemplo de arquivos digitais contendo imagens de violên-

cia sexual infantojuvenil, obtidos mediante mandados de busca e apreensão. “Avançamos com a média de uma ação por semana no enfrentamento da pedofilia. E, aqui, geram-se provas irrefutáveis. Muitas vezes, não precisamos expor testemunhas, como a própria vítima ou os responsáveis pela criança, para dar uma resposta a esses crimes”, afirma André.

A parceria com as polícias de outros estados tem sido, igualmente, fundamental para as investigações criminais da PCPB. Em 2025, até o mês passado, 132 pessoas procuradas pela Justiça da Paraíba foram capturadas fora do estado, com o apoio de autoridades de outras 19 unidades federativas.



Foto: Carlos Rodrigo

**“Tivemos a realização do maior concurso da história do órgão. A terceira turma está sendo formada agora**

André Rabelo



Foto: Divulgação/PCPB

Foram retiradas de circulação 4,5 toneladas de drogas do território paraibano, neste ano

## PASSEIOS NO VERÃO

## Estado oferece variedade de opções

Para além dos atrativos do Litoral, setor turístico disponibiliza experiências culturais e imersivas no interior da Paraíba

Iris Machado  
irmschdo@gmail.com

João Pessoa já é um dos destinos mais procurados para o verão de 2025/2026. A preferência por pontos litorâneos, culturais e históricos impulsionou a movimentação turística na capital paraibana, de modo que espera-se um crescimento de 10% no setor, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis na Paraíba (Abih-PB). Mas, além do turismo de praia e sol, a procura por roteiros personalizados na época mais quente do ano também colocou no mapa as belezas do interior do estado.

“Nosso foco são excursões para o interior da Paraíba e em atividades de experiências culturais imersivas. Durante janeiro, enquanto o turismo de sol e mar cresce, nós buscamos interiorizar nossa demanda, para que a gente trabalhe nesse contraponto”, indica o turismólogo Matheus Nascimento, da agência de turismo Chegue Viajar. “Destinos como Cabaceiras, Areia, Barra de Camaratuba, Baía da Traição e o Vale dos Dinossauros, em Sousa, serão a nossa aposta para o verão”.

Para ele, o objetivo é vender uma Paraíba mais profunda e real, com passeios em sítios históricos para vislumbrar a vegetação local e apreciar comidas regionais. “A proposta é mostrar que a Paraíba é muito além do litoral pessoense e dos novos

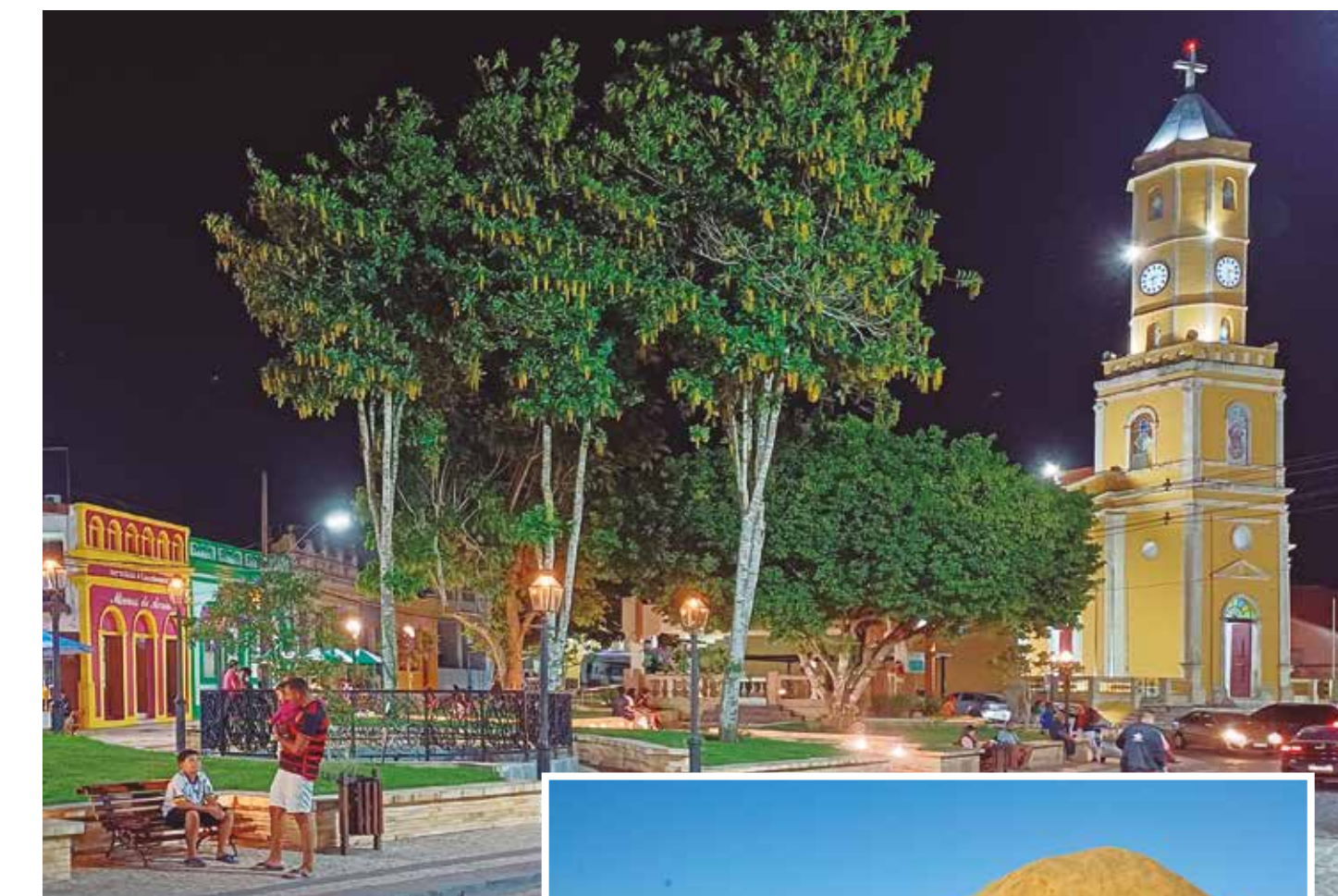


Foto: João Pedrosa

Para representante da agência Chegue Viajar, os municípios de Areia e Cabaceiras — conhecida por abrigar o Lajedo de Pai Mateus — são alguns dos destinos mais promissores durante esta temporada

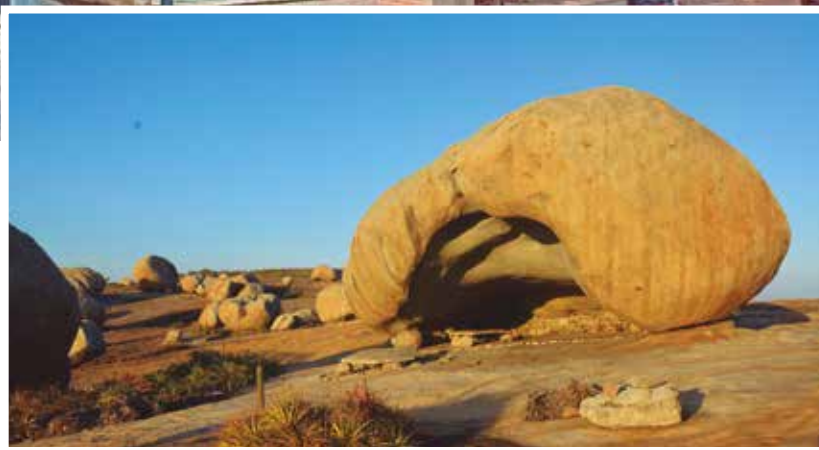


Foto: Roberto Quevedes

parques imobiliários. Existe uma cultura riquíssima a ser apresentada e nós queremos levantar a bandeira da interiorização dessa demanda”, explica Matheus.

Outra empresária animada para o período é a proprietária da Jampa Trip, Kaicy Santos. Há quatro anos no mercado, a equipe oferece

uma agenda de viagens com hospedagem e cobertura fotográfica profissional incluída no pacote. Com o aumento da procura e do número de reservas antecipadas, tudo indica uma temporada mais movimentada.

“Estamos preparados para receber um público cada vez mais diverso, com

roteiros pensados para diferentes perfis, opções para famílias, crianças e viajantes da terceira idade, além de experiências mais aventureiras para quem busca emoção. Projetamos investimentos em novos roteiros, com um crescimento significativo no faturamento. O principal desafio é ampliar estrutura e lo-

gística, criando novas datas e ajustes de horários para atender à alta demanda sem perder qualidade”, revela Kaicy.

#### Movimentação

Somente no Aeroporto Internacional Presidente Castro Pinto, na Região Metropolitana de João Pessoa, a Secretaria de Estado

de Turismo e Desenvolvimento Econômico da Paraíba (Setde-PB) registrou, de janeiro a outubro deste ano, um aumento de 16% no fluxo de passageiros, com relação ao mesmo período do ano passado — mais de 1,5 milhão de viajantes trafegaram pelo terminal. Segundo a Pasta, esse foi o maior crescimento do setor observado no Nordeste — e a tendência é um número ainda maior para a alta estação.

Além disso, de acordo com a Setde-PB, a companhia aérea Azul programou a realização de 230 voos extras para a capital no verão de 2025/2026. Isso inclui novas rotas diretas e reforço de trechos estratégicos até 1º de fevereiro de 2026. Turistas interessados em visitar o estado também terão mais de 5,5 mil assentos extras à disposição, oferecidos pela Latam Airlines Brasil, entre o Aeroporto de Congonhas, em São Paulo (SP), e João Pessoa — com voos adicionais para a capital, aos fins de semana.

■ Proprietária da Jampa Trip projeta investimentos em novos roteiros e ofertas para perfis cada vez mais diversos

## Iniciativas exploram belezas sobre e sob as águas costeiras

Quem escolheu visitar o Litoral paraibano durante a alta temporada encontra à disposição um roteiro extenso e variado de atividades. Uma das pessoas que organizam passeios na época do verão é a pedagoga Jocelina Gomes. Anualmente, ela participa da expedição SOS Mulheres ao Mar, que congrega moradoras da Região Metropolitana de João Pessoa em um catamarã, com o intuito de celebrar a rede de apoio e solidariedade feminina. “Sempre fazemos o mesmo percurso: saindo do píer em Jacaré, navegamos até Areia Vermelha, seguimos para a Prainha e depois, na volta do trajeto, finalizamos com o pôr do sol em Jacaré”, relata.

A primeira jornada do grupo pela costa paraibana ocorreu em 2016. Com apenas 30 pessoas, inicialmente, a tripulação da embarcação cresceu a cada ano. Em janeiro de 2026, quando o passeio completará uma década de realização, 90 mulheres estarão a bordo do catamarã.

“O verão é uma estação convidativa para passeios. Planejamos o nosso com, no mínimo, quatro meses de antecedência. Pensamos em tudo para uma melhor comodidade e a diversão de todas. Pretendemos inovar todos os anos para que nós, mulheres, possamos desfrutar de um dia de lazer e muita diversão entre amigas. Não pode faltar alegria, comida, bebidas

e uma boa música”, acrescenta a pedagoga.

#### Ecoturismo

Já os amantes de aventura têm a opção de desbravar as águas quentes e cristalinas

do mar paraibano por meio da atividade do mergulho recreativo. Livre ou autônoma, com uso de cilindro de oxigênio, a prática desperta tanto habitantes da capital como turistas para contemplar a di-

## Feminino

Grupo formado exclusivamente por mulheres organiza expedições anuais a bordo de um catamarã, encerrando trajeto com o pôr do sol em Jacaré



Operadora promove atividades de mergulho para visitantes contemplarem a vida marinha e naufrágios históricos na orla paraibana



Fotos: Divulgação/Papuan Mergulho e Turismo

e 12 m de profundidade, respectivamente —, são as principais atrações turísticas do segmento em João Pessoa.

Esse tipo de atividade é oferecido pela operadora Papuan Mergulho e Turismo, que atende desde quem nunca teve contato com o mar até mergulhadores experientes. A empresa disponibiliza o aluguel de equipamentos de mergulho, cursos básicos e avançados da prática e de primeiros socorros, além de trajetos de *buggy*, catamarã e quadriciclo, com acompanhamento e instrução profissional. Os valores dos passeios variam de R\$ 100 a R\$ 950.

“Atuamos sob a bandeira do ecoturismo. Nossos passeios entregam aprendizado e ampliam a consciência sobre o universo marinho e o patrimônio natural e histórico da Paraíba. Nós realizamos saídas diárias para os naufrágios históricos do estado e contamos com uma frota própria de embarcações de diferentes portes, preparada para operações em recifes costeiros e em mar aberto”, conta o proprietário e instrutor responsável pelas operações de mergulho, Vitor Freire.

No Litoral Sul, o circuito de *buggy* abrange sete praias do município de Conde: Barra de Gramame, Praia do Amor, Jacumã, Carapibus, Tabatinga, Coqueirinho e Tambaba. Ele dá acesso a lugares que um carro comum, de passeio, não alcança, a exem-

plo dos mirantes Dedo de Deus, Castelo da Princesa e das Tartarugas.

Enquanto isso, no Litoral Norte, a rota começa em Cabedelo, passa pelas praias da orla, pelo Forte de Santa Catarina e, em seguida, atravessa de balsa o Rio Paraíba, para chegar a Lucena. Lá, a Igreja de Nossa Senhora da Guia e as ruínas da antiga Igreja de Bom Sucesso receberam os visitantes e receberam trechos da história paraibana. A viagem termina após uma trilha pelos mais de 500 mil coqueiros de Lucena, pelo banco de areia da Praia do Holandês e pela Barra do Rio Miriri, próximo à cidade de Rio Tinto.

Devido ao crescimento do turismo local, a operadora ampliou a capacidade de atendimento de sua equipe, com o intuito de adaptar as vivências oferecidas aos perfis dos visitantes. Para receber públicos de diferentes nacionalidades, por exemplo, a empresa passou a dispor de instrutores bilíngues. “Também estamos planejando atividades de mergulho voltadas para crianças, com linguagem e dinâmica adequadas, em piscina e nas piscinas naturais. E contaremos com atividades simultâneas de cursos de mergulho, mergulhos em piscinas naturais, mergulhos em naufrágios e recifes profundos, sem comprometer a qualidade da experiência”, finaliza o instrutor.



LITERATURA

# Dicionário arianista

Em “Lições de Realismo Esperançoso”, Carlos Newton Jr. reúne frases e pensamentos de Ariano Suassuna, ditos por ele em entrevistas, palestras e ensaios

Daniel Abath  
abathjornalista@gmail.com

Em vários momentos, o escritor Ariano Suassuna (1927–2014) declarou ser um realista esperançoso – nem tanto ao otimismo ingênuo ou à amargura de um fatalismo insolúvel. Mas essa foi apenas uma das inúmeras formulações proferidas pelo mestre ao longo de décadas de produção e proseado espiritualoso. Atento à miríade do pensar de Ariano e diante de três décadas de convivência e dois anos de pesquisa, o professor e pesquisador Carlos Newton Júnior resolveu organizar, em verbetes, boa parte do pensamento do literato no livro *Lições de Realismo Esperançoso – A Sabedoria e o Riso de Ariano Suassuna* (Editora Nova Fronteira, 152 páginas, R\$ 69,90), em compilado de frases, ideias e reflexões extraídas de entrevistas, ensaios e das icônicas “aulas-espetáculo”.

Disponível para compra pelo site da editora, o volume em capa dura integra visada editorial de reunir pensamentos de nomes fundamentais da cultura brasileira. Exemplo anterior foi o de *Frases Inesquecíveis de Nelson Rodrigues – Só os Profetas Enxergam o Óbvio* (2021, 128 páginas, R\$ 54,90). “E aí eles pensaram em fazer também um volume de Ariano”, explica Carlos.

Coube ao professor organizar o material, coletar frases e pensamentos esparsos de Suas-

suna em uma espécie de fórmula, alternando noções mais engraçadas do nobre escritor. Para tal, Newton Júnior valeu-se de entrevistas em jornais e revistas, artigos, textos ensaísticos – as crônicas opinativas do mestre –, assim como sentenças ouvidas repetidamente pelo pesquisador ao longo de décadas, em palestras, aulas e encontros públicos.

“No caso de Ariano, confundem muito os personagens dos romances dele com o autor. O que é um grande equívoco, porque nem sempre ele subscreve o que o personagem dele diz. Achei por bem não colocar frases de personagens”, ressalta o organizador, afirmando que o livro sobre Nelson Rodrigues faz justamente o contrário.

“Tentei também desmistificar. Qual é a frase que mais se atribui a Ariano hoje – que se vê em camisetas, canecas de loja de artesanato? É uma frase que não é dele, aquela ‘eu não troco o meu oxente pelo ok de seu ninguém’. Isso é um mote de cantoria de Oliveira de Panelas, por exemplo. No prefácio, eu explico isso. Então, o livro serve para isso também”, comenta ele.

A obra segue um padrão de volume semelhante ao dedicado a Nelson Rodrigues, em torno das 150 páginas, o que foi pensado pela editora para manter preço e formato acessíveis. O organizador reconhece que o material poderia ser mais

extenso, mas o objetivo era mesmo o de produzir um livro-síntese.

Estruturalmente, o livro organiza-se como um dicionário temático composto por 184 verbetes. Com a letra A, por exemplo, constam termos como “academia”, “arte popular”, “arte erudita”; já no B figuram palavras como “Brasil real” e “Brasil oficial” – dependendo da frase encontrada, o próprio organizador ajustava o termo em função de sua inteligibilidade.

O sumário é um convite para quem deseja compreender a amplitude das reflexões do escritor. “Você vai pelo sumário e encontra, por exemplo, ‘avião’, ‘viagens’”, exemplifica. “Como convivi muito com ele, havia expressões que eu já conhecia de memória. Peguei sempre a versão que considere mais bem formulada”. Em meio às passagens selecionadas, o organizador inclui ainda frases marcantes das aulas-espetáculo, registradas por ele como “recolha oral”.

## Esperançosa amizade

Carlos Newton Júnior conheceu Ariano Suassuna em 1984, quando era estudante na Universidade Federal de Pernambuco. “Eu entrei na universidade com 17 anos e ele foi meu professor. Daí desenvolvemos uma amizade e convivi com Ariano por 30 anos, até 2014”, afirma.

O interesse pela obra do autor armorial aprofundou-se com o tempo. O pesquisador cursou disciplinas adicionais, dedicou estudos acadêmicos e passou a frequentar diferentes cursos ministrados por Suassuna. Entre outros, fez o clássico curso de Estética do mestre – do qual deriva a obra *Iniciação à Estética* (1975). “Gostei tanto do curso que fiz mais quatro disciplinas com ele – em Filosofia, Letras (História da Literatura) – como aluno especial. E aí fomos ficando amigos por

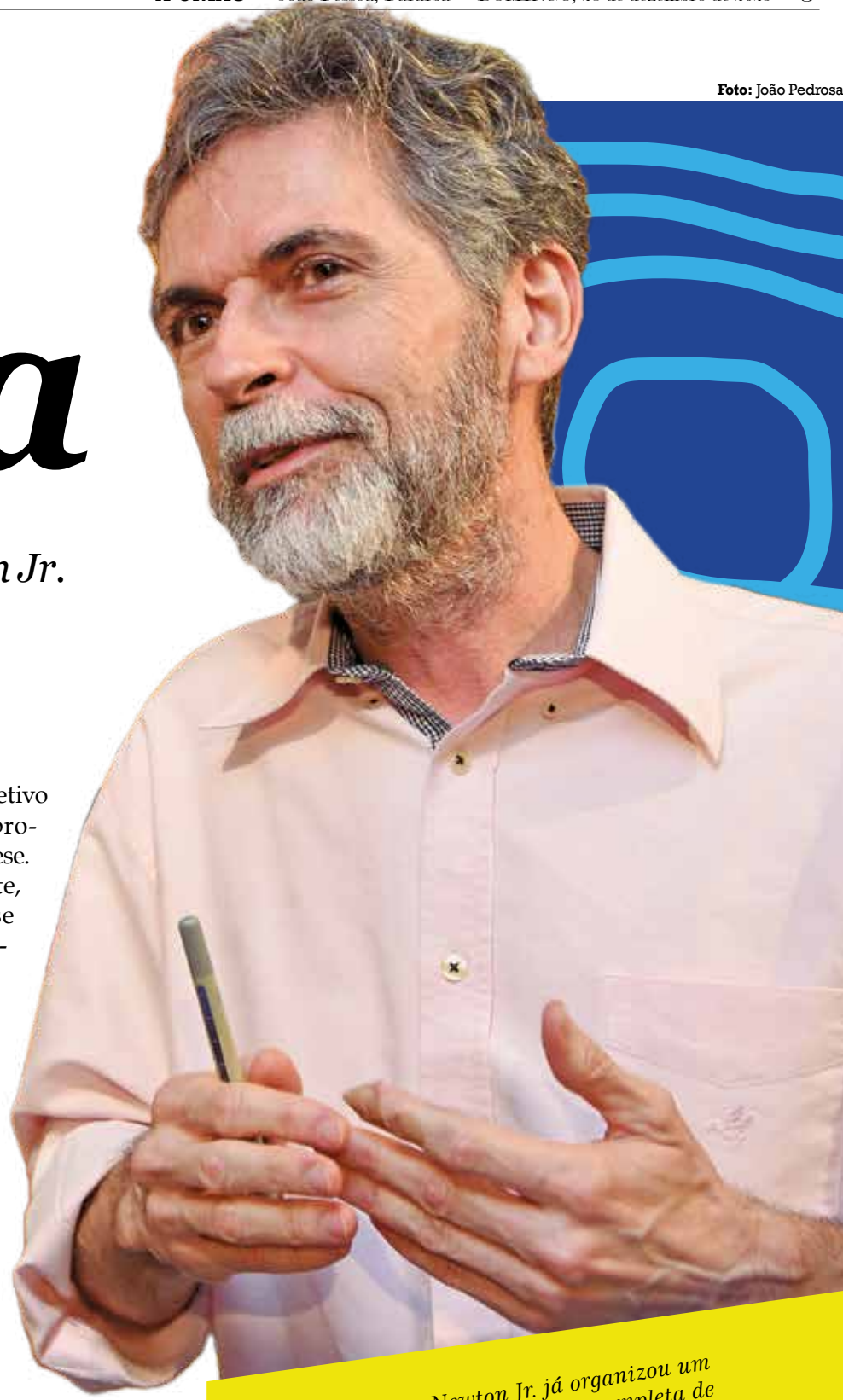


Foto: João Pedrosa

Carlos Newton Jr. já organizou um volume com a poesia completa de Ariano Suassuna e, agora, lança uma seleção dos pensamentos do autor de “O Auto da Compadecida”

conta dessa perseguição”, lembra Newton Júnior às risadas. Daí em diante, tornou-se especialista nas obras do dileto professor, tornadas objeto de seu mestrado e doutorado.

A formulação do livro ocorreu paralelamente a outros trabalhos. Em maio deste ano, o pesquisador organizou a primeira edição de *O Pasto Incendiado – Poesia Completa*, box que reúne a vasta produção poética de Ariano em arrojadas 640 páginas. Enquanto organizava o volume, ao passo que administrava o tempo com suas atividades como professor, Carlos Newton estruturava também o novo livro de frases.

“Levei de um ano e meio a dois anos. Era o tempo de ir aos arquivos, reler entrevistas, recuperar textos. Fazia nos finais de semana e à noite”, relata ele. A seleção final incluiu também frases registradas exclusivamente na memória do pesquisador, como alguma observação que Ariano repetia em sala de aula. “Tinha uma que eu gostava muito. Ele dizia assim: ‘No país que existe caldo de cana e água de coco, só com muita propaganda o sujeito toma uma coca-cola’”, lembra. Como não localizou a formulação exata em registros escritos, decidiu incluir como recolha oral.

Outras expressões citadas por Suassuna ao longo da vida ficaram fora do livro, seja por falta de registro mais preciso, seja por não se encaixarem na proposta. Ele recorda, por exemplo, uma anedota sobre o uso de termos em inglês em

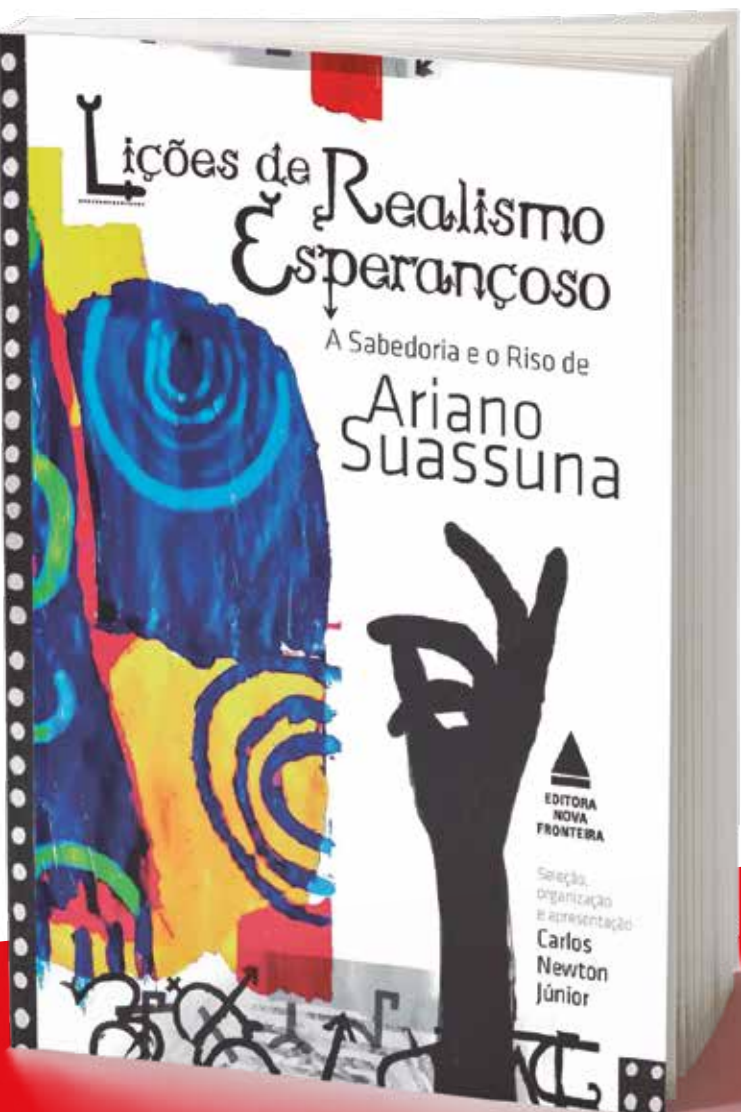
eventos acadêmicos. “Chamaram ele para um seminário e colocaram ‘coffee break’ na programação. Ele perguntou o que era aquilo e disseram que era a parada do cafezinho. E por que você não coloca cafezinho?”, ele questionou. “Só vou se tiver cafezinho”, e eles acabaram mandando”.

A convivência também permitiu que o organizador acompanhasse momentos marcantes da trajetória do escritor, entre eles a aula magna ministrada na Universidade Federal da Paraíba, que posteriormente se transformou em livro. “Desse aula eu peguei muita coisa. Foi a única aula magna de Ariano que virou livro, pelo que sei”, destaca.

Atualmente, o professor leciona no Departamento de Artes da Universidade Federal de Pernambuco, onde segue conciliando atividades acadêmicas e projetos editoriais. Ao revisar entrevistas e anotações de décadas, ele reconhece que o material permanece inesgotável. “Cada vez que eu relia algo encontrava uma frase nova. Depois que mandei o livro, lembrei de outras”, admite.

Ainda sem data de lançamento presencial definida, *Lições de Realismo Esperançoso* chega ao público como porta de entrada organizada para o pensamento de Ariano Suassuna, em esforço de síntese que se apoia em convivência, pesquisa e memória, e que busca, no conjunto de verbetes, oferecer ao leitor um percurso para compreender a amplitude das reflexões do escritor sobre cultura, estética, Brasil e linguagem.

Imagem: Divulgação/Nova Fronteira



Livro tem 128 páginas e foca em pérolas de sabedoria e humor de Ariano sobre diversos assuntos

## Artigo

Estevam Dedalus  
Sociólogo | ColaboradorJoão Gomes e a conversão do  
agro em estética nacional

Meu pai outro dia me perguntou se eu teria alguma explicação para o sucesso nacional de João Gomes. Essa é naturalmente uma questão difícil e complexa. O certo é que fiquei matutando durante um tempo, tentando fugir de respostas óbvias que costumam exaltar o valor artístico da obra, o carisma pessoal do cantor e outros elementos dessa natureza. Não que esses sejam fatores desimportantes, mas apenas insuficientes para levar um artista como João Gomes a quebrar as barreiras regionais.

Nas últimas décadas vivemos um período de hegemonia cultural sertaneja, gênero que lidera praticamente todos os *rankings* da música comercial do país. Esse é um processo histórico, que foi se consolidando gradualmente, e que pode ser melhor entendido a partir de um olhar mais profundo sobre a economia brasileira. Para compreendermos o que se passa, é preciso identificar as bases materiais que permitiram essa mudança, a sua conexão com a desindustrialização brasileira e as tramas que unem economia, classe e estética no país.

A economia brasileira tem uma longa história agrícola com base em monoculturas voltadas à exportação, como a cana-de-açúcar, o café e o algodão, que se fundavam no latifúndio e no uso intensivo de mão de obra, escravizada ou precarizada, e em baixos níveis de inovação tecnológica. O que limitava a produtividade tornando mais grave a dependência externa. Ao longo do século 19 e início do 20, a agricultura brasileira permaneceu amplamente extensiva, baseada na expansão territorial mais do que na eficiência.

A cara do setor agropecuário vai mudar durante a Ditadura Militar. O ponto de virada é o papel do Estado como protagonista do desenvolvimento agroindustrial. Ele cria uma política de modernização com investimento

em pesquisa científica, infraestrutura, novas cadeias produtivas, a oferta de créditos rurais e a Embrapa, empresa chave para a nossa modernização agrícola. Com a Embrapa será possível aumentar os ganhos de produtividade e colocar o Brasil numa posição de destaque no mercado mundial de alimentos. No entanto, o processo manteve intacta a estrutura de propriedade e de poder, chegando inclusive a aprofundar a concentração 'fundária'. O agronegócio brasileiro passou a combinar o novo com o velho, ou seja, o uso de alta tecnologia com um sistema de propriedade herdado do período colonial.

O agro tornou-se "o eixo dinâmico e politicamente dominante da economia brasileira". Isso não significa, porém, que o setor seja o maior em termos absolutos, mas a espinha dorsal que organiza economicamente o país, orientando as prioridades do Estado e a forma como este integra-se ao capitalismo global. A hegemonia dessa burguesia agrária significou na prática mais poder político, com a bancada ruralista; e econômico, com a financeirização do setor e a sua importância para a balança comercial e a entrada de dólares no país. É importante destacar que o agronegócio vai se fundir com a Faria Lima integrando-se ao mercado de capitais.

A influência também se estende sobre a cultura brasileira, ultrapassando os limites do campo, através da música sertaneja. Aqui é o ponto central do meu argumento. Ela vai funcionar como a ponta de lança de uma estratégia de *soft power* para impor os valores, a estética e a ideologia do agronegócio para todo o país. Isto é, de uma pequena e importante fração da burguesia nacional. A música sertaneja, que tem origens rurais e caipiras, passará por uma repaginação para se tornar mais palatável ao mundo urbano. A geração de Chitãozinho e Xororó,

Leandro e Leonardo, Zezé Di Camargo e Luciano é que opera o primeiro deslocamento nesse sentido, com mudanças nos arranjos, nos tipos de instrumentos usados e nos temas das letras. A consolidação desse movimento vai se dar, de fato, com o sertanejo universitário, que incorpora com as ideias hedonistas o individualismo e o espírito líquido tão comuns às relações sociais no capitalismo tardio.

Essa hegemonia da música sertaneja é a expressão espiritual da reprimarização da economia brasileira. O sertanejo deixou de ser apenas um gênero musical para se converter em um regime cultural que legitima valores rurais, de classe e interioranos numa escala nacional. E é a partir dessa chave interpretativa que podemos explicar em grande medida o sucesso de João Gomes. Apesar dele não vir do Centro-Oeste ou fazer "música sertaneja", é um artista do interior nordestino que se liga com facilidade a esse novo imaginário rural nacionalizado.

Na medida em que o agronegócio consegue se descolar de sua base geográfica original, faz circular, hegemonicamente, uma estética e um conjunto de signos que se tornaram disponíveis para artistas de várias partes do país. A força simbólica do mundo rural converteu-se na linguagem *pop* nacional dominante.

João Gomes é, assim, um exemplo da abrangência dessa nova forma de dominação cultural. Um artista que mergulha na tradição da música nordestina, que tem raízes no campo, mas que também incorpora elementos da modernidade. Isso faz com que a sua obra case muito bem com a sensibilidade rural hegemônica produzida pelo agronegócio. Vemos, aqui, o cruzamento perfeito entre a economia reprimarizada, a indústria cultural e a produção de identidades no Brasil contemporâneo.

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

## Estética e Existência

## Poética musical de Igor Stravinsky

A música tem um conteúdo poético, e sua elaboração apresenta uma intencionalidade estética, de forma a priorizar a emoção na compreensão de uma mensagem por meio de imagens sonoras. Esse conceito é defendido pelo compositor, pianista e regente russo Ígor Fiódorovitch Stravinsky (1882–1971) em seu livro *Poética Musical*, publicado em 1940. Ele compreendeu que a ideia de ordenar elementos sonoros já caracteriza a arquitetura de um discurso. Os sons elementares, aqueles que acontecem na natureza, como o canto de um pássaro, o murmurinho de uma brisa nas árvores, o gotejar de uma chuva fina e o pulsar do coração da mãe que segura seu bebê, têm a força de gerar sensações agradáveis ao ouvinte, como alegria, conforto e relaxamento, e, em outros casos, tensão.

A natureza humana, usando de habilidades e sensibilidade, tem a voracidade de organizar os sons para transformá-los em música. O método pode se apoiar em um conhecimento teórico para compor uma intencionalidade. Partindo dessa ideia, pode-se dizer que o processo composicional musical pode ser denominado um fenômeno especulativo, visto que a frase musical vai surgindo e crescendo por meio de caminhos teóricos, para culminar em um pensamento poético-musical. Pode-se afirmar que a música é uma arte que acontece em um tempo real ou psicológico. O tempo real é físico e matemático, enquanto o tempo psicológico transcorre em uma velocidade diferente para cada indivíduo e cada situação. Tal fenômeno pode variar de acordo com diversos fatores, tanto externo quanto interno ao indivíduo. A música também acontece nos dois âmbitos temporais, simultaneamente, com intensidades diferentes de acordo com cada caso; usam-se recursos para sensibilizar a percepção dessa linha temporal. Eles criam uma con-



Stravinsky foi compositor, pianista e regente

tradição entre realidade e subjetividade. Apoiando-se na influência da música sobre o senso crítico, absorve-se, primeiramente, uma influência mais física, isto é, sente-se o som como uma vibração da matéria, uma propagação de energia, agindo diretamente no corpo humano por meio das vibrações. O corpo é formado por diversos tecidos diferentes; cada região tem uma sensibilidade distinta diante das diversas energias sonoras; assim, ele pode reagir de maneiras diferentes diante de um mesmo estímulo. Essas reações podem ser tanto mentais quanto físicas. A força poética da música conforta e cura, e muitos já descobriram seus benefícios terapêuticos por meio de suas próprias experiências pessoais.

Igor Stravinsky compôs em um período marcado por grandes transformações: a crise do mundo burguês europeu; a Primeira Guerra Mundial; a Revolução Russa e o avanço acelerado da industrialização. Essas tensões atravessam sua obra como gestos musicais que expõem conflitos sociais, violência ritualizada, alienação e o colapso de valores tradicionais. Assim, a música torna-se um espaço de crítica às estruturas perversas de poder e às narrativas de ódio associadas a ideologias de discriminação.

Em seu balé "O Pássaro de Fogo" (1910), Stravinsky baseia-se entre forças mágicas do bem e do mal. Pode ser interpretado como a vitória da vida e da imaginação sobre a opressão e a estagnação. No balé "Petruška" (1911), ele aborda temas relacionados à alienação e à marginalização. O personagem central, um boneco animado, simboliza o indivíduo aprisionado por estruturas incontroláveis, incapaz de se libertar de um sistema que o manipula e o descarta. Essa narrativa pode ser lida como uma metáfora das desigualdades sociais e da desumanização do sujeito na sociedade nos dias atuais, especialmente em contextos de exploração e consumo. Em "A Sagração da Primavera" (1913), o compositor encena um ritual no qual uma jovem é sacrificada em nome da coletividade. Essa obra configura-se como uma crítica simbólica à violência social e à submissão do indivíduo às forças coletivas — sejam elas políticas, religiosas ou culturais. A força rítmica da obra reflete um mundo marcado pela violência. Em seu período neoclássico, ele denuncia a mercantilização da cultura e o esvaziamento simbólico da experiência estética.

A crítica social stravinskiana utiliza a arte como instrumento de reflexão sobre desigualdade, o terror e crise de valores, afirmando a música como espaço de resistência simbólica e de questionamento da condição humana em um mundo em transformação.

Sinta-se convidado à audição do 549º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 28 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em [radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm](http://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm). Durante o programa, comentarei a crítica social da poética musical de Stravinsky.

Kubitschek  
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

As andorinhas  
de Chico

As andorinhas estão de volta pelas mãos do artista paraibano Chico Ferreira, nesse voo em que celebramos o retorno dessas aves migratórias, simbolizando o ciclo da vida, a busca por um lar, amor e a saudade, um fenômeno natural de migração, que ocorre com a mudança das estações desse Brasil despedaçado.

A exposição *Migração*, inaugurada em dezembro de 2024, está aberta no Espaço Arte Brasil, no saguão do Live Mall, do jornalista Fábio Bernardo e sócios, no Retão de Manaíra, em João Pessoa. É o único lugar onde a arte está em toda parte. Um espaço que se multiplica como vitrine dos melhores artistas do Nordeste.

Quando vi a andorinha-azul de Chico Ferreira, lembrei-me de meu pai, segurando minha mão apontado: "Olhe ali a andorinha que você gosta, na torre da Igreja São José" — o padroeiro da cidade em que eu nasci.

Eu queria ver de perto, a beleza desse pássaro que, para minha alegria, nunca o vi preso numa gaiola, como fazem com os canários e os galos de Campina. A brasilidade da andorinha é tão delicadamente mais bonita na arte de Chico Ferreira, que o artista conseguiu reproduzir e esculpir como se fosse o *Davi*, de Michelangelo, de tão exuberante no seu existir.

Juntas na parede como imaginou Chico Ferreira, elas surgem voando como amantes, respiram feito adolescentes, imaculadas e facilmente fazem nossas cabeças, hoje mergulhadas nesse líquido assustador da luz do celular.

Silenciosas, as andorinhas de Chico Ferreira alçam voo. E a ideia, segundo o artista, era essa: mostrar a migração. Não é à toa que o nome da mostra é *Migração*. Chico trouxe as andorinhas para perto de nós, sertanejos, metidos a seres cosmopolitas, e eu sou um deles.

A civilidade está na obra de Chico Ferreira, nos pratos de comer, nas mulheres nas telas, nas esculturas em frente a prédios e hotéis, sua arte, sob o olhar do artesão. Sim, Chico Ferreira é um artesão, como dizemos por aí — de mão cheia.

A civilidade rompida em sua obra vem de longe, certamente quando foi parido por dona Creuza Barreto sob o olhar emocionado do pai, Seu Benjamin Ferreira (*in memoriam*), Chico nasceu em Catolé do Rocha, há 68 anos.

Ele personagem da obra, da arte que imita a vida e os trabalhos de Deus. Até a fé o seu espaço tutelado.

Todos os caprichos de sua obra, podem ser explicados através do tato, e até como diz Caetano Veloso, "sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela, o que é uma coisa bela".

Chico Ferreira é imenso, na sua notável habilidade em explorar temas da fauna e flora em suas obras. Quando converso com ele, aprendo e me inspiro. Seu trabalho é conhecido no Brasil, mas ele não faz uma mostra atrás da outra, pensa antes de pintar, de fazer as esculturas genuinamente paraibanas. Até os pequenos utensílios de cozinha e de decoração.

Cheguei em casa e lá estava a andorinha-azul, numa caixa de madeira, com um oferecimento singelo. Sou grato a ele, a sua mulher, Camila, e as filhas, Capitu e Cairé.

## Los extremos

Chico representa as suas intervenções intermediárias, entre *los extremos* de lugar, do *tiempo*. Em abril de 1990, João Pessoa amanheceu com a intervenção dos bonecos na Avenida Epitácio Pessoa, cena repetida em outubro do mesmo ano, na Avenida Paulista, que representavam as pessoas perseguidas e mortas pela Ditadura. Um bofetada histórica.

## Kapetadas

- 1 — Deus é uma dona de casa;
- 2 — O mais doido de isso tudo é que o amor resolveria o problema do mundo.



Uma das aves produzidas pelo paraibano Chico Ferreira

Colunista colaborador

# Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

## Um cinema visto e discutido por ele mesmo

A Paraíba tem se consolidado no cenário cinematográfico brasileiro. Sua trajetória já é sobejamente conhecida, muito antes de um dos ícones maiores — *Aruanda*. Antes mesmo dos anos 1960, época também do grande fluxo de produção chamado “independente”, o nosso cinema já marcava presença nacional mediante ações acadêmicas e intelectualmente importantes.

Da segunda metade dos anos 1950 em diante, firmam-se as bases de uma atividade de cinema consistente. Criam-se a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o Serviço de Cinema Educativo, de João Córdula, a Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba e uma enorme quantidade de cineclubes por todo o estado. Todos esses acontecimentos — uns mais, outros menos — formam o testemunho da nossa própria história cinematográfica paraibana.

Eram ações de cinema que discutiam e falavam dele mesmo. Essa seria a proposta que estava sendo costurada por um grupo liderado pelo crítico e historiador Wills Leal (fundador da “Hollywood Nordestina”). Segundo ele, já existiam na época mais de 20 filmes, vídeos e outras mídias retratando o cinema paraibano, só na capital. “Isso já justificaria uma celebração e um acontecimento para marcar essa produção toda”, disse Wills, acrescentando: “Já estamos provi-



Foto: Arquivo pessoal

Cidade paraibana de Cabaceiras, denominada como a “Capital paraibana do cinema”

denciando um festival para setembro vindouro”.

Na realidade, uma iniciativa importante, mais ainda, por ser pioneira em todo o país, segundo dados já confirmados. Um cinema visto por ele mesmo teria uma gama vastíssima de assuntos a serem discutidos, não só no plano da utilização de obras literárias paraibanas transcritas, mas, certamente, no plano da produção mesma. Uma atividade cinematográfica redesenhada em filme, isso, a partir dos seus próprios bastidores.

Desse modo, nada mais justo que o aglomerado de todas as singulares propostas culturais de então em do-

cumento audiovisual, ao reconhecimento e sua relativa discussão. Algumas produções já estavam prontas, outras em fase de finalização, e, conforme Wills Leal, poderiam ser concluídas naquele mesmo ano, quando da realização do festival de filmes sobre o cinema paraibano.

Quanto ao legado de Wills, sobretudo relativo ao cinema, agora vem de ser lembrado pelo Governo da Paraíba, ao reconhecer a cidade de Cabaceiras no interior do estado, sob a Lei nº 14.16, como a “Capital Paraibana do Cinema”. — Mais “Coisas de Cinema”, acesse o nosso blog: [www.alex-santos.com.br](http://www.alex-santos.com.br)

# Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## Bom dia para nascer!

Não é só o dia 26 de fevereiro que é um outro bom dia para nascer, conforme sugere Ruy Castro, na primeira crônica de *Ungáua*. Quero crer que qualquer dia é um bom dia para nascer.

Num 27 de fevereiro, nasceu minha primogênita, Mariana. Linda com seus olhos negros e seus cílios espessos, disposta para o desafio da vida. Num 15, nasceu meu pai, que sempre se aventurou na peleja dos cavalos e na solidão das novilhas soltas no campo.

E já que estamos em fevereiro, foi no dia 14 que Vera nasceu. Vera, talvez minha única verdade, veio nas vértebras aladas do vento, com a luz aguda do sol, inesquecível alumbramento.

Qualquer dia é um bom dia para nascer!

Larinha nasceu no dia 11 de julho e trouxe consigo a ingênua sabedoria da criança travessa. Carolina, a outra filha, veio ao mundo em 13 de agosto, e, se tem desgostos, transfigura-os em pérolas de ouro com sua fibra e força de indomável leonina. Em agosto, dia 4, também nasceu minha mãe, que me deu o leite e me educou com suas lições de existir no cáldo amor e na sábia justiça que distribuía nos sítios domésticos.

Assim são os dias dentro das semanas e as semanas dentro dos meses. Os anos, esses já se foram na vazão do tempo que passa

por dentro de nós como um fio invisível que corta e perfura nossos corpos e nossa alma.

Qualquer dia é um bom dia para nascer!

Agosto nasceu em 20 de abril, e a várzea do Paraíba ficou como que paralisada pela batida compassada de seus decassílabos a sustentar seu olhar sombrio que devorava as vísceras das coisas, da

“

**Os anos, esses já se foram na vazão do tempo que passa por dentro de nós como um fio invisível que corta e perfura nossos corpos e nossa alma**

terra e dos bichos com a fome canina dos que têm sede e aspiram o lugar sagrado das constelações mais perfeitas. Mesmo sendo de abril, não considerava abril “o mais cruel dos meses”, como T. S. Eliot, que nasceu no dia 26 de setembro. T. S. Eliot, o poeta de *A Terra Desolada* e de *Crime na Catedral*.

Setembro é mês de dias dolorosos e decisivos. Os homens e as mulheres que vêm nos seus dias desconhecem a sintaxe das nuvens, plantam o amor na beira do abismo, trazem os sonhos dentro da velocidade da luz e buscam, nas palavras, o calor dos vales e a serena carícia da neblina que coroa os cabelos da serra.

No dia 30 de março nasce Johann Sebastian Bach e suas paixões. Bach é a minha prova de que Deus existe, o som dos silêncios mais profundos, a camada vertical de uma música sagrada que sempre me deu o gosto da paz interior, o sossego definitivo do espírito, a certeza de que a poesia nunca se traduz na geografia da linguagem.

Quem nasceu também em março foi Vicent van Gogh, no dia seguinte, 31, para colorir o mundo com o desespero cristalino dos amarelos, com o vento copulando com os trigais, com os ciprestes enfurecidos e agonizados. Se existe um pintor, este pintor é Van Gogh. Sua existência, por si só, justifica o mistério e os paradoxos do dia 31 de março.

E outubro? Possui os sortilégios de setembro? Não sei. Sei que há muitos dias nos outros meses. Dias de muita gente boa, de muitos deuses e deusas na festa da vida. Só que tenho uma queda especial por outubro. Nasci nesse mês, precisamente no dia 9. No dia 9 em que nasceu Mário de Andrade, aquele poeta que disse: “Sou trezentos, trezentos e cinquenta/mas um dia desses toparei comigo”.

Qualquer dia é um bom dia para nascer!



## APC: Dia Mundial do Cinema

Com o fim de ano, celebra-se hoje o Dia Mundial do Cinema. Desde que foi fundada a Academia Paraibana de Cinema (APC), este dia tem sido comemorado com muito entusiasmo. Neste ano, a festa acontece hoje, no Cine Mirabeau, no bairro do Bessa, em João Pessoa, no horário de 9h ao meio-dia.

Os associados da APC e pessoas interessadas estão sendo convidados a participar do importante encontro, quando serão relançados alguns livros produzidos em 2025, pelos associados. Na oportunidade, haverá exibição de obras em curtas-metragens da Paraíba.

### CINEMA

## “Site-livro” analisa obra dos irmãos Lumière

Esmejoano Lincol  
[esmejoanolincol@hotmail.com](mailto:esmejoanolincol@hotmail.com)

Há exatos 130 anos, os irmãos franceses Auguste e Louis Lumière marcaram a história da humanidade com a exibição de *A Saída da Fábrica Lumière em Lyon*, curta-metragem considerado a pedra fundamental do cinema. Celebrando a efeméride e precipitando uma análise extensa de outros filmes ambientados de forma similar, o pesquisador fluminense Carlos Alberto Mattos estreou este mês o “site-livro” *Fim de Turno*, disponível para acesso gratuito. A iniciativa percorre mais de um século de produção audiovisual, desde a empreitada francesa, em 1895, passando pelo cinema engajado do britânico Ken Loach e desaguardo no recente *A Garota da Agulha* (Magnus von Horn, 2025), mencionando, ainda, títulos brasileiros.

Os capítulos são acessados por meio de links no rodapé da página; algumas das cenas mencionadas contam com trechos em vídeo, incluídos ao lado de cada parágrafo. A divisão está pautada pela forma como os personagens relacionam-se com o espaço e os demais indivíduos, focando seus contextos históricos, políticos e econômicos. “Depois do sucesso do filme dos Lumière, o hábito de filmar saídas de operários se espalhou pela Europa, expondo a pujança delas. O próprio Chaplin satirizou isso em *Tempos Modernos*. Só a partir dos anos 1940, a fábrica transformou-se num local dramático”, afirma Carlos Alberto.

Em se tratando de Brasil, ele remonta os filmes fabris pioneiros, *No País das Amazonas* (Silvino Santos, 1922) e *A Sociedade Anônima Fábrica Votantim* (1922), ambos em perspectiva documental. Dentre as ficções, sobressaem-se *Ganga Bruta* (Humberto Mauro,



Foto: Arquivo pessoal

Foto: Reprodução/Collection Institut Lumière

Pesquisador Carlos Alberto Mattos (E) e cena de “A Saída da Fábrica Lumière em Lyon” (D)

1933), *São Paulo Sociedade Anônima* (Luiz Sérgio Person, 1965) e *Eles Não Usam Black-tie* (Leon Hirszman). “Tratando dos filmes políticos importantes sobre a fábrica, não podemos deixar de citar documentários sobre o movimento dos metalúrgicos de São Paulo, sobretudo *ABC da Greve*, também de Hirszman, e *Linha de Montagem*, do Renato Tapajós”, destaca.

*Fim de Turno* não é a primeira empreitada do autor em “site-livro” — este, um formato próprio, sustenta Carlos Alberto. *Cinema Contra o Golpe*, lançamento de 2022, escrutinou filmes que registraram a situação política do Brasil a partir de 2013. O próximo projeto, ainda sem data de estreia, analisará as interseções entre cinema e música. “Eu me cansei um pouco da relação com as editoras, e com o livro impresso. Acho que o ‘site-livro’ me satisfaz pela liberdade que tenho de compor e editar, além da vantagem de poder utilizar imagens em movimento e de manter sempre atualizado, para quiser acessar e usar”, declara.

Prospectando o futuro do gênero, Carlos Alberto Mattos cita o teórico Tom Gun-

ning: segundo este, graças aos celulares, estamos voltando ao chamado “primeiro cinema”, quando os filmetes exibidos em parques de diversões eram projetados em cabines individuais — chamadas de *nickelodeons*. *Há saídas para a concorrência das salas de projeção com o streaming?* “É importante você ter curadorias. No Rio de Janeiro, por exemplo, temos a do Cavi Borges, com uma programação revolucionária, trazendo uma massa de jovens de volta aos cinemas, com filmes à margem do mercado. O segredo está na forma de atrair”, resume Mattos.



Pelo QR Code acima, acesse gratuitamente a obra “Fim de Turno”

## LITERATURA

## “Poemas que brotam da liberdade”

Amanhã, em João Pessoa, escritoras lançam versos acerca do feminino e sobre temas urgentes que cercam esse universo

Esmejoano Lincol  
esmejoanolincol@hotmail.com

A máxima bíblica “a boca fala o que coração está cheio” resume a premissa que cerca o projeto das artistas e escritoras Larissa Mendes e Maria Ferraz. Originado do sarau que ambas apresentam há dois anos, o livro *Boca a Boca* (Editora Triluna) chega a público neste fim de ano, num lançamento multimídia, reunindo, em 70 páginas, versos acerca do feminino e sobre temas urgentes que cercam esse universo. O evento de estreia será amanhã, a partir das 19h, no Brechó Volver, situado no bairro de Miramar, em João Pessoa. A entrada é gratuita.

Larissa nasceu em São Paulo, mas reside desde a juventude na capital paraibana. Licenciada em Letras, trilha trajetória acadêmica na área, ao mesmo tempo em que mantém seu ofício como autora. A primeira coletânea de poemas, *Além do Horiz-Ontem*, foi publicada em 2022. “Por meio de brincadeiras com os sons das palavras, e no escutar e cantar de canções, a poesia surgiu em minha vida. Ouvindo Djavan, Itamar Assumpção, Maria Bethânia, forró, vinculando poesia e música”, ela remonta, sobre os primeiros contatos com os gêneros.

Maria é natural de outro estado, o Rio de Janeiro, mas está radicada na Paraíba há algum tempo. Diferentemente da colega, tem formação em Publicidade, mas especializou-se em Escrita Criativa, dando, ainda, vazão à música, por meio do trabalho com o grupo Mar diFuego. “Meu caminho nas artes, em especial nas letras, iniciou na infância. Sempre gostei de ler e de inventar poemas. No primeiro, eu tinha oito anos: ‘Gosto de poesia, uma flor transparente, um amor verdadeiro só quem sabe é a gente’”, recita ela, agora, adulta.

As autoras estrearão, em breve, um “livro sonoro” nas plataformas de música — neste outro projeto atrelado à matriz literária, elas transformam em música nove poemas de *Boca a Boca*. Os nomes são sucintos — “Borda”, “Desaguar”, “Cura” e “Ouçá-me”, por exemplo — mas os sentidos dos textos e das músicas são complexos. “Temos uma *playlist* que vamos abastecer assim que as faixas estiverem disponíveis. O endereço para acesso ao *pré-sarau* desse material aparece na orelha do livro. E amanhã, vamos cantar alguns desses poemas”, antecipa Larissa Mendes.

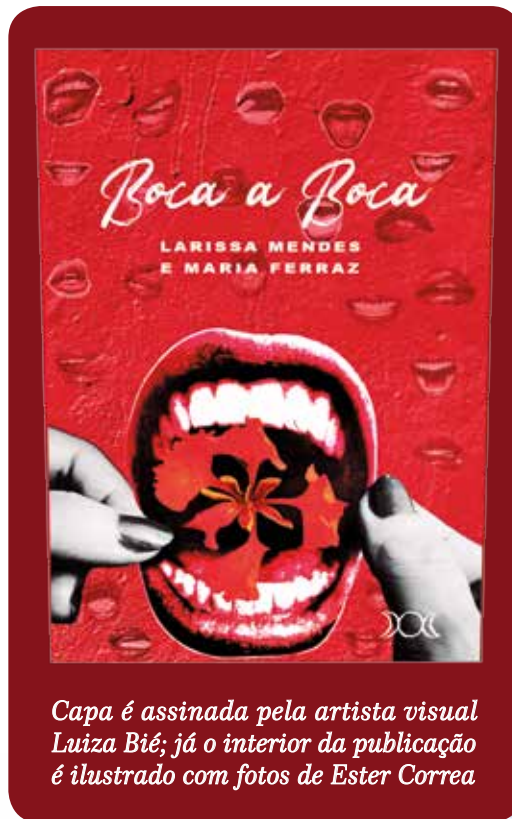
A capa da obra foi concebida pela artista visual Luiza Bié; já o interior é ilustrado com

fotos de Ester Correa. Esse ensaio foi realizado na Casa da Pólvora, na capital, numa “tarde despojada”, conforme define a dupla. A comunhão feminina do quarteto mira no cerne do projeto. “Isso dialoga com os poemas que brotam da liberdade de exercer nossa expressão, nossos desejos, nossa postura de romper

com os silenciamentos. Tanto Luiza quanto Ester entenderam bem a importância de soltar o verbo e ressignificar nosso grito”, sustenta Maria Ferraz.

Analisando os espaços dedicados às mulheres e aos homens nas letras, assumindo, ainda, que o meio é desigual para elas, Larissa Mendes declara que a busca por uma literatura mais igualitária passa pela adoção de políticas públicas e pela transformação da sociedade como um todo. “Além disso, o ritmo que a vida exige, principalmente para mulheres-mães, torna bastante difícil a dedicação integral em atividades como a escrita, que demandam muita concentração. No entanto, estamos em busca dessa equanimidade”, acalenta.

Resumindo, por fim, a importância, de *Boca a Boca* para a carreira da dupla, Maria Ferraz aponta que essa empreitada em verso e som, ainda que nasça de anseios subjetivos, desemboca em experiências compartilhadas com o público. “Essas práticas funcionam também como processos de cura. E o livro nasce da urgência em fazer barulho num mundo extremamente hostil para nós. É preciso falar, comunicar, enaltecer nossa presença, inspirar outras mulheres a se portarem com coragem. O medo não vai mais nos calar”, conclui.



Capa é assinada pela artista visual Luiza Bié; já o interior da publicação é ilustrado com fotos de Ester Correa

Empreitada em verso e som, ainda que nasça de anseios subjetivos das autoras Maria Ferraz (E) e Larissa Mendes (D), desemboca em experiências compartilhadas com o público



Foto: Ester Correa/Divulgação

## Em Cartaz

## Cinema

Programação de 25 a 31 de dezembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira, Remígio e São Bento.

## ESTREIAS

**A EMPREGADA** (*The Housemaid*). EUA, 2025. Dir.: Paul Feig. Elenco: Sidney Sweeney, Amanda Seyfried, Brandon Sklenar, Elizabeth Perkins. Suspense. Empregada doméstica trabalha para família rica, mas tanto ela quanto os patrões escondem segredos sombrios. 2h11. 16 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4 (leg.); 21h15 (exceto qua.), 20h30 (somente qui.). CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 12h45 (apenas na qua.), 21h (exceto qua.). CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h15 (apenas na qua.), 21h (exceto na qua.). CINESERCLA TAMBIA 5 (dub.): 20h15 (exceto qui.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1 (dub.): 20h15 (exceto qui. e qua.).

**ANACONDA.** EUA, 2025. Dir.: Tom Gormican. Elenco: Paul Rudd, Jack Black, Steve Zahn, Selton Mello. Aventura/Comédia. Dois melhores amigos partem para as selvas da Amazônia para filmar um reboot de seu filme favorito de todos os tempos, *Anaconda*. No entanto, a vida logo imita a arte quando uma anaconda gigantesca com sede de sangue começa a caçá-los. 1h40. 14 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2: 14h45 (dub., exceto qui. e qua.), 16h (dub.,

apenas qui.), 17h15 (dub., exceto qui. e qua.), 18h30 (dub., apenas qui.), 20h45 (leg., exceto qui. e qua.). CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h45 (apenas na qua.), 15h15 (exceto qua.), 17h45 (exceto qua.), 20h30 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 12h15 (apenas na qua.), 14h30, 17h (exceto qua.), 19h30 (exceto qua.), 22h (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 12h (apenas na qua.), 14h (apenas na qua.), 16h20 (exceto qua.), 18h40 (exceto qua.), 21h15 (exceto qua.). CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 19h (exceto qua.), 21h15 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h45, 17h (exceto qua.), 19h30 (exceto qua.), 21h45 (exceto qua.). CINESERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h45, 16h45, 18h45, 20h45 (exceto qui.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h45, 16h45, 18h45, 20h45 (exceto qui.).

**TAINÁ E OS GUARDIÕES DA AMAZÔNIA – EM BUSCA DA FLECHA AZUL** Brasil, 2025. Dir.: Alê Camargo e Jordan Nagem. Animação. Tainá e seus amigos Catu, Pepe e Suri são os guardiões da Amazônia, cuja missão é ajudar os animais protegendo e cuidando da floresta. Juntos, eles embarcam em uma jornada para encontrar um antigo artefato mágico, a Flecha Azul, para impedir que um grande mal queime a floresta e destrua todo o ecossistema amazônico. 1h28. Livre.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 15h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 12h30 (apenas na qua.), 13h (exceto qui. e qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 12h (exceto qui. e qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 16h (apenas na qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 12h (exceto qui. e qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h30 (exceto qui. e qua.).

## PRÉ-ESTREIA

**BOB ESPONJA EM BUSCA DA CALÇA QUADRADA** (*The Sponge Bob Movie: Search for Square Pants*). EUA, 2025. Dir.: Derek Drymon. Animação. Na esperança de provar sua bravura ao Seu Sirigueijo, Bob Esponja segue um misterioso e aventureiro pirata fantasma conhecido como Holandês Voador em uma aventura marítima que o leva às profundezas do oceano. 1h28. Livre.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1 (dub., exceto qua.): 15h, 17h; CENTERPLEX MAG 3 (dub., 3D, exceto qui. e qua.): 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 14h15 (exceto qua.), 16h30 (exceto qua.), 18h45 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 11 – VIP (dub.): 12h (apenas na qua.), 14h (apenas na qua.), 13h30 (exceto qua.). CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 16h30, 18h45; CINESERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h30 (exceto qui.); CINESERCLA TAMBIA 5 (dub., 3D): 17h50 (exceto qui. e qua.); CINESERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h40 (exceto qui. e qua.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1 (dub., 3D): 17h50 (exceto qui. e qua.); CINESERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h40 (exceto qui. e qua.); CINESERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h30 (exceto qui. e qua.).

## CONTINUAÇÃO

**O AGENTE SECRETO.** Brasil/França/Países Baixos/Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Thomás Aquino, Buda Lira, Jodilsson Cunha, Suzy Lopes, Cely Fa-

rias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. 2h38. 16 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 12h30 (apenas qua.), 20h (exceto qua.).

**AVATAR – FOGO E CINZAS** (*Avatar – Fire and Ash*). EUA, 2025. Dir.: James Cameron. Elenco: Sam Worthington, Zoe Saldana, Sigourney Weaver, Oona Chaplin, Kate Winslet. Ficção científica/aventura. No planeta Pandora, família na’vi sofre perda e enfrenta tribo hostil. 3h15. 16 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1 (dub., exceto qui.): 19h; CENTERPLEX MAG 3: 16h (dub., 3D, exceto qua.), 20h (leg., 3D, exceto qua.). CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (leg.): 12h (apenas na qua.), 14h15, 18h10, 22h; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (leg., 3D): 17h45 (exceto qua.), 21h40 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (dub.): 12h15 (apenas na qua.), 12h30 (exceto qua.), 16h30 (exceto qua.), 20h30 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 – VIP (leg., 3D): 12h30 (apenas na qua.), 13h (exceto qua.), 17h (exceto qua.), 21h (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 11 – VIP (leg.): 15h45 (exceto qua.), 19h45 (exceto qua.). CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 13h30, 17h30 (exceto qua.), 21h30 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub., 3D): 14h, 18h (exceto qua.), 22h (exceto qua.). CINESERCLA TAMBIA 1 (dub.): 14h20, 18h (exceto qui.); CINESERCLA TAMBIA 3 (dub.): 15h30, 19h (exceto qui.); CINESERCLA TAMBIA 5 (dub., 3D): 14h15 (exceto qui.); CINESERCLA TAMBIA 6 (dub.): 16h30, 20h (exceto qui.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1 (dub., 3D): 14h15 (exceto qui.); CINESERCLA PAR-

TAGE 2 (dub.): 16h30, 20h (exceto qui.); CINESERCLA PARTAGE 5 (dub.): 15h30, 19h (exceto qui.).

**FIVE NIGHTS AT FREDDY’S 2** (*Five Nights at Freddy’s 2*). EUA, 2025. Dir.: Emma Tammi. Elenco: Josh Hutcherson, Elizabeth Lail, Piper Rubio. Terror. Menina retorna a pizzaria abandonada para reconstruir animatrônicos assombrados. 1h44. 14 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 12h (apenas na qua.), 14h45 (apenas na qua.), 17h (exceto qua.), 19h30 (exceto qua.), 22h (apenas na qui.). CINESERCLA TAMBIA 4 (dub.): 20h30 (exceto qui.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3 (dub.): 20h30 (exceto qui. e qua.).

**ZOOTÓPIA 2** (*Zootopia 2*). EUA, 2025. Dir.: Jared Bush e Byron Howard. Vozes na dublagem brasileira: Monica Iozzi, Rodrigo Lombardi, Danton Mello. Comédia/aventura/animação. Coelho e raposa policiais investigam o misterioso aparecimento de uma cobra em Zootopia. 1h48. 6 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 14h (exceto qui. e qua.), 15h30 (apenas qui.), 16h20 (exceto qui. e qua.), 18h (apenas qui.), 18h45 (exceto qui. e qua.). CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 17h25; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 15h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h30 (apenas na qua.), 16h45 (exceto na qua.). CINESERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h30 (exceto qui.), 16h30 (apenas na qua.), 18h30 (exceto qui.); CINESERCLA TAMBIA 5 (dub.): 17h50 (exceto qui.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h30 (exceto qui.), 16h30 (exceto qua.), 18:30 (exceto qui.); CINESERCLA PARTAGE 5 (dub.): 17h50 (apenas qua.).

## PRODUÇÃO ANUAL

# Ritmo de trabalho da ALPB registra salto significativo

Mais de 10 mil matérias foram aprovadas pelo Parlamento estadual em 2025

Eliz Santos  
elzsantos17@gmail.com

Em um ano em que as demandas sociais ganharam ainda mais força na Paraíba, a Assembleia Legislativa respondeu com o ritmo de trabalho mais intenso da sua história recente. Das leis que protegem crianças e adolescentes às medidas de inclusão para pessoas com autismo, 2025 foi marcado por decisões que atravessam diretamente a rotina das famílias paraibanas — e mostram que produtividade, quando aliada ao compromisso social, transforma vidas.

Ao longo do período legislativo, a Casa de Eptácio Pessoa superou a marca de 10 mil matérias aprovadas. O resultado representa um salto significativo em relação a 2024, quando cerca de 8.300 proposições foram aprovadas.

Segundo dados oficiais, foram analisados 2.310 projetos de lei ordinária, dos quais 605 de autoria parlamentar foram aprovados, além de 36 iniciativas do Poder Executivo e três do Ministério Público. Somam-se a esses números 23 projetos de lei complementar, seis propostas de emenda à Constituição, 10 medidas provisórias, 8.858 requerimentos, 13 títulos de cidadania, 299 indicações e 184 pedidos de sessões especiais e audiências, entre outras proposições.

Para o presidente da ALPB, Adriano Galdino, a produtividade é resultado do esforço conjunto de parlamentares e servidores

e do diálogo permanente com a sociedade. Segundo ele, o ano foi marcado por forte presença de pautas sociais e pelo alto volume de propostas voltadas às minorias.

“Chegamos ao fim deste ano legislativo superando a marca das 10 mil matérias aprovadas, e isso mostra o quanto o trabalho dos deputados e servidores da Casa de Eptácio Pessoa segue intenso, com voz, diálogo e compromisso com o povo paraibano”, afirmou.

O deputado Chió reforçou que o desempenho da ALPB está diretamente ligado à aproximação com a população, intensificada pelo projeto Assembleia Itinerante e pelas visitas aos municípios. “A Assembleia funciona melhor quando está perto das pessoas. Cada audiência, cada sessão itinerante, cada encontro com as comunidades ajudou a moldar decisões mais justas e políticas públicas mais eficazes. A produtividade não é apenas números — é sensibilidade social e compromisso diário com quem mais precisa”, destacou.

### Defesa dos vulneráveis

Entre os temas mais discutidos no plenário, a inclusão e a garantia de direitos das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ganharam destaque especial, sendo uma das pautas mais recorrentes entre leis e projetos de lei aprovados em 2025. Propostas de diversos parlamentares reforçaram o compromisso da ALPB

com as minorias e abrangeram garantias como:

- **Atendimento preferencial** — A Lei nº 13.636/2025, de autoria do deputado João Bosco Carneiro Júnior, assegura o direito ao assento preferencial no transporte público estadual para pessoas com autismo, reconhecendo as especificidades sensoriais (como a hipersensibilidade auditiva).

- **Acesso a estabelecimentos** — A Lei nº 13.637/2025, de autoria do deputado Júnior Araújo, estabelece o direito das pessoas com TEA de portar alimentos para consumo próprio e objetos de uso pessoal em estabelecimentos públicos e privados, garantindo a permanência sem discriminação.

- **Atendimento prioritário** — A Lei nº 13.833/2025, proposta por Tovar Correia Lima, destaca-se por garantir o atendimento prioritário em unidades de saúde.

A psicóloga Elaine Araújo, fundadora da Associação Integrada de Mães de Autistas (A-IMA), ressaltou o impacto direto dessas normas: “A lei que garante atendimento prioritário à pessoa com autismo chega em um momento muito importante. Ela traz alívio e apoio às famílias, facilitando o acesso a serviços que antes eram difíceis de obter. Só quem convive com o autismo sabe os desafios diários, e essa medida é muito bem-vinda para todos nós”, afirmou.

## Defesa de crianças, adolescentes e mulheres mobiliza o Legislativo

A defesa dos direitos de crianças e adolescentes também ocupou espaço central na pauta legislativa. Um dos avanços mais relevantes foi a aprovação da Lei Felca (Lei nº 13.861/2025), voltada à proteção de crianças e adolescentes vítimas de violência. A norma representa um marco importante no enfrentamento às violações e reforça instrumentos de prevenção e de acolhimento às vítimas e suas famílias.

Outra iniciativa relevante foi a Lei nº 14.131/2025, do deputado Chió, que estabelece regras de proteção contra o uso excessivo de telas por crianças e adolescentes — uma preocupação crescente na saúde física e emocional da juventude.

Somam-se ainda ações como a Lei nº 12.980/2025, do deputado Michel Henrique, que institui a Semana da Conscientização e Prevenção sobre os Males do Uso Intenso de Telas por bebês e crianças, buscando orientar pais, escolas e profissionais de saúde.

“Esse cuidado contribui para o melhor desenvolvimento da criança e para um adulto mais saudável, uma vez que a exposição excessiva às telas pode acarretar problemas físicos e mentais”, defendeu o parlamentar.

### Proteção às mulheres

Em uma sociedade na qual milhares de mulheres ainda enfrentam diariamente violência física, psicológica, moral e institucional, a ALPB dedicou-se às proposições voltadas à proteção, ao fortalecimento da rede de apoio e à promoção da autonomia feminina.

Entre as medidas aprovadas, o Projeto de Lei nº 4.943/2025, da deputada Silvia Benjamin, ganhou destaque ao proibir imagens discriminatórias ou degradantes de mulheres em banheiros de estabelecimentos comerciais. A medida reforça o combate à violência simbólica e à objetificação feminina, ainda presentes em espaços públicos e privados.

Outro avanço relevante foi a Lei nº 4.739/2025, da deputada Danielle do Vale, que institui o Programa Estadual de Apoio às Mulheres Chefes de Família. A política tem como objetivo oferecer suporte social, profissional e psicológico a mulheres que sustentam seus lares sozinhas, priorizando aquelas em vulnerabilidade social. A medida busca fortalecer essas mulheres e reduzir desigualdades que se aprofundam quando a carga do cuidado recai exclusivamente sobre elas.

A deputada Camila Toscano, presidente da Comis-

são da Mulher, destacou que o conjunto dessas leis representa um avanço significativo para as paraibanas.

“As políticas aprovadas este ano têm um objetivo comum: romper o ciclo de violência que ainda marca a vida de tantas mulheres. Fortalecer a rede de apoio, ampliar os mecanismos de denúncia e garantir acolhimento adequado é fundamental para que nenhuma mulher se sintá sozinha. Cada avanço legislativo é um passo a mais para construirmos uma Paraíba mais segura, justa e humana para todas nós”, avaliou.

### Sustentabilidade

A agenda ambiental também ganhou centralidade em 2025, com iniciativas ligadas a proteção das áreas ecológicas, combate à poluição visual, incentivo às energias renováveis, ações de proteção animal e programas voltados à adaptação climática.

Segundo Adriano Galdino, essa diversidade de pautas demonstra a preocupação em diversos setores da sociedade: “Tudo isso mostra a nossa preocupação em diversos setores da sociedade, mas sempre com disposição para dialogar e construir leis que proporcionem uma Paraíba mais forte e mais digna para todos os que aqui vivem”.



Compromisso com a transformação social foi a tônica da atividade parlamentar

## Deputados consideram que 2026 será intenso e já planejam ações

Com um ano eleitoral aproximando-se, o deputado Jutay Meneses avalia que, apesar das disputas naturais do período, a Assembleia Legislativa da Paraíba deverá manter o mesmo ritmo de trabalho e foco social que marcaram 2025. Para ele, a responsabilidade com o interesse público precisa prevalecer sobre qualquer acirramento político, garantindo que as pautas essenciais continuem avançando e que a população não seja impactada por possíveis tensões do calendário eleitoral.

“Mesmo sendo 2026 um ano eleitoral e naturalmente marcado por debates mais intensos, nossa responsabilidade como deputados permanece a mesma. O compromisso com a Paraíba está acima de qualquer disputa política. A Assembleia vai seguir funcionando com normalidade, votando matérias essenciais e mantendo o diálogo e a seriedade que a população espera de nós. A Paraíba pode ter certeza de que seguiremos atentos, pre-

sentes e dedicados, honrando a confiança de cada cidadão, independentemente do calendário eleitoral”, garantiu.

A deputada Camila Toscano reforçou que a prioridade em 2026 será intensificar o combate à violência de gênero e fortalecer a atuação da Comissão da Mulher.

“Em 2026, vamos continuar priorizando a proteção das mulheres e ampliando ações nas áreas de saúde e educação. Pretendemos fortalecer debates, audiências e projetos que tornem a Comissão da Mulher ainda mais atuante. Uma pesquisa recente mostra que 62% dos brasileiros não sabem como ajudar uma mulher em situação de violência — e isso precisa mudar. Nosso compromisso é trabalhar para que a Paraíba avance em políticas mais eficientes, acolhedoras e capazes de garantir autonomia e segurança para todas”, refletiu.

### Para além das leis

Em 2025, a atuação da

■ Disputa política nas Eleições Gerais não deve prejudicar o diálogo na Casa de Eptácio Pessoa

ALPB evidenciou que produzir leis é apenas o primeiro passo. A verdadeira transformação depende da aplicação efetiva dessas normas no cotidiano, seja na proteção das mulheres, na inclusão social ou na preservação ambiental. A partir de agora, cabe à sociedade civil, aos órgãos de controle e à própria população acompanhar, cobrar e participar ativamente da execução dessas políticas. É essa vigilância coletiva que transforma iniciativas legislativas em resultados concretos para a vida dos paraibanos.

## ASSISTÊNCIA SOCIAL

# Plano Nacional de Cuidados é estruturado pelo Governo

Organizada em torno de cinco eixos, política terá investimentos de R\$ 25 bilhões

Agência Gov

As ações que compõem o Plano Nacional de Cuidados foram definidas, neste mês, pelo Governo Federal, que destinará um investimento de R\$ 25 bilhões até 2027. A estratégia é estruturada em torno de 79 iniciativas, organizadas em cinco eixos, e envolve políticas como as cuidotecas, a capacitação de profissionais do cuidado, lavanderias públicas e creches.

Foram publicadas três portarias nesse sentido: uma que estabelece as ações do plano, outra que institui a sua governança, composta por um Comitê Estratégico e um Comitê Gestor, e uma terceira que abre o processo de adesão dos estados, Distrito Federal e municípios à iniciativa.

“Damos mais um passo decisivo na implementação da Política Nacional de Cuidados. A lei expressa o reconhecimento de que o cuidado não é uma questão menor, ou exclusiva da esfera privada, mas um elemento central para a reprodução e a sustentabilidade da vida, a promoção da igualdade de gênero e a autonomia das mulheres”, frisou o ministro Wellington Dias, titular do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS).

A Política Nacional de Cuidados foi sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em dezembro de 2024 e instituiu o direito



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Entre o público prioritário do plano, está o das pessoas idosas que necessitam de cuidados

ao cuidado, tanto para quem dele necessita quanto para quem o oferta. “Sabemos bem o que significa a gente ter chegado nesse momento, para começar um trabalho mais árduo ainda, de maior convencimento de toda a sociedade brasileira e fazendo voz a muitos países, porque essa é uma agenda hoje, sem dúvida, internacional”, ressaltou Márcia Lopes, ministra das Mulheres.

O público prioritário do

plano são as crianças e adolescentes (com atenção especial à primeira infância), pessoas idosas com necessidade de cuidado, pessoas com deficiência com necessidade de cuidados, trabalhadores do cuidado remunerado, trabalhadores remunerados com responsabilidades familiares de cuidado e trabalhadores não remunerados do cuidado.

A secretária nacional da Política de Cuidados e Família do MDS, Laís Abramo, destacou a trajetória de construção da política, que envolveu 20 ministérios, e teve início em 2023. “Nós tivemos a aprovação e a sanção da lei há um ano, tivemos o decreto assinado pelo presidente Lula que instituiu o Plano Nacional de Cuidado no dia 23 de julho e, agora, estamos dando esse passo importantíssimo que é instituir a estrutura de governança”, enumerou.

Laís defendeu, ainda, a importância da representatividade dos comitês Estratégico e Gestor e da adesão

dos governos estaduais e municipais para que as ações cheguem ao público-alvo do plano. “O Comitê Estratégico, com representação paritária da sociedade civil, é uma questão central para que esse plano responda cada vez mais às necessidades da sociedade brasileira em toda a sua diversidade. O processo de adesão de estados, do Distrito Federal e municípios também é fundamental para que essa proposta chegue a todos os rincões desse país”, pontuou a secretária.

A secretária-executiva do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC), Janine Mello, frisou que a agenda de cuidados é uma das mais inovadoras do Governo do Brasil. “A gente encerra aqui um ciclo. Agora, vamos ter que começar um outro na sequência, mais um ciclo importante do ponto de vista de consolidação político-institucional da agenda de cuidados no governo brasileiro”, apontou.

## Saiba Mais

Os cinco eixos do plano preveem:

- A garantia de direitos e promoção de políticas para quem necessita de cuidados e para quem cuida de forma não remunerada;
- A compatibilização entre o trabalho remunerado, a educação e as necessidades familiares de cuidados;
- O trabalho decente para

- trabalhadoras domésticas e do cuidado remunerado;
- O reconhecimento e valorização do trabalho de cuidado em suas múltiplas expressões e transformação cultural rumo a uma organização social dos cuidados mais justa;
- A governança e gestão do Plano Nacional de Cuidados.

## Ações incluem cuidotecas e vagas em creches

Algumas iniciativas já estão em curso, como o Programa Mulheres Mil + Cuidados, de formação profissional em cuidados para mulheres em vulnerabilidade, com foco em trabalhadoras domésticas e cuidadoras. Outros destaques são o projeto Cuidotecas, espaços de acolhida e cuidado infantil em universidades, institutos federais e municípios, e as lavanderias públicas, essenciais para a redução da sobrecarga doméstica com espaços comunitários integrados a atividades culturais e de qualificação.

O plano ainda inclui a ampliação da oferta de vagas em creches, pré-escolas e escolas em tempo integral, priorizando famílias monoparentais chefiadas por mulheres e populações vulneráveis, e um protocolo in-

tegrado do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Sistema Único de Assistência Social (Suas) para o cuidado integral e intersetorial das pessoas idosas em domicílio.

### Regulamentação

Uma das novidades trazidas pelo plano é justamente a regulamentação, em nível nacional, da profissão de cuidador social. A atuação do profissional ocorrerá a partir de visitas periódicas à casa dos idosos beneficiários. Laís Abramo defendeu que o atendimento domiciliar permite um estímulo qualificado à pessoa idosa, além de estender o cuidado ao familiar, muitas vezes sobrecarregado pela atribuição que acabou sendo imposta.

“É importante, muitas vezes, para deter a perda de funcionalidade e repa-

rar uma série de questões, como reativar as capacidades dessa pessoa idosa. E libera o tempo desse familiar que cuida e que, na maioria das vezes, é uma mulher, para ela descansar, cuidar da sua saúde, desenvolver alguma atividade de estudo ou de trabalho e geração de renda”, declarou Laís.

“É claro que a família tem um papel muito importante no cuidado, mas a família sozinha não dá conta, principalmente nessa realidade que as famílias estão cada vez menores e a expectativa de vida está se estendendo. É por isso que são necessárias políticas públicas para essa questão, porque, senão, acaba que apenas as pessoas com muitos recursos econômicos podem acessar o cuidado”, finalizou a secretária do MDS.



Foto: Mayara Vira/MDS

**A família tem um papel muito importante no cuidado, mas não dá conta sozinha, por isso são necessárias políticas públicas**

Laís Abramo

## Toca do Leão

Fábio Mozart

m Mozartpe@gmail.com | Colaborador

### Microcrônicas (24)

**A**os 70 anos, queria mesmo era pedir demissão e doar meus bens para a caridade. Só que não tenho emprego nem patrimônio.

**Boa parte das suas lembranças é falsa, não passa de mentiras inventadas pelo cérebro, diz a ciência. Você nunca foi pobre.**

Indeciso era São José, que não sabia se chamava Jesus de filho ou pai.

**“Depois da internet, nunca mais fui burro” (Sonsinho).**

“Se o brasileiro soubesse o que eu sei, não conseguiria dormir à noite” (Ministra Cármen Lúcia, aquela que sabe, não faz nada e ainda dorme).

**Eu sou um cara da cultura alternativa. O que vem a ser isso? Mais ou menos é o elemento que produz arte num espaço marginal como as rádios comunitárias, os fanzines do tempo do mimeógrafo ou o teatro amador de periferia.**

Brigo pelo direito à liberdade de expressão, pelo humor e pela valorização das coisas simples. Subverter a lógica do mercado, não só nos conceitos estéticos.

**Se estou desencantado? Tatinho assim. Cada ano que se passa, a gente vê o deslocamento do foco de nossa luta.**

Não luto mais contra o poder burguês, mas contra a força da gravidade que vai correndo as cartilagens do meu joelho. E o pior: com a velhice, vamos nos tornando autoritários, repressores mesmo.

**Sonhei com essa tirada. Concluo que a gente dormindo é mais inteligente do que em estado de vigília. Já dizia a cartomante Madame Preciosa.**

“Maracujá só presta quando tá murcho” (Ámeba, o velhinho sapeca).

**“E as hordas de demônios quando eu durmo / Infestando o horror noturno dos meus sonhos infernais” (Sérgio Sampaio).**

Islândia tem 300 mil habitantes. Está na Copa do Mundo. João Pessoa, com o triplo de habitantes, não consegue chegar à Série B.

**Trump, presidente dos Estados Unidos, disse que os imigrantes brasileiros não são bem-vindos, pois os brasileiros “são porcos latinos que ficam chafurdando tudo pela frente, tão desorganizados como a economia do Brasil”.**

Todo preconceito é covarde.

**“Eu acho muito massa um artista que continua fazendo sua arte aos setenta anos. Gostaria de chegar nessa idade com a mesma disposição. Parabéns, Fábio Mozart, o Senhor das Baratas” (Caio Lima).**

“Eu prefiro fumar crack do que fumar o cachimbo da paz de Trump” (No Bluesky).

**Maria Corina Machado tentou dar um golpe na Venezuela e ganhou o Nobel da Paz. No ano que vem, Bolsonaro tem chance.**

Para mim, quem ganhou o Nobel da Paz foi mestra Doci dos Anjos, de Gramame.

**Um salve para Campina Grande! Minha mãe nasceu lá, por isso eu faço minha reverência. E tem um time chamado “Treze”, o Galo Moral.**

No planalto da Borborema, Campina é grande e faz a Paraíba gigante.

Colunista colaborador

## QUALIDADE DE VIDA

# Saneamento ainda é desafio nacional

Quase 17% da população brasileira vive sem acesso à água potável e 44,8% não possui coleta de esgoto, aponta estudo

Jornal da USP

O saneamento básico é um direito humano fundamental reconhecido pelas Organizações das Nações Unidas (ONU) e, apesar disso, o Brasil ainda apresenta uma grande defasagem nessa área. Segundo um estudo do Instituto Trata Brasil, atualmente, cerca de 16,9% da população brasileira vive sem acesso à água potável e 44,8% não possui coleta de esgoto. Dados comprovam que, após cinco anos desde que entrou em vigor, o Marco Legal do Saneamento Básico não demonstra avanços significativos na infraestrutura de saneamento básico do país.

As metas de universalização do saneamento básico es-



Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

País registrou um retrocesso de 0,5% no abastecimento de água potável e uma evolução de apenas 2% na coleta e de 5,5% no tratamento de esgoto

■ Metas estabelecidas são para abastecer 99% da população total do país com serviços de água até 2033

tabelecidas pelo Marco Legal são para abastecer 99% da população total do país com serviços de água e conectar ao menos 90% à rede de coleta de esgoto até 2033. Segundo o Sistema Nacional de Informações em Saneamento Básico (Sinisa), de 2019 a 2023, dados mais recentes disponíveis, houve um retrocesso de 0,5% no atendimento com água. Já em relação à coleta e ao tratamento de esgoto, os avanços foram tímidos, com evolução de 2% na coleta e de

5,5% no tratamento. Para o professor Alexandre Ganan de Brites Figueiredo, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEA-RP) da USP, o avanço ainda é pequeno e o

maior desafio é a necessidade do alto volume de investimentos. "Diria que, no ritmo que estamos, não chegaremos a 2033 com essa meta legal cumprida", avalia. Apesar disso, Figueiredo afirma que ainda há prazo

para a estruturação dos projetos. "As parcerias público-privadas [PPPs] estão sendo celebradas recentemente. Os projetos passam por um processo de estudo e elaboração que é bastante longo, de um a dois anos".

## Investimento elevado abre espaço para a atuação do setor privado

A principal estratégia para captar o alto volume de investimentos visando à universalização dos serviços foi permitir e incentivar a participação das empresas privadas, estabelecida pela reforma na Lei do Saneamento Básico de 2007. Conhecida como Marco Legal do Saneamento Básico, a nova lei alterou a estrutura econômica e regulatória do setor, acabando com os contratos de programa, no qual a responsabilidade é de uma companhia vinculada ao Estado, e estabelecendo obrigatoriedade de licitações.

Figueiredo explica quais razões levaram à abertura do serviço de saneamento básico e os desafios para concretizar a universalização. "O principal obstáculo é o alto custo. Uma estimativa de 2022 do Plano Nacional de Saneamento Básico apontava um valor de cerca de R\$ 600 bilhões para conseguir cumprir essa meta de universalização dentro desse prazo, até 2033. Outras estimativas feitas pelo setor privado falam em R\$ 900 bilhões".

O processo de abertura ao capital privado pode ser em diversos modelos. "Esses modelos vão desde a privatização, na qual há entrega total dos ativos de uma companhia estatal para uma companhia privada, como o que aconteceu recentemente com a Companhia de Saneamen-



Foto: Arquivo pessoal

to Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), até outras formas de envolvimento que não impliquem necessariamente uma privatização nesses termos".

Segundo Figueiredo, o modelo de abertura ao capital privado que mais tem se difundido é a PPP, no qual a própria empresa estatal de saneamento abre um edital para contratar e um parceiro privado para atuar em alguma área pre-determinada pela estatal como necessária, como extensão da rede de esgoto ou tratamento de água.

No entanto, o professor esclarece que, nos casos em que os contratos celebram uma PPP, a responsabilidade ainda é do

ente público. "Um serviço público não deixa de ser público, mesmo quando ele é concedido para um agente privado prestá-lo. Então, a responsabilidade, em primeira instância, sempre é do Estado, quem tem a obrigação de garantir a

“**Estimativa apontava um valor de cerca de R\$ 600 bi para conseguir cumprir essa meta de universalização**”

Alexandre Figueiredo

universalização do saneamento é o ente público. E o ente público pode escolher a forma de fazê-lo, seja prestando serviços diretamente, abrindo o mercado para um contrato de concessão ou para um contrato de parceria público-privada".

## Falta de recursos pode prejudicar a meta de universalização até 2033

Foi diante da necessidade de buscar investimentos para o serviço de saneamento que o Poder Público optou por atrair o capital privado. No entanto, o professor Figueiredo alerta: "O saneamento básico é tanto um bem que pode estar no mercado, pelo qual você cobra uma tarifa para ter acesso, como um direito humano básico e essencial".

Segundo o professor, equacionar esses dois fatores é complexo. "Como garantir que essa natureza de um direito humano básico,

essencial, ao ser convertido num bem no mercado, operado por uma companhia privada, não vai ser sacrificada em nome do lucro dessa empresa".

Figueiredo avalia que nesse cenário, no qual pode haver conflito de interesses, é necessária uma regulação institucionalmente muito forte dos contratos que a iniciativa privada participa para garantir que o que foi estabelecido efetivamente seja cumprido. "Além disso, caso haja alguma margem de descumprimento, o Es-

tado terá mecanismos para corrigir o rumo e evitar prejuízos maiores no futuro".

Para o professor é difícil imaginar uma estratégia eficaz para alcançar a meta da universalização em 2033. "Acredito que a estratégia seja atrair o setor privado, com uma regulação forte, mas, para além disso, uma forma de fortalecer o setor público é repensar os limites que contêm a capacidade de alavancagem, de buscar investimento das empresas estatais e de quem faz a prestação direta".

## Estudo mostra as realidades distintas encontradas nas regiões do país

Agência Senado

A partir do Marco Legal, o investimento médio anual na distribuição de água e no acesso a esgoto aumentou 56,5% de 2021 a 2023, chegando ao montante médio de R\$ 127 por pessoa. Mesmo assim, o valor corresponde a apenas 57% dos R\$ 223 por habitante estabelecidos pelo plano.

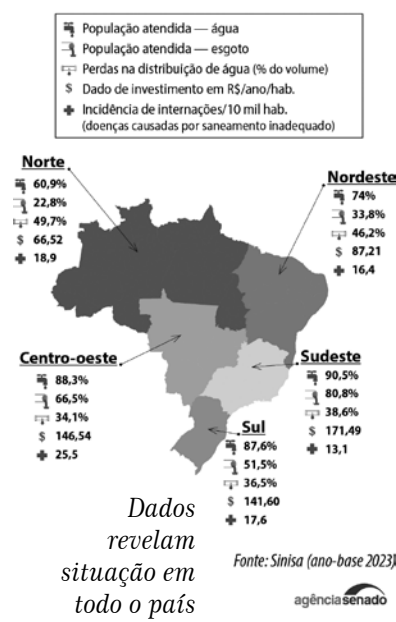
As disparidades são ainda maiores quando se avalia as diferentes regiões do Brasil: no Norte, a média de investimento anual é de R\$ 66,52 por habitante e, no Nordeste, de R\$ 87,21 — muito abaixo dos R\$ 171,49 registrados para o Sudeste. Os dados são do Sistema Nacional de Informações em Saneamento Básico (Sinisa/2023).

O estudo do Instituto Trata Brasil sobre os avanços do Marco do Saneamento aponta que, em 1.557 municípios brasileiros, já houve captação de recursos por meio de concessões parciais, plenas e parcerias público-privadas, com R\$ 370 bilhões de investimentos contratados. Esses municípios estão em 21 estados e consolidam 66 projetos com algum modelo de participação privada, que alcançam quase 80 milhões de pessoas.

Outros 1.460 municípios, reunindo mais de 36 milhões de brasileiros, encontram-se em fase de estruturação de proje-

tos. Há ainda municípios que buscam financiamentos nacionais e internacionais para buscar investimentos na área.

### Saneamento básico nas regiões brasileiras



## FIM DE ANO

# Rotina de estudos é colocada à prova

Atravessar o período de festas com os estudos em dia exige planejamento, adaptação e autoconhecimento

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Enquanto o calendário avança para 2026, muitos concurseiros vivem um conflito quase filosófico: seguir estudando em meio às festas de fim de ano ou aceitar que dezembro é um mês diferente, que pede um ritmo menos intenso de estudos. Ainda hoje é comum ouvir a frase “quem passa não para”, mas, aos poucos, uma leitura mais madura da preparação começa a ganhar mais adeptos. Planejar pausas, reduzir a carga ou até afastar-se temporariamente dos livros pode, sim, fazer parte da estratégia, desde que isso não signifique abandonar o projeto. A palavra de ordem, nesse contexto, é constância.

Mais do que disciplina, o período revela a capacidade de cada candidato de fazer escolhas conscientes e respeitar limites, funcionando como um teste de autoconhecimento, organização e equilíbrio emocional. Por isso, como um primeiro passo, é fundamental que ele compreenda que a preparação não ocorre de forma linear. Nesse período, a caminhada rumo à aprovação, que já é atravessada pela rotina profissional, também acaba sendo impactada pela agenda de confraternizações e reuniões familiares, deslocando prioridades e cobran-



Foto: Divulgação/Everest

Especialistas apontam que é importante manter os estudos durante as festas de fim de ano, mesmo que em ritmo menor

dos dos concurseiros decisões que não aparecem nos cronogramas.

### Planejamento como estratégia

Para Paula Miguel, diretora do Everest Concursos, o problema não está nas festas ou no descanso, mas na au-

sência de intenção. “Quando você faz de dezembro um mês totalmente planejado, janeiro só vai lhe trazer leveza e bons resultados”, afirma. Isso significa que, em vez de enxergar o momento como exceção ao ritual de estudos, o ideal é incorporá-lo ao proje-

to, sem exagerar no controle do tempo, mas garantindo a continuidade da preparação.

Ao falar em planejamento, Paula propõe uma virada de chave importante: abandonar a associação direta entre disciplina e carga horária elevada. Em um mês atraves-

sado por exceções, insistir no mesmo ritmo pode gerar frustração e até abandono. “Disciplina não é quantidade de horas, e sim frequência. Troque ‘estudar muito’ por ‘estudar sempre’”, resume. A fala da especialista toca em um ponto sensível para muitos candida-



Foto: Arquivo pessoal

Quando você faz de dezembro um mês totalmente planejado, janeiro só vai lhe trazer leveza e bons resultados

Paula Miguel

tos, que tendem a confundir esforço com excesso. Nesse contexto, ser disciplinado em meio às celebrações significa manter o vínculo com o estudo, ainda que em formatos mais enxutos. Por isso, segundo ela, definir o que é possível e, sobretudo, o que é inegociável também se torna fundamental. “Sempre coloque em pauta o que não se negocia, porque, quando se estabelece um plano enxuto, você consegue cumprir e o dia se torna produtivo”, explica.

## A preparação precisa caber na realidade de cada concurseiro

Contudo, mesmo quando há planejamento, o período impõe obstáculos difíceis de contornar. Para Danieleh Karine Reinaldo Bizerra Pereira, o maior deles é manter algum grau de continuidade em meio ao caos típico do fim do ano. Mãe, esposa e ex-empresária, ela estuda para concursos há cerca de dois anos e sabe o quão difícil pode ser conciliar estudo, família e compromissos. A preparação começou no fim de 2022, após perceber que a estabilidade do serviço público poderia oferecer mais segurança financeira à família. Mas a decisão não foi simples: depois de anos à frente de uma loja no ramo da beleza, ela optou por fechar o próprio negócio para dedicar-se aos estudos. “Eu me realizava naquilo, mas ser empresária no Brasil não é fácil. Foi, então, que uma amiga me abriu os olhos, mas retomar os estudos parecia difícil. Fazia 10 anos que havia concluído o Ensino Superior”, conta, lembrando que, apesar da hesitação inicial, ela entrou no curso preparatório e não parou mais.

### Adaptação da rotina

Com determinação de sobra, Danieleh explica que a rotina, em dezembro, torna-se muito mais instável.



Foto: Arquivo pessoal

Normalmente, eu estudo três horas por dia, mas neste mês não tenho conseguido atingir a meta de horas

Danieleh Pereira

“Normalmente, eu estudo cerca de três horas por dia, mas neste mês não tenho conseguido atingir a quantidade de horas necessárias”, desabafa. Diante disso, a estratégia adotada por ela tem sido evitar a ruptura completa, mesmo com um rendimento menor, conforme orienta a diretora do Everest. “O que eu tento fazer é manter a minha rotina de aulas pela manhã, re-servando pelo menos uma

hora do meu dia, pela tarde, aos estudos”, conta. Como o tempo é reduzido, ela prioriza a resolução de exercícios para fixar o conteúdo visto em sala. Ainda assim, ela reconhece que nem sempre consegue cumprir 100% do plano em razão das celebrações e dos compromissos familiares. E essa adaptação faz parte.

Não por acaso, a continuidade exige do concurseiro clareza para fazer suas escolhas. Paula Miguel reforça que definir prioridades evita que ele carregue a sensação contínua de que está em falta. O plano de estudos precisa caber na realidade do mês, gerando menos culpa e mais previsibilidade. É aí que entra a chamada “pausa programada”. Diferente da interrupção desordenada, a especialista defende que o descanso também precisa ser planejado para que o candidato possa desacelerar sem romper abruptamente com a rotina de estudos. “O ideal é fazer, realmente, uma pausa programada, sabendo que aquele dia, exclusivamente, não vai estudar. Assim, você não perde o ritmo e, ao mesmo tempo, aproveita essas festas que são essenciais para oxigenar a mente e continuar no foco”, orienta.

## Constância não é rigidez nem excesso e as estratégias podem mudar

Assim como estudar bem não significa estudar muito, a constância também não pode ser confundida com rigidez. Não existe um único caminho até a aprovação, mas diferentes estratégias que variam conforme a fase da preparação e o contexto de cada candidato. No caso de Thamires Costa de Sousa, que estuda para concursos desde 2017, a escolha passa por respeitar o próprio momento. Como parte da família vive em Brasília, ela opta por não estudar durante as festas de fim de ano para aproveitar esse período junto aos parentes, uma decisão que, segundo ela, é consciente e planejada. “Estou aproveitando as férias e, ao mesmo tempo, me organizando para iniciar uma nova fase. Estou recalculando a rota, analisando estratégias de estudo e montando um cronograma para, a partir de janeiro, focar em uma área específica”, detalha.

Com bastante experiência na bagagem, a concurseira conta que encarou, ao longo dos anos, pausas, retomadas e momentos de maior intensidade nos estudos até conquistar, no ano passado, sua primeira aprovação. Hoje, com mais clareza sobre seus limites, Thamires entende que esse afastamento temporário é estratégico. “Quando entramos no mundo dos concursos, naturalmente precisamos abrir mão de muitos momentos sociais e de lazer.

Mas, com o tempo, percebi que as festas de fim de ano são uma oportunidade valiosa para desacelerar e recarregar as energias”, reflete, destacando que o descanso contribui para retomar os estudos com mais motivação e foco.

Ao comparar a rotina ao treino físico, ela desloca a questão da culpa para o campo do autoconhecimento. “Dentro de qualquer planejamento, existem fases de recuperação, que são essenciais para evitar o *overtraining* e a estagnação dos resultados”, afirma. Nesse sentindo, a pausa aparece como parte do processo, e não como uma “exceção vergonhosa”. Voltar com a mente descansada, segundo ela, faz diferença tanto no rendimento quanto na motivação, desmontando a ideia de que parar, necessariamente, significa retroceder.

### Ano novo, novos desafios

E quando o calendário vira? O início de um novo ano costuma chegar carregado de expectativas e, para quem ainda está trilhando o caminho dos concursos, também pode trazer frustração pelos resultados que não vieram. Esse sentimento é comum e faz parte do processo. O que não pode, alerta Paula Miguel, é permitir que resultados parciais ou negativos transformem-se em motivo para duvidar da própria capacidade. “Nesse momento é importante sempre lembrar que

o resultado negativo não invalida nenhum projeto. Pelo contrário, ele mostra que ajustes são necessários para conseguir alcançar a aprovação”, pontua. Vale, então, ressignificar o que não funcionou, ajustar metas e retomar o propósito com mais maturidade emocional. “Nada de colocar culpa nesse momento”, finaliza, ao defender metas mais realistas e alinhadas à realidade de cada pessoa. E isso, claro, não aplica-se somente ao período festivo, mas para todo o ano de 2026.



Foto: Arquivo pessoal

Estou recalculando, analisando estratégias de estudo e montando um novo cronograma

Thamires Costa de Sousa



## RESULTADO DO ANO

# Setor produtivo destaca expansão acima da média

*Balancos de entidades mostram cenário de resiliência e confiança no consumo*

Joel Cavalcanti  
cavalcanti.joel@gmail.com

As principais entidades representativas da economia paraibana encerram 2025 descrevendo um ambiente de crescimento acima da média nacional, sustentado pelo dinamismo do Varejo, pela expansão da Indústria e pelo impulso do Turismo, mas atravessado por pressões estruturais que limitam um otimismo mais robusto.

O panorama é traçado a partir do balanço da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo da Paraíba (Fecomércio-PB), Federação das Indústrias (Fiepb), Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel) e Sindicato da Indústria de Fabricação do Alcool no Estado da Paraíba (Sindalcoo-PB).

Juntas, elas apontam, em comum, um cenário de otimismo moderado e resiliência, sustentado por políticas fiscais estáveis, avanço do turismo e maior integração a agendas nacionais. A leitura da economia passa, necessariamente, pelo desempenho dos setores produtivos que concentram decisões de investimento, geração de empregos e circulação de renda, funcionando como indicadores centrais da atividade econômica real.

O varejo paraibano obteve em 2025 a segunda maior alta do país, impulsionado por meses de desempenho excepcional. O presidente da Fecomércio Paraíba, José Marconi Medeiros, classifica o ano como “muito positivo”, com avanços consecutivos. “Podemos destacar os segmentos de calçados, vestuário, móveis, eletrodomésticos e eletroeletrônicos e atividades de veículos, motos e peças”, afirma Medeiros.

Ele atribui parte desse desempenho à Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que, em agosto, mostrou o estado com a terceira maior taxa do país (4%), superando a média nacional de 0,4%. O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) também reforça o cenário, com alta de



Segmento da cana-de-açúcar foi impactado pela queda nos preços do açúcar e do etanol

Foto: Ortilio Amênio/Arquivo A União

## Avaliação

**Instituições celebram crescimento, geração de empregos e maior integração a agendas estratégicas, apesar dos desafios de custos e do cenário externo**

0,5% em novembro, indicando famílias mais dispostas a consumir.

Na Indústria, o balanço deste ano também indica desempenho acima da média regional e nacional, com previsão de encerrar 2025 com crescimento de 4,4%, conforme estudo do Banco do Brasil. O índice representa a quarta maior expansão do país e superior às médias do Nordeste (2,8%) e do Brasil (1,9%). Para Cassiano Pereira, presidente da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiepb), o ano foi marcado por “expressiva geração de empregos” e “fortalecimento do ambiente de negócios”.

O programa Nova Indústria Brasil injetou otimismo ao aprovar 189 projetos para o Nordeste, com investimentos potenciais de R\$ 113,1 bilhões. Pereira des-

taca avanços em segurança jurídica e parcerias estratégicas. “Avançamos em internacionalização, em projetos estruturantes que reforçam essa trajetória de crescimento”, disse.

Para o setor de bares e restaurantes, representado pela Abrasel-PB, 2025 foi um ano de “crescimento moderado, porém consistente”, conforme a presidente Thâmara Cavalcanti. O desempenho foi desigual: enquanto restaurantes do litoral e estabelecimentos especializados prosperaram com o aumento do turismo, pequenos negócios em bairros periféricos e os muito dependentes de *delivery* [em português, entregas em domicílio] sofreram.

“O custo operacional elevado, com destaque para energia, água, mão de obra e insumos importados, foi a principal dor”, explica Cavalcanti. Um levantamento da entidade apontou que, em setembro, o setor viveu um dos piores momentos: o volume de vendas caiu 4,9% e o índice de empresas no prejuízo saltou de 16% para 27%. Apesar disso, a expectativa para o fim de ano era positiva, com 81% dos empreendedores prevendo aumento no faturamento.

O setor sucroenergético paraibano, representado pelo Sindalcoo, enfrentou um ano complexo. Até outubro de 2025, foram contabilizados 20.464 postos de trabalho diretos, sendo 6.225

no cultivo de cana-de-açúcar — o equivalente a 41% dos vínculos da agropecuária paraibana — e 13.446 na indústria de açúcar e etanol, representando 17% da Indústria de transformação do estado. Também houve aumento da participação feminina no campo e do número de jovens aprendizes.

O desempenho do setor, no entanto, foi impactado pela queda dos preços do açúcar e do etanol no mercado internacional, além do aumento dos custos de produção. A retração das cotações globais e o chamado tarifação dos Estados Unidos reduziram a competitividade do açúcar nordestino, pressionando margens e levando usinas a reavaliar o *mix* de produção. Ainda assim, a safra deve ser concluída com mais de sete milhões de toneladas de cana moídas, e investimentos industriais em modernização foram mantidos ao longo do ano.

Segundo Edmundo Barbosa, presidente-executivo do Sindalcoo, o setor também ampliou sua presença em debates estratégicos. “O Brasil assumiu a liderança em uma transição energética inclusiva, e os biocombustíveis se apresentam como soluções imediatas para a descarbonização”, afirma, ao destacar a participação do Sindalcoo nas discussões da COP30 e a relevância da matriz energética brasileira como ativo competitivo global.

## Otimismo é unanimidade entre os segmentos

Para 2026, a Fecomércio trabalha com “as melhores expectativas possíveis”. José Marconi Medeiros cita a confiança de empresários e trabalhadores e os “grandes investimentos em infraestrutura” no estado como sustentáculos do consumo no próximo ano.

Na Indústria, Cassiano Pereira projeta a “continuidade desse dinamismo”. A aposta é em maior presença nos mercados externos, atração de novos investimentos

e consolidação de políticas de inovação. “A tendência é tornar a Indústria paraibana ainda mais preparada para competir no cenário nacional e global”, disse.

A Abrasel mantém uma visão “positiva, mas cautelosa”. Thâmara Cavalcanti espera um crescimento moderado, porém superior ao de 2025, lastreado na queda gradual da inflação e dos juros, e no fortalecimento do turismo. “Entramos em 2026 apostando no fortale-

cimento da economia local e no avanço do turismo”, afirmou.

O Sindalcoo, por sua vez, enxerga no cenário global desafiador uma oportunidade de reforçar seu papel estratégico. Edmundo Barbosa ressalta que os biocombustíveis são “alavancas imediatas para descarbonização”. O setor aposta na transição energética como vetor de valorização de seus produtos, posicionando o etanol e outras bioenergias

como soluções prontas e escaláveis frente às demandas globais por sustentabilidade.

■ **Indústria projeta maior presença nos mercados externos, em 2026**

## Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira  
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

### O novo horizonte de prosperidade e equilíbrio no NE

A recente chancela do Banco Mundial, que no relatório “Rotas para o Nordeste” aponta João Pessoa como um polo de oportunidade social superior à média das capitais regionais, não é um acaso estatístico. Esse indicador, que destaca a alta mobilidade intergeracional de renda na capital paraibana, é o reflexo de uma transformação urbana e socioeconômica silenciosa, porém robusta, que vem consolidando a cidade como um modelo de desenvolvimento equilibrado no Brasil.

O conceito de mobilidade social — a capacidade de um indivíduo nascido em uma família de baixa renda ascender economicamente — depende intrinsecamente de um ecossistema que ofereça educação, saúde e um mercado de trabalho dinâmico. João Pessoa tem se destacado justamente por criar esse ambiente fértil. A cidade beneficia-se de ser um polo universitário consolidado, abrigando instituições federais e privadas de excelência que atraem capital humano e fomentam a inovação. Diferente de metrópoles que cresceram de forma desordenada, gerando bolsões de exclusão intransponíveis, a capital paraibana manteve uma escala urbana que ainda permite a integração e o acesso a serviços, facilitando a trajetória de ascensão de seus jovens.

Além do capital humano, o fator “qualidade de vida” deixou de ser apenas um *slogan* turístico para se tornar um ativo econômico. A legislação urbana de João Pessoa, famosa por limitar a altura

“

**Além do capital humano, o fator ‘qualidade de vida’ deixou de ser apenas um slogan turístico para se tornar um ativo econômico**

dos prédios na orla, preservou a circulação do vento e a paisagem, criando um ambiente urbano muito mais salubre e convidativo do que o de outras capitais adensadas verticalmente. Esse diferencial tem atraído novos moradores, investidores e trabalhadores remotos (nômades digitais), aquecendo o

setor de serviços e o mercado imobiliário. Esse fluxo migratório de “qualidade” injeta renda na economia local e diversifica as oportunidades de negócios, gerando um ciclo virtuoso que beneficia desde a construção civil até o setor de tecnologia e gastronomia.

Outro pilar que sustenta essa oportunidade social superior é a gestão fiscal e administrativa. Inserida em um estado que, segundo o mesmo relatório, é exemplo de responsabilidade fiscal e planejamento de investimentos, João Pessoa usufrui de uma estabilidade que favorece o ambiente de negócios. Enquanto outras capitais lutam contra crises fiscais agudas que paralisam serviços básicos, a capital paraibana consegue manter e expandir sua infraestrutura, garantindo que o crescimento econômico não seja sufocado por gargalos logísticos ou colapsos no fornecimento de serviços públicos.

Por fim, a equação do custo de vida *versus* qualidade de vida em João Pessoa é, talvez, seu maior trunfo competitivo. A cidade oferece infraestrutura de metrópole — com *shoppings*, hospitais de ponta e conectividade — com um custo de vida significativamente inferior ao de Recife, Salvador ou Fortaleza. Isso significa que o salário médio em João Pessoa tem um poder de compra real maior, permitindo que as famílias invistam mais em educação, lazer e bem-estar.

Em síntese, o destaque dado pelo Banco Mundial valida uma trajetória de sucesso: João Pessoa provou que é possível crescer sem sacrificar a humanidade da cidade. Ao aliar segurança, planejamento urbano sustentável e um ambiente econômico estável, a capital da Paraíba não oferece apenas emprego, mas oferece futuro, consolidando-se como a “bola da vez” para quem busca prosperidade no Nordeste.

## PREVISÕES PARA 2026

## CNC projeta alta de 1,7% em Serviços

Possibilidade de expansão reflete um otimismo moderado, frente ao crescimento de 3,5% estimado para o setor neste ano

A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) projeta que o volume de serviços com crescimento de 3,5%, impulsionado pelo dinamismo do mercado interno e pela solidez da demanda em segmentos-chave como Transporte, Turismo e Tecnologia. Para 2026, a expectativa é de alta mais moderada, de 1,7%, refletindo um cenário de menor tração econômica, mas ainda com fundamentos que sustentam a expansão do setor.

A estimativa foi divulgada após a publicação dos dados de outubro da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontou crescimento de 0,3% frente ao mês anterior. Foi o nono avanço consecutivo do indicador, renovando o recorde da série histórica. Com esse desempenho, o volume de serviços opera 20,1% acima do patamar pré-pandemia (fevereiro de 2020), reforçando seu papel de destaque na atividade econômica nacional em 2025.

O presidente do Sistema CNC-Sesc-Senac, José Roberto Tadros, destacou que o setor de Serviços tem sido pilar de resiliência diante de um ambiente macroeconômico delicado. “Apesar dos desafios impostos pelo cenário fiscal, pela política mone-

tária ainda restritiva e pelas incertezas internacionais, os serviços seguem apresentando um desempenho firme e sustentado, apoiado no dinamismo do mercado de trabalho, no crescimento da renda real e na confiança dos consumidores. Esse ciclo de expansão reflete também a atuação integrada do Sistema Comércio, por meio da qualificação profissional, apoio ao empreendedorismo e estímulo ao consumo responsável”, afirmou.

A taxa de desocupação permanece em 5,6%, mínima histórica, enquanto a renda habitual das famílias segue em trajetória de crescimento. Esse contexto tem estimulado a demanda por serviços, especialmente os relacionados ao turismo, transporte aéreo e tecnologia, que continuam entre os segmentos de maior expansão.

## Principais setores

Segundo o economista da CNC João Vitor Gonçalves, os dados da PMS de outubro refletem um setor em expansão, mas com dinâmicas distintas entre os segmentos. “As altas sucessivas do volume de serviços indicam uma trajetória sólida, sustentada principalmente pelos segmentos de Transportes e de Tecnologia da informação. Por outro lado, atividades como os serviços prestados às famílias



Segmento de transporte aéreo impulsionou o avanço do setor em 2025, com alta de 21,1% no acumulado de 12 meses

ainda enfrentam obstáculos para uma recuperação mais vigorosa, diante de um consumo que permanece cauteloso em segmentos como alimentação fora do domicílio e hospedagem”, avaliou.

O setor de Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio registrou crescimento de 1% em outubro, impulsionado pelo

transporte aéreo, que avançou 4,3% no mês e acumula alta de 21,1% em 12 meses. A demanda por logística, estimulada pelo comércio eletrônico, também segue elevada.

Os serviços de informação e comunicação cresceram 0,3% no mês e acumulam alta de 5,5% em 12 meses, liderando entre os grandes grupos da pesquisa. Já os serviços

profissionais, administrativos e complementares registraram alta de 0,1%. O grupo de serviços prestados às famílias também avançou 0,1%, mas segue com desempenho moderado. Por fim, o grupo de outros serviços teve crescimento de 0,5% no mês, embora ainda apresente queda acumulada de 1,7% em 12 meses.

A CNC projeta nova expansão em novembro, com estimativa de crescimento de 0,16% para o mês. Mesmo com uma esperada desaceleração em 2026, o setor deve manter protagonismo na economia, sustentado por fatores estruturais como ocupação elevada, renda crescente e maior circulação de pessoas nas cidades.

## Sinais de fortalecimento indicam que varejo deve avançar 3,66%

Com base nos números divulgados, em 11 de dezembro, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes à Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) de outubro, a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) projeta que o varejo restrito deve crescer 1,81% em 2025 e avançar 3,66% em 2026, indicando uma trajetória de expansão mais consistente para o setor. As estimativas refletem um ambiente de consumo ainda moderado, mas com sinais claros de fortalecimento, à medida que a inflação segue controlada e a atividade econômica avança de forma gradual.

Segundo o presidente do Sistema CNC-Sesc-Senac, José Roberto Tadros, as previsões incorporam o comportamento mais favorável do varejo em outubro. “Os resultados reforçam a capacidade de resiliência do comércio. A recuperação tende a ganhar tração em 2025 e 2026, à medida que se dissipam os efeitos de choques recentes e o ambiente de consumo torna-se mais previsível”, explica.

## Resultado de outubro

O varejo restrito cresceu 0,5% em outubro frente ao mês anterior, superando a expectativa de queda de 0,1% projetada pelo mercado e confirmando a estimativa da CNC. Apesar disso, o acumulado em 12 meses perdeu fôlego, passando de 2,1% em setembro para 1,7% em outubro.

O fim do tarifaço impos-

to pelos Estados Unidos sobre parte das exportações brasileiras reduz potenciais efeitos adversos na atividade doméstica, uma vez que as tarifas atingiam bens industriais com baixa transmissão ao varejo interno. Para o economista da CNC João Marcelo Costa, os fundamentos atuais explicam o dinamismo moderado do varejo. “A demanda por bens duráveis segue limitada pelo encarecimento do crédito, mas os segmentos menos dependentes de financiamento continuam sustentando o ritmo do varejo. A projeção para 2025 reflete essa dinâmica, enquanto 2026 deve registrar aceleração com a normalização progressiva das condições monetárias”, avalia.

## Ampliado

O varejo ampliado registrou alta de 1,1% em outubro, mas não apresentou crescimento no acumulado em 12 meses. A estagnação reflete o impacto da taxa de juros de 15% ao ano, vigente desde o início do ciclo de aperto monetário em setembro de 2024. Setores sensíveis a financiamento, como veículos e materiais de construção, permanecem limitados pelo custo elevado do crédito ao consumidor.

Ainda assim, o setor automotivo avançou 3% em outubro, estimulando o varejo ampliado. A recomposição da demanda, somada à proximidade do período de fim de ano e às estratégias mais agressivas de concessionárias, con-

tribuiu para o desempenho positivo.

## Estabilidade alimentar

O principal grupo do varejo restrito, formado por hiper e supermercados, permaneceu estável no mês, refletindo a desaceleração da inflação de alimentos e bebidas, que registrou variação de apenas 0,01%, com quedas no arroz (-2,49%) e no leite longa vida (-1,88%).

O volume de combustíveis e lubrificantes cresceu 1,4%, revertendo dois meses de queda. A recomposição da demanda, combinada à maior atividade logística típica do período, explica o avanço. Embora o diesel tenha recuado 0,46% no IPCA, gasolina, etanol e gás veicular registraram aumentos, contribuindo para maior estabilidade de média de preços.

Outro avanço de destaque ocorreu no segmento de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+3,2%), bem como no de veículos, motocicletas, partes e peças (3%). O único recuo do varejo restrito foi observado em tecidos, vestuário e calçados (-1,2%).

■ Fim do tarifaço dos EUA sobre parte dos produtos brasileiros reduz potenciais efeitos adversos

## Novo crédito imobiliário mantém otimismo na Indústria da Construção

Felipe Moura  
Agência CNI

Os empresários da Indústria da Construção fecham 2025 com perspectivas positivas para o ano que vem. É o que mostra a Sondagem Indústria da Construção, divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), em parceria com a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), neste mês. Em dezembro, melhoraram as expectativas de novos empreendimentos e serviços, compras de matérias-primas, nível de atividade e número de empregados.

De acordo com o gerente de Análise Econômica da CNI, Marcelo Azevedo, o resultado pode ser explicado a partir de fatores como novo modelo de crédito imobiliário, o aumento do valor máximo dos imóveis financiados pelo Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e a disponibilização de financiamentos para a reforma de moradias de famílias de baixa renda, que devem aquecer o setor no ano que vem.

“O início do ano costuma ser um momento melhor para a construção e, aliado a isso, há uma série de medidas que vão influenciar e dar ritmo à atividade do setor no ano que vem, além da perspectiva de redução da taxa de juros”, diz.

O índice de expectativa de novos empreendimentos

e serviços cresceu 1,9 ponto, saltando de 49,2 pontos para 51,1 pontos. O indicador, que revelava perspectiva de queda em novembro, passou a sinalizar expectativa de alta nos lançamentos para os próximos meses.

Movimento parecido ocorreu com o indicador de expectativa de número de empregados da Indústria da Construção. O índice que mede essa variável subiu 1,2 ponto, de 49,8 pontos para 51 pontos. Agora, os empresários projetam alta na quantidade de postos de trabalho do setor no início de 2026, ante perspectiva de queda do total de vagas observada em novembro.

Por outro lado, as expectativas de compras de matérias-primas e de nível de atividade tornaram-se ainda mais positivas. O índice de expectativas de compras de matérias-primas aumentou 1,5 ponto, passando de 50,2 pontos para 51,7 pontos. O indicador passou a revelar perspectiva de alta mais intensa e disseminada das aquisições de insumos pelo setor nos próximos meses.

O índice de expectativa de nível de atividade, por sua vez, registrou alta de 1,3 ponto, de 50,4 pontos para 51,7 pontos. Isso mostra que a perspectiva dos empresários quanto à expansão da atividade no ano que vem se tornou ainda mais positiva.

A melhora das expectativas refletiu-se na intenção

de investimento das empresas da Indústria da Construção, cujo índice subiu 1 ponto, de 42,3 para 43,3 pontos, a terceira alta nos últimos quatro meses. O avanço, porém, não foi suficiente para aproximar o indicador do patamar visto no início de 2025, de 45,1 pontos.

## Desempenho

Em novembro, o índice de evolução do nível de atividade da Indústria da Construção ficou em 48,2 pontos, após alta de 0,3 ponto em relação a outubro. Com isso, o índice passou a se situar acima da média para o mês, que é de 47 pontos. Já o índice de evolução do número de empregados caiu 0,6 ponto, chegando aos 46,9 pontos, acima da média histórica para o mês de novembro. A Utilização da Capacidade Operacional (UCO) recuou 1 ponto percentual, para 67%.

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) da Construção caiu 0,8 ponto em dezembro e fechou o ano em 48,4 pontos, patamar que sinaliza falta de confiança do setor. A queda interrompeu sequência de três altas consecutivas.

## Sobre a Sondagem

Para esta edição da Sondagem Indústria da Construção, a CNI consultou 295 empresas: 114 de pequeno porte; 124 de médio porte; e 57 de grande porte, entre 1º e 10 de dezembro de 2025.

EM 2025

## Paraíba conquista lugar de destaque no Brasil

Governo consolidou ações estruturantes que se refletem em indicadores inéditos

Iluska Cavalcante  
Ascom Secties

Ao longo de 2025, a Paraíba testemunhou investimentos públicos robustos em resultados concretos que colocaram o estado em posição de destaque no cenário nacional em ciência e tecnologia. Por intermédio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), o Governo da Paraíba consolidou um conjunto de políticas estruturantes que se refletiu em indicadores inéditos, obras estratégicas, fortalecimento das universidades e respostas científicas a desafios reais da população paraibana.

O reconhecimento veio de forma categórica. De acordo com o Ranking de Competitividade dos Estados, divulgado pelo Centro de Liderança Pública (CLP), a Paraíba conquistou o primeiro lugar do Nordeste e a vice-liderança do Brasil em investimentos públicos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), alcançando a média de 80,9. O desempenho em pesquisa científica também impressionou, com média de 67,4, colocando o estado na sexta posição nacional e na terceira regional. Esses resultados impulsionaram a Paraíba à 11ª colocação geral no ranking e à liderança nordestina no pilar inovação.

Por trás desses números, está um ciclo consistente de investimentos. Nos últimos

cinco anos, o Governo da Paraíba ultrapassou a marca de R\$ 700 milhões aplicados em ciência, tecnologia e inovação, por meio de mais de 50 ações e programas executados pela Secties, pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq) e por parceiros institucionais. Esses recursos impactaram desde a pesquisa acadêmica de ponta até o fortalecimento do empreendedorismo inovador, a popularização da ciência e a inserção da Paraíba em grandes projetos científicos internacionais.

### Complexo Científico

No campo da pesquisa estruturante, o Complexo Científico do Sertão consolidou-se como uma das iniciativas mais inovadoras do país na in-

teriorização do conhecimento. Desde seu anúncio em 2024, o projeto já recebeu mais de R\$ 75,8 milhões em investimentos e avançou significativamente em todas as suas frentes de atuação, transformando uma política pública em realidade concreta.

Em julho de 2025, o governador João Azevêdo assinou a ordem de serviço de R\$ 24 milhões para a construção da Cidade da Astronomia, em Carapateira, um centro voltado à popularização da ciência, com observatórios, planetário e espaços educativos. Desde então, a obra entrou em fase de construção, disponibilizando equipamentos de observação e experimentação que permitem transportar a teoria dos livros para a prática, tornando a ciência tangível e compre-

sível para a população.

O Radiotelescópio Bingo, em Aguiar, apresentou avanços estruturais expressivos ao longo do ano; no Monumento Natural Vale dos Dinossauros, em Sousa, as ações do Projeto de Pesquisa e Preservação do Patrimônio Geopaleontológico e Arqueológico da Bacia do Rio do Peixe estão sendo implementadas; o Museu de Arqueologia em Cajazeiras, equipamento que encerra o tour científico do Sertão, encontra-se em fase de contratação para execução das obras e implantação, completando um circuito integrado de conhecimento que mobiliza comunidades, universidades e instituições internacionais em torno da ciência como motor de desenvolvimento regional.

## Dados e evidências orientam políticas públicas

Outro eixo fundamental foi o uso de dados e evidências para orientar decisões públicas. Desenvolvido pela Secties em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a Fapesq, o Sistema de Inteligência de Dados em Ciência e Tecnologia da Paraíba (SIDTec) consolidou-se como uma ferramenta pioneira no país. Em 2025, notas técnicas produzidas a partir da plataforma revelaram, por exemplo, o crescimento de 71,25% na oferta de vagas de graduação no estado, de 2010 a 2022, superando a média nacional.

Esse cenário é reforçado pelos dados sobre a produção científica e tecnológica do estado. De 2019 a 2024, a Paraíba registrou mais de 1.300 inova-

ções, com desempenho superior às médias do Nordeste e do Brasil, além da produção de cerca de 20 mil artigos científicos, metade deles publicados em periódicos de alto impacto. As universidades públicas responderam pela ampla maioria dessa produção, evidenciando a centralidade do sistema público de Ensino Superior no desenvolvimento científico do estado.

A criação da Secties, em 2023, deu robustez institucional a essa política e ampliou a capacidade do estado de conectar estudantes, pesquisadores e empreendedores a redes nacionais e internacionais, com destaque para o programa Paraíba Sem Fronteiras, que ganhou escala significativa em 2025.

### Crise do metanol

Os impactos desse investimento contínuo ficaram claros quando a ciência paraibana respondeu rapidamente a uma crise de saúde pública. Pesquisadores da Universidade Estadual da Paraíba desenvolveram uma tecnologia capaz de identificar a presença de metanol em bebidas alcoólicas com taxa de acerto de 97%, resultado direto de pesquisas iniciadas anos antes com o apoio do Governo do Estado.

A solução ganhou repercussão nacional e mostrou, na prática, como o investimento em ciência gera retorno social, protege vidas e fortalece a capacidade das universidades de responder a emergências.

### Empreendedorismo

A inovação também ganhou forma no apoio ao empreendedorismo tecnológico. Dezenas de startups passaram por programas de incubação e aceleração ao longo do ano. Iniciativas como o projeto Empreendedorismo e Inovação nas Favelas garantiram apoio financeiro e mentorias a empreendimentos oriundos de territórios populares, democratizando o acesso à economia da inovação.

Ao mesmo tempo, eventos, hackathons, olimpíadas científicas, ações na área de games e o Circuito Game Dev Quest fortaleceram o diálogo com o público jovem e estimularam novas vocações para a ciência e a tecnologia. A Paraíba passou a ser reconhecida nacionalmente como um polo emergente no desenvolvimento de jogos digitais independentes.

■ De 2019 a 2024, a Paraíba registrou mais de 1.300 inovações



Estado passou a ser reconhecido, no país, como polo desenvolvedor de jogos digitais

## Poeira Estelar

Claudio Furtado  
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

## Cientometria: medindo o impacto da ciência na PB

Você sabe o que é cientometria? Ao falar essa palavra, não devemos confundir com cienciologia, uma religião que muitos famosos, como Tom Cruise, acreditam. Na verdade, cientometria é a área da ciência que estuda dados, repercussão e impacto de publicações científicas, trabalhos e patentes.

Existem determinados números que são muito conhecidos dentro da comunidade científica, mas desconhecidos pela população, que são os fatores de impacto. Como sabemos se uma determinada revista tem uma melhor avaliação do que outra, por exemplo? Isso é feito quando olhamos, ao longo dos anos, quantos artigos citaram aquela revista ou o quanto ela causa impacto em uma determinada área.

Um dos indicadores amplamente utilizados é o fator H, ou índice de Hirsch, que mede o número de trabalhos de um determinado autor que atingem um certo patamar de citações, trazendo uma repercussão do impacto daquele trabalho no campo científico.

Atualmente, existem diversas plataformas que reúnem dados cientométricos. O Google Acadêmico, por exemplo, é uma ferramenta aberta que realiza uma análise mais ampla, contabilizando as citações de revistas de toda a internet, embora receba críticas por não aplicar critérios mais rigorosos de análise. Já a Web of Science, da Clarivate, e a Scopus, da Elsevier, trabalham com bases que permitem análises mais detalhadas. Com elas, podemos avaliar quanto os trabalhos repercutem internacionalmente, de uma determinada instituição ou de um departamento.

Esses dados são estratégicos para a formulação de políticas públicas em ciência e tecnologia. Pensando nisso, a Secretaria de Ciência e Tecnologia, em parceria com o Laboratório de Estudos em Modelagem Aplicada (Lema) da UFPB, desenvolveu o Sistema de Inteligência de Dados em Ciência e Tecnologia (SIDTec), uma plataforma que olha para indicadores, artigos publicados, números de teses, dissertações, patentes, registros de patentes, produções artísticas e toda ordem de produção acadêmica e cultural que constitui a vida acadêmica das instituições de pesquisa paraibanas.

O SIDTec nos ajuda a comparar e compreender para onde estão indo os egressos formados na Paraíba, qual a repercussão dos trabalhos e a média de titulação de mestres e doutores. Isso, do ponto de vista do Governo do Estado, são dados importantíssimos para a descentralização de recursos e investimentos em diversas áreas, como no Sertão da Paraíba.

Com isso, podemos ter uma visão ampla sobre a realidade de João Pessoa, Campina Grande e das mais de 30 cidades onde há campi de universidades paraibanas. Entre os índices já mostrados pela plataforma, os indicadores apontam que a Paraíba tem média de titulação de mestres e doutores acima da média nacional.

E tudo isso que nós olhamos é refletido em avaliações externas, como a do Centro de Liderança Pública (CLP), que analisa esses dados cientométricos, os investimentos feitos para a área de ciência, tecnologia e inovação e, diante de tudo isso, avaliou a Paraíba como o estado mais inovador do Nordeste e o quinto do Brasil. Exatamente porque os investimentos se refletem nas produções, nas patentes e nas obras produzidas pelos pesquisadores das nossas universidades.

A cientometria não é apenas uma ferramenta de medição, mas um instrumento de planejamento e visão de futuro. No caso da Paraíba, quando políticas públicas se baseiam em evidências e indicadores claros, os resultados aparecem e começam a ser reconhecidos dentro e fora do país.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba e professor doutor em Física da UFPB  
Colunista colaborador

## ZUMBIDO

# Insetos têm fama injusta de vilões

No verão, o aumento das temperaturas e das chuvas traz à tona rotinas fundamentais para o equilíbrio da natureza

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Basta um zumbido para despertar o instinto de sobrevivência. Chinelo, vassoura, veneno. Qualquer coisa serve para eliminar o inimigo, de mosquitos a baratas, passando por formigas e besouros — todos colocados sob o mesmo rótulo de ameaça. E, no verão nordestino, o incômodo cresce exponencialmente à medida que a temperatura aumenta. Mas nem tudo o que voa, pica ou rasteja é, de fato, vilão. “Os insetos não são exatamente maus, por essência. A gente é que cria as condições para que eles nos façam mal”, explica o engenheiro agrônomo e doutor em Entomologia Agrícola, Leonardo Dantas, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Por mais comum que seja associarmos alguns insetos à vilania, a tentativa de classificá-los em bons e maus simplifica demais o que acontece na natureza. Distante desse maniqueísmo, há muitos fatores em jogo, como temperatura, umidade, acúmulo de lixo e até a presença de predadores naturais, além da própria dinâmica do ecossistema. Porém, antes de aprofundarmos essa questão, vale categorizar o que realmente é um inseto, para evitar confusões. Segundo o professor, para além da imagem do “bichinho cheio de pernas”, os integrantes desse grupo compartilham uma estrutura corporal bem definida: cabeça, tórax e abdômen, com seis patas, antenas e, em geral, um par de asas. Portanto, aranhas, escorpiões e carrapatos ficam de fora, pois pertencem à turma dos aracnídeos.

### Combustível da vida

Elucidada a dúvida, já parou para pensar por que as famosas muriçocas parecem só dar o ar da graça durante o verão? A sensação é de que passamos boa parte do ano sem a presença delas, até que as altas temperaturas as atraem para as nossas casas. A explicação para a invasão delas e de seus colegas, de asas ou não, é simples: temperatura e umidade são o combustível da vida dos insetos. Como são animais de sangue frio, não produzem calor próprio e, por isso, dependem do ambiente para regular o corpo. Em temperaturas mais baixas, o metabolismo desacelera e os níveis de atividade também caem. Já com o termômetro nas alturas, conseguem se reproduzir e se desenvolver melhor, multiplicando-se mais rapidamente. “Eles estão presentes o ano inteiro, mas o aumento da temperatura acelera o metabolismo e o ciclo de vida. Por isso, parecem surgir de repente”, detalha o professor Leonardo. Vale lembrar que o calor, combinado às chuvas esparsas, multiplica os criadouros e as fontes de alimento — cenário perfeito para transformar o verão em

festival de zumbidos.

Nas cidades, os insetos mais frequentes nessa época do ano são mosquitos, moscas, baratas, formigas, vespas e abelhas, que ficam menos visíveis quando a temperatura está mais amena. Já em jardins e hortas, pulgões, lagartas, joaninhas, libélulas e besouros aparecem em busca de folhas e flores, desempenhando fun-



**Eles estão presentes o ano inteiro, mas o aumento da temperatura acelera o metabolismo e o ciclo de vida**

Leonardo Dantas

para mostrar como as aparências enganam. “Se você colocar um mosquito e uma serpente em um mesmo espaço, provavelmente irá fugir da serpente. Mas existem muitas que não são peçonhentas. Já o mosquito pode transmitir dengue e *chikungunya*. Então, eu correria dele, com certeza”, reflete. Citar o *Aedes aegypti* é emblemático por conta das doenças que carrega, mas o especialista lembra que esse mosquitinho zebrado não seria um problema se não encontrasse as condições ideais de reprodução nos centros urbanos, criadas pelas pessoas. “Ele só se tornou uma ameaça porque encontrou dentro das cidades o que precisava: caixas d’água destampadas, lixo e calor. No ambiente natural, seria apenas

ta de saneamento criam o ambiente perfeito para baratas, mosquitos e escorpiões”, explica. Para ele, a solução para essa questão está no manejo inteligente, com limpeza urbana, planejamento ambiental e consciência coletiva.

■ Quanto mais degradado o ambiente estiver, mais esses bichinhos estarão perto das pessoas



Abelhas, formigas, borboletas, aranhas e pulgões têm funções específicas para a manutenção do equilíbrio do ecossistema



ções de polinização e controle biológico de pragas. Em vez de vilões e mocinhos, é preciso entender que cada espécie tem um papel importante no equilíbrio do meio ambiente. “Há vespas que parasitam ovos de baratas, joaninhas que comem pulgões, abelhas que garantem boa parte das frutas que consumimos. Mas, por falta de conhecimento, muita gente mata esses insetos”, lamenta o professor.

### Vilania

Mesmo assim, não dá para ignorar o poder de fogo de alguns insetos. Leonardo recorre a uma comparação curiosa

mais um mosquito”. Na prática, ao perder o habitat natural, muitos insetos deslocam-se para as cidades, aproximando-se das casas em busca de alimento e abrigo. Conforme o biólogo Eudécio Carvalho Neco, gerente operacional de Educação Ambiental e do Campo da Secretaria de Educação da Paraíba (SEE-PB), quanto mais degradado o ambiente estiver, mais esses animais estarão perto das pessoas. “É o que chamamos de espécies sinantrópicas. O lixo acumulado, o esgoto exposto e a fal-



**Esgoto exposto e falta de saneamento criam ambiente perfeito para baratas, mosquitos e escorpiões**

Eudécio Carvalho Neco

## Venenos atacam pragas, mas matam polinizadores

Se entender o que faz cada inseto pode soar desafiador, para Eudécio, o equilíbrio é o centro de toda a questão. O aumento das populações de insetos no verão é natural e necessário para o equilíbrio dos ecossistemas, um sinal de vitalidade ambiental, de acordo com o especialista. Eles polinizam plantas, servem de alimento para aves, anfíbios e répteis, e ainda ajudam a decompor a matéria orgânica, um ciclo invisível, mas essencial para a vida. As formigas, por exemplo, arejam o solo e dispersam sementes, enquanto as moscas atuam como pequenas operárias da reciclagem, transformando restos orgânicos em nutrientes que retornam ao ambiente. E até as baratas cumprem sua função como recicladoras naturais de resíduos. Já o que chamamos de “praga” é apenas uma resposta ao desequilíbrio ambiental,



**Se é lagarta, deixo comer [as folhas], porque, pouco tempo depois, ela vira borboleta. Todos têm uma função**

Maria José Souza Sobral

permitem conviver com os insetos sem precisar exterminá-los. “O equilíbrio natural depende da convivência, não da eliminação total desses organismos”, resume.

### Convivência

Essa harmonia defendida pelo biólogo ganha vida no quintal de Maria José Souza Sobral, moradora de Mangabeira, em João Pessoa. Aos 61 anos, ela transformou o próprio terreno em uma “microflorestinha”, como gosta de chamar. “O jardim, para mim, é uma terapia, porque cuidando das plantas você não pensa em nada, e o corpo relaxa. Eu não tomo remédio nenhum, porque a natureza é meu remédio”, conta, sorrindo.

No espaço que cultiva há duas décadas, a regra é simples: nada se mata, tudo se observa. “Se é lagarta, deixo comer [as folhas], porque, pouco tempo depois, ela vira borboleta. As formigas também comem, mas depois vão embora. Acredito que todos têm uma função”, diz. Mesmo as abelhas, que visitam o jardim nas floradas, têm seu espaço. “Elas colhem o néctar e vão embora. Nunca me atacam”, comenta. Não por acaso, a moradora não usa venenos em seu jardim — se precisa controlar algo, recorre a soluções naturais. “Acho fantástica a presença desses animais. Eles escolheram minha casa para morar e isso é um presente do universo”, afirma. Em vez de sentir-se incomodada, Maria José acredita que os insetos representam um sinal de saúde. “Hoje, a maioria das pessoas só pensa em destruir, por isso a natureza está pobre. Mas esses bichinhos podem nos ajudar bastante”, finaliza.

quando o ser humano desestabiliza essa dinâmica. Parece até improvável, mas qualquer desequilíbrio causado a esses pequenos seres pode gerar grandes consequências. Eudécio explica a relação: “Quando usamos agrotóxicos, podemos afetar as abelhas e, consequentemente, os serviços ecológicos prestados por elas, como a polinização. E isso interfere diretamente na oferta e na variedade de frutas, em última instância”, detalha. Muitas vezes, embora o alvo sejam os insetos indesejáveis, acabamos eliminando, também, os mais benéficos, como abelhas, joaninhas e libélulas. “O que causa um efeito em cadeia e pode levar ao aumento de pragas mais resistentes”, alerta.

Além disso, o uso indiscriminado de venenos contamina o solo, a água e os alimentos, afetando não só o meio ambiente, como também a saúde humana. Para Eudécio, o caminho está em práticas sustentáveis, como a agroecologia, o controle biológico e a educação ambiental, que

*Dayalo Xavier é uma das maiores promessas da natação paraibana e segue conquistando medalhas nos cenários nacional e internacional*



**DAYALO XAVIER**

# Novo fenômeno da natação

*Atleta paraibano, de apenas 14 anos, supera o recorde estadual no nado borboleta, que pertencia a Kaio Márcio, nos 100 m e 200 m*

Camilla Barbosa  
acamillabarbosa@gmail.com

A natação paraibana vive um momento de renovação, impulsionada pela nova geração de talentos que começa a se destacar no cenário competitivo. Entre eles, está Dayalo Xavier, de 14 anos, que já coleciona medalhas em disputas estaduais, nacionais e internacionais: na 29ª edição dos Jogos Sul-Americanos Escolares, encerrada em 7 de dezembro, em Assunção, no Paraguai, o jovem garantiu o ouro nos 100 m borboleta e a prata nos 50 m da mesma especialidade; dias antes, no Campeonato Brasileiro Infantil de Natação, o nadador conquistou três medalhas de ouro (200 m borboleta, 1.500 m livre e 400 m medley) e quebrou dois recordes paraibanos (nos 200 m e 100 m borboleta), que pertenciam ao campeão mundial Kaio Márcio, sendo esta a primeira vez que o atleta olímpico foi ultrapassado por um atleta infantil.

Filho de Severino Ferreira, fundador dos clubes CSP e Femar, Dayalo esteve, desde sempre, imerso no ambiente esportivo. “Eu tenho uma granja em Santa Rita, e lá eu construí uma piscina. Nessa piscina, desde um ano de idade, ele tomava

banho comigo, sem andar ainda; mas, a partir dos dois anos, ele já dava as braçadinhas, eu segurando ele, aquela coisa toda, e, aos dois anos e meio, ele já atravessava a piscina, que é de 8 m de largura por 20 m de comprimento. E foi ali que Dayalo começou, digamos assim, a dar os passos principais para que viesse a tomar gosto pela natação”, relembra o pai.

Durante a pandemia, o jovem atleta fez um teste e passou para integrar a equipe da Acqua R1, no Cabo Branco, clube no qual permaneceu por três meses. Em seguida, em 2020, passou a integrar o time da Vila

Olimpica Parahyba e segue lá até hoje.

Dayalo destaca que o apoio do pai foi fundamental para que ele seguisse na natação. “O começo foi fácil, digamos assim, porque meu pai estava lá, me apoiando, me incentivando, me ajudando, e aí eu comecei a nadar. No início, eu queria o futebol. Mas aí ele falou: ‘Não, você tem resultado na natação, continue aí’. Eu queria desistir, queria sair da natação, do futebol, mas ele me incentivou a continuar. Hoje, só tenho a agradecer a ele por ter me

incentivado a continuar e estou muito feliz com esses resultados. Essas sensações que eu sinto de ganhar essas medalhas são indescritíveis”, afirma o jovem nadador.

## Competição internacional

Dayalo ainda lembra qual foi a reação que teve ao saber que, em sua primeira participação em competição internacional, quebrou recordes pertencentes a Kaio Márcio. “Na hora em que eu recebi a premiação, eu não sabia. Foi quando a gente foi para o hotel que algumas pessoas me disseram. Eu

não acreditei na hora, mesmo com todo mundo mandando parabéns. Aos 14 anos, eu já tenho um recorde de uma pessoa que foi campeão olímpico. Isso me deixou muito feliz”, expressa ele.

“A natação, exclusivamente, depende de mim, mas é uma construção. Meus colegas me ajudam, eles estão lá pra me motivar. No treino eu tenho a inspiração deles, eles estão na frente. E eu agradeço muito ao professor Leandro, por todo o apoio, por estar sempre me incentivando, me motivando, me disciplinando. Só tenho a agradecer a ele e ele também faz parte disso, junto com todos os meus colegas”, acrescenta ele.

## Futuro

Com o crescente destaque, as propostas de outros clubes, sobretudo sudestinas, são inevitáveis.

O pai, porém, deseja que Dayalo continue a competir pela Vila e construa uma carreira na Paraíba.

“Já existem propostas para ele. O Fluminense já andou sondando ele para, digamos assim, adquirir o passe, como dizemos no futebol. Mas eu prefiro, de todo coração, que ele continue aqui na Paraíba, aqui na Vila. Se conseguiu ser campeão brasileiro, conseguiu ser campeão na Copa do Pacífico, conseguiu no Sul-Americano, na Vila, então, o que a gente espera é o apoio do Governo Estadual e demais iniciativas privadas, para que meu filho continue representando nosso estado”, declara.

Ao comentar sobre metas e referências, apesar da pouca idade, Dayalo demonstra uma maturidade rara e revela que sua maior força vem de casa — e de si mesmo. “Inspiração em atletas a nível olímpico, nacional, internacional, eu não tenho. Minha inspiração principal é meu pai, e eu mesmo, pois quero me superar, cada vez mais, chegar a um nível olímpico, por mim mesmo. Eu vejo Michael Phelps, Kaio Márcio, eles têm uma mentalidade de um atleta extraordinário, e eu tenho essa mentalidade, e eu sei que vou conseguir, se Deus quiser”, afirma, convicto, o jovem paraibano.



*Dayalo com o pai, Severino Ferreira, o seu maior incentivador na natação*

Fotos: Leonardo Azeiteiro

## COPAS DO MUNDO

## Mbappé detém o recorde em finais

Francês consagrou-se na final de 2022, no Catar, como o maior artilheiro da competição, após duas edições

Foto: Divulgação/Fifa

Você certamente já conhece esta história. Mas os grandes momentos do futebol têm esta força: podemos ler e reler sobre eles sem jamais cansar, porque continuamos nos emocionando. A final da Copa do Mundo da Fifa Catar 2022, entre França e Argentina, é um desses momentos. E, embora a Albiceleste tenha levantado o troféu (3 a 3 na prorrogação, 4 a 2 nos pênaltis), o roteiro da partida tornou-se tão famoso quanto as imagens de Lionel Messi, envolto em uma túnica típica, árabe conhecida como "besht", erguendo a taça diante de torcedores em êxtase. Mas ele não foi o único a brilhar naquela noite, no Estádio Lusail.



Em uma única noite, Mbappé deixou para trás nomes célebres, como os brasileiros Ronaldo, Vavá e Pelé, o argentino Mario Kempes e o compatriota Zidane

### Hat-trick

Atacante igualou o feito do inglês Geoff Hurst, que marcou três vezes numa final de Copa, no jogo contra a Alemanha, em 1966, na vitória de 4 a 2, na prorrogação

Apesar de devastado por causa da derrota, Kylian Mbappé também alcançou um novo patamar naquele 18 de dezembro de 2022. A Argentina deu um passo gigantesco rumo ao

tricampeonato, ao abrir 2 a 0 antes do intervalo, com gols de Messi e Ángel Di María, mas o atacante lançado em Bondy deu o gri-

to de revolta no vestiário — e transformou palavras em ação em um fim de jogo que poucos poderiam ter previsto.

Randal Kolo Muani, que entrou cheio de energia, sofreu o pênalti que Mbappé converteu com frieza (35' do 2º tempo). Na sequência, diante de uma Argentina subitamente vacilante, o atacante que atuou pelo Paris Saint-Germain tabelou pelo alto com Marcus Thuram e acertou um lindo chute de primeira, indefensável para Emiliano Martínez (36' do 2º tempo). Com esse goloço inesquecível, Mbappé reacendeu a esperança — sem imaginar que ainda estava prestes a escrever mais um capítulo histórico menos de uma hora depois.

Na prorrogação, a genialidade de Lionel Messi permitiu que ele marcasse seu segundo gol, deixando novamente os Bleus atrás no placar. Parecia quase impossível ver a França reagir — e ainda menos provável imaginar Mbappé repetindo o papel de salvador. E, mesmo assim...

aos 13 minutos do segundo tempo extra, após um toque de mão de Gonzalo Montiel na área, a França recebeu uma última chance: mais um pênalti. Com o peso do mundo sobre os ombros, Mbappé não vacilou. Bateu cruzado, com força, e marcou o 3 a 3, consolidando ainda mais seu lugar na história do torneio.

Com esse *hat-trick* na final, ele igualou o feito do inglês Geoff Hurst, até então o único a marcar três vezes em uma final de Copa do Mundo (1966, 4 a 2 sobre a RF da Alemanha, na prorrogação). Ao longo daquela noite, Mbappé ainda superou diversos craques do passado para assumir sozinho o topo dos maiores artilheiros da história das finais, com quatro gols.

Quatro? Sim, porque Mbappé já havia balançado as redes em 2018, marcando o 4 a 1 na final vencida por 4 a 2 contra a Croácia. Com aquele chute indefen-

sável com a perna direita, ele se tornou, aos 19 anos e 207 dias, o segundo jogador mais jovem a marcar em uma final de Copa do Mundo, atrás apenas de Pelé (17 anos e 249 dias).

Em uma única noite — mesmo que tenha sonhado com um desenvolvimento mais feliz —, Kylian Mbappé deixou para trás nomes célebres, como os brasileiros Ronaldo, Vavá e Pelé, o argentino Mario Kempes e seu compatriota Zinedine Zidane, autor de três gols nas finais e único outro francês a marcar em duas edições diferentes.

E o mais impressionante é que chegará à Copa de 2026, na América do Norte, com apenas 27 anos. E não é nada impossível imaginar que ele amplie ainda mais um registro que já é extraordinário.

Na Copa do Mundo de 2026, o artilheiro da França terá a oportunidade de ampliar os seus números.

Foto: Reprodução/Instagram @rootsoffightpele



Pelé chegou a fazer três gols em finais de Copa, mas somando duas edições (1958 e 1970)

#### Artilheiros em finais de Copa do Mundo

Jogador	Gols na final	Número de finais
Kylian Mbappé (França)	4	2 (2018, 2022)
Geoff Hurst (Inglaterra)	3	1 (1966)
Vava (Brasil)	3	2 (1958, 1962)
Pelé (Brasil)	3	2 (1958, 1970)
Zidane (França)	3	2 (1998, 2006)
Colaissi (Itália)	2	1 (1938)
Piola (Itália)	2	1 (1938)
Rahn (Alemanha)	2	1 (1934)
Kempes (Argentina)	2	1 (1978)
Breitner (Alemanha)	2	2 (1974, 1982)
Ronaldo (Brasil)	2	2 (1998, 2002)
Messi (Argentina)	2	2 (2014, 2022)

COPA SÃO PAULO

# Ramiro fez história por dois clubes

Técnico fez sucesso com Botafogo e CSP em oito participações, inclusive chegando à fase de mata-mata

Camilla Barbosa  
 acamillabarbosa@gmail.com

A Copa São Paulo de Futebol Júnior começa nesta sexta-feira (2) e a Paraíba será representada pelo Esporte de Patos e pelo Confiança de Sapé, respectivos atuais campeão e vice-campeão do Campeonato Paraibano Sub-20. O primeiro time estreia diante do Francana, no dia 3 de janeiro, às 19h15, no Estádio José Lancha Filho, na cidade de Franca; a equipe sapeense, por sua vez, faz seu primeiro confronto diante do União Mogs, às 15h15, no Estádio Municipal Prefeito Francisco Ribeiro Nogueira, o Nogueirão, no dia 4.

Nesta edição, a Copinha reunirá 128 equipes, entre elas 23 estreantes, que estão divididas igualmente em 32 grupos (contendo quatro times cada). O Patinho está no Grupo 13, com Francana, Barra e Cruzeiro. Já o Rubro-Neogo integra o Grupo 23, com o União Mogi, Centro Olímpico e Fortaleza. De acordo com o regulamento, as duas melhores agremiações de cada chave avançam à fase de mata-mata e o campeão será conhecido no dia 25 de janeiro, data do aniversário da capital paulista, no Pacaembu.

Essa é a quarta vez que o Papão garante vaga para o torneio nacional, enquanto a agremiação sertaneja terá sua primeira experiência na competição. Um dos técnicos paraibanos mais experientes nesse cenário, Ramiro Souza — que acumula oito edições na bagagem, sendo quatro pelo Botafogo e quatro pelo CSP — fez uma análise sobre os dois representantes locais.

“Confiança de Sapé é um clube pelo qual tenho enorme carinho e orgulho, pois tive a honra de defendê-lo como atleta profissional no Campeonato Paraibano de 1996. Hoje, o Confiança volta a representar o nosso estado, contando com um treinador experiente, meu amigo César Wellington, que já possui vivência na competição, vem realizando grandes campanhas no Campeonato Paraibano Sub-20 e foi campeão da categoria. Desejo muito sucesso a ele. No Esporte de



Foto: Allar Hebert/Botafogo

Ramiro diz estar torcendo por boas campanhas do Confiança, de Sapé, e Esporte, de Patos

Patos, o famoso Patinho do Sertão, clube pelo qual também tive o prazer de trabalhar como treinador em três oportunidades no futebol profissional, tenho grandes amigos e profissionais muito competentes, como Marcos Nascimento. O clube realizou uma excelente campanha no Campeonato Paraibano Sub-20 de 2025, mostrando a força do seu trabalho de base”, comentou Ramiro.

Ele ainda deixa uma mensagem para os futebolistas das duas equipes locais que entrarão em campo em São Paulo nos próximos dias. “Aos garotos que disputarão a Copinha, deixo sempre a mesma mensagem: sonhem. Transformem esses sonhos em realidade. Vocês estão indo para uma das maiores competições de base do mundo, vista por todo o Brasil e

por muitos países. A visibilidade é enorme. Façam dessa competição a melhor experiência da vida de vocês. É uma oportunidade única”, iniciou.

“Tenham foco, acreditem no potencial de vocês, busquem seus sonhos de se tornarem atletas profissionais, sempre com os pés no chão e com muita humildade. Acreditem até o final, pois o sucesso vem para quem persiste”, acrescentou o treinador.

Desde 1997 a Paraíba participa do torneio, e, ao todo, 17 equipes locais já integraram o certame. O Botafogo, com 10 edições, é o detentor do maior número de participações pelo estado; em seguida, vem o CSP, que esteve em sete.

“Pelo Botafogo, destaco um grande confronto contra o Palmeiras. Já com o CSP, en-

frentamos o Corinthians, em um jogo que terminou 1x1. Naquele ano, o Corinthians sagrou-se campeão da Copinha, e o nosso gol foi marcado por Hélio Paraíba. Curiosamente, o zagueiro do Corinthians naquela partida era Marquinhos, que hoje defende a Seleção Brasileira”, destaca Ramiro, sobre algumas das melhores campanhas que viveu.

Em 2023, a Paraíba alcançou seu melhor desempenho, com os dois representantes da edição (Botafogo e CSP) chegando à fase mata-mata. Até aquele ano, apenas uma agremiação do estado havia conseguido classificar-se para a segunda fase, nunca duas no mesmo ano. Em 2016 e 2018, o Belo avançou para a fase seguinte: nunca um time paraibano havia jogado mais de duas fases.

## Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

### O valor da regularidade

A CBF vai anunciar — ou já anunciou — o seu Ranking Clubes de 2026 com o Botafogo-PB pelo 11º ano seguido como o líder entre os paraibanos. Os critérios atuais foram estabelecidos em dezembro de 2012, no ranking de 2013. De lá para cá, o Belo só não liderou no estado nas temporadas de 2013, 2014 e 2015.

Ao início da convenção de pontos desse ranking combina com o tempo do reerguimento do clube pessoense no cenário nacional. De 2007 a 2012, o Belo ficou à margem das competições brasileiras, com apenas uma disputa da Copa do Brasil, em 2011. Algo pontual, oriundo de um título da Copa Paraíba sofrido diante do CSP em 2010. O fato é que ainda ali, em 2011, o Botafogo-PB atravessava uma grave crise.

Demorou, mas o Belo retomou a hegemonia.. E de 2016 para cá, nadou de braçadas em todos os aspectos possíveis na Paraíba. Maiores receitas, mais boas campanhas em campeonatos, um título nacional em campo e a liderança incontestada no ranking do estado nesse período.

Tudo isso porque cortou na carne. Renegociou dívidas largas, pagou aos poucos, sofreu sem ganhar nada, mas a consequência positiva chegou. Talvez não perfeitamente, afinal até agora o Belo pena para subir para a Série B, mesmo com as chances reais que teve. No futebol ainda há a trave. Não adianta fazer tudo certo fora de campo porque ainda há o campo. E também não dá para dizer que o Alvinegro é perfeito fora das quatro linhas. Mas na comparação com os rivais, o Belo vem sobrando durante todos esses últimos anos em finanças e organização. E não a toa foi o único que flertou com um acesso para a Segundona de 2016 para cá.

Enquanto isso, Treze e Campinense perderam espaço. Não fizeram o dever de casa, ignorando a necessidade de fazer times baratos para poder varrer o terraço para depois chegar na casa e fazer a assepsia necessária para a morada ser confortável. Mas é inevitável. O sofrimento, hoje em dia, diante do que o futebol exige, acaba chegando para quem não limpa a residência e segue aumentando suas dívidas, sufocando as suas finanças. Ao longo das últimas temporadas, Treze e Campinense até conseguiram acessos. Mas também acumularam anos sem série. Oscilaram imensamente. A matemática é básica.

Por outro lado, no extremo ocidente do estado, o Sousa, que nunca teve grandes dívidas, mesmo sem um grande potencial de receitas, foi construindo bem sua casinha. Foi se classificando constantemente para a Série D e Copa do Brasil. Tudo isso porque passou a chegar às finais do Paraibano com mais recorrência. Se aproveitando da concorrência vacilante. E de responsabilidades fiscal somada com um bom trabalho do departamento de futebol.

De modo que o Sousa vai para o seu segundo ranking seguido como o segundo melhor paraibano, atrás apenas do Botafogo-PB. Na listagem de 2026, vai estar novamente na frente de Treze e Campinense. Premiando uma regularidade ímpar na história do futebol paraibano construída no Sertão. O ranking por muito tempo, pelo menos para o futebol paraibano e seu patamar de pontos, acabou sendo muito mais simbólico. De todo modo, isso pode mudar, desde que os clubes consigam pontuar mais. Isso faz a federação ter mais pontos e, eventualmente, ter direito a mais vagas em determinadas competições.

Para isso, os clubes precisam subir no cenário nacional, disputar torneios do calendário brasileiro e avançar neles. De todo modo, já em 2026, o ranking vai ser importante para a totalidade do futebol brasileiro. Isso porque algumas vagas na Série D, a partir do ano que vem, serão reservadas aos clubes que não se classificaram pelo estadual ou por copas estaduais, que estejam bem ranqueados. Foi por conta dessa nova estrutura da Quarta Divisão que o Treze vai jogar a competição do ano que vem e não vai ficar de férias mais cedo. É pelo ranking também que o Campinense não vai disputar e vai ver os rivais locais sentado no sofá de uma casa velha. A maratona do ranking de clubes cativa. A dupla de Campina Grande agora que corra atrás do Litoral e do Sertão.



Foto: Divulgação/Jucas Barros

Técnico Ramiro Souza com o presidente do CSP, Josivaldo Alves, durante jogo do Campeonato Paraibano na temporada de 2012

DORGIVAL PEREIRA

# Craque nos bastidores do futebol

*Dorgival vive intensamente o Campinense no dia a dia, sempre cuidando da logística e dos contratos dos atletas*

*Ele é o supervisor mais antigo no futebol paraibano, há 37 anos cuidando do Campinense*

Fotos: Julio Cezar Peres

Maria Beatriz Oliveira  
obeatriz394@gmail.com

Brilhar no mundo do futebol é o sonho de muitas crianças em todo o Brasil. Crescer assistindo aos jogos e jogando bola nas ruas faz parte da infância da maioria. No entanto, engana-se quem pensa que o único caminho no futebol profissional está dentro dos gramados. Nos bastidores, centenas de profissionais trabalham incansavelmente para que a paixão nacional continue conquistando novos admiradores.

Esse é o caso de Dorgival Pereira Lopes, que há 37 anos atua como supervisor de futebol do Campinense Clube, dedicando sua carreira a garantir que tudo funcione dentro e fora de campo.

Natural de Campina Grande, Dorgival iniciou sua trajetória na Raposa em 17 de dezembro de 1988, atuando como supervisor das categorias de base. Ao longo de quase quatro décadas, exerceu diversas funções — gerente, superintendente, executivo —, mas foi como supervisor de futebol que consolidou sua carreira. Ele destaca que suas maiores inspirações foram José Santos e José do Egito, dirigentes que mar-

caram época no futebol paraibano.

“Zé dos Santos foi o maior supervisor que já tivemos no estado. Naquele tempo, aprendíamos observando o trabalho de quem estava ao nosso redor, e foi assim que adquiri a maior parte do meu conhecimento: na prática. Hoje sou formado em Educação Física, Direito e Jornalismo, além de possuir diversos cursos na área de Gestão Esportiva e formações da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Mas, naquela época, o aprendizado vinha do dia a dia, conforme as situações iam acontecendo”, relembra Dorgival.

Hoje, com os avanços tecnológicos, o supervisor precisou novamente se reinventar para continuar garantindo o melhor para o time de futebol que se tornou parte da sua vida. “A logística em relação à documentação é complicada, principalmente nessa fase de início de campeonato. Temos que estar com os jogadores todos registrados em tempo hábil e em condições de jogo. O registro deve ser feito junto à CBF e à Federação Paraibana de Futebol [FPF] e hoje mudou muito o processo, é tudo *on-line*. Antigamente, fazíamos por meio do fax, que já não é mais considerado seguro”, explicou.

Com a experiência e adaptabilidade adquiridas ao longo da carreira, ele afirma que conseguiu superar os desafios trazidos pelas novas exigências do futebol moderno. “Com nossas habilidades, fomos superando as adversidades e, assim, no Campinense Clube, conquistei vários títulos, sempre desempenhando meu trabalho com eficiência. Tenho muito orgulho de dizer que nunca tive nenhuma irregularidade, o que considero fundamental”, ressaltou Dorgival.

#### Desafios e conquistas

Atualmente, o Campinense Clube atravessa um momento difícil, sem calendário em competições nacionais pelo terceiro ano consecutivo. Com a Raposa tendo apenas o Campeonato Paraibano a disputar, o desafio para manter o elenco é ainda maior. Dorgival explica que a falta de calendário dificulta as contratações.

“Temos dificuldade para trazer jogadores, e isso não acontece só no Campinense — qualquer time sem calendário nacional enfrenta o mesmo problema. Muitos atletas não querem assinar contratos curtos, de apenas três meses. O Campeonato Paraibano começa no dia 17 de janeiro e, caso o time não avance de fase, pode

terminar já no dia 24 de janeiro. Então há clubes que, mesmo oferecendo salários menores, garantem 12 meses de contrato, e os jogadores acabam preferindo essa estabilidade”, explicou.

Apesar disso, Dorgival esteve presente em quase 40 dos 110 anos de história da Raposa, vivenciando momentos marcantes e conquistas memoráveis e tem a tranquilidade de saber que, no futebol, dias melhores sempre chegam. “Tenho 12 títulos com esse time, dois acessos e uma Copa do Nordeste — somos o único clube paraibano campeão do Nordeste. Criei minha família dentro do Campinense. Recebi propostas do Botafogo do Rio, Criciúma e CRB, mas minha vida está em Campina. Não poderia abandonar minha missão como supervisor do Campinense Clube”, revelou.

Mesmo quando decidiu se aventurar em outras áreas, como na política — chegando a ser prefeito de Serra Redonda —, Dorgival manteve o compromisso com o clube em primeiro lugar. “Na reta final da campanha, faltava apenas o comício de encerramento antes das eleições, e eu, o candidato, estava em Natal, concentrado com o Campinense. O clube sempre esteve em primeiro lu-

gar para mim”, lembrou.

A dedicação de Dorgival é tamanha que o trabalho ocupa a maior parte de sua rotina. “Há dias em que passo mais de 12 horas no clube, garantindo que tudo esteja sob controle e que jogadores e funcionários estejam bem assistidos. Começamos às oito da manhã e encerramos por volta das oito da noite. No futebol, não existe sábado, domingo ou feriado, e é nisso que sofremos um pouquinho. Atualmente, temos 30 jogadores hospedados no clube, cada um fazendo seis refeições diárias — a última às 21h30. Dá para imaginar a hora que o trabalho realmente termina”, contou.

É por estar tão imerso na rotina e na história centenária do clube que, mesmo diante das dificuldades, o supervisor mantém o otimismo. “O futebol é feito de altos e baixos, e estamos enfrentando uma fase crítica. Já são dois anos sem calendário nacional, mas o presidente Flávio Torreão tem feito grandes investimentos. Montamos uma equipe forte e estou cuidando de toda a parte de regularizações. Tenho fé de que o Campinense está no caminho certo e vamos fazer de tudo para dar uma grande alegria à torcida em 2026”, garantiu Dorgival.



O supervisor Dorgival Pereira acumula diversas conquistas com o seu trabalho no Campinense, e a mais importante delas foi a Copa do Nordeste de 2013, além dos vários títulos estaduais



# Terra à vista?

*Uma nova análise da rota de Pedro Álvares Cabral confronta a narrativa oficial do “descobrimento” e coloca Rio Grande do Norte na disputa pelo primeiro desembarque*

Priscila Perez  
 priscilaperezcomunicacao@gmail.com

“Terra à vista!” — teriam anunciado a —

do a Pedro Álvares Cabral, ao enxergarem o litoral brasileiro, em 22 de abril de 1500. Desde então, aprendemos que o “descobrimento” (reforçar que é entre aspas) se deu no extremo sul da Bahia, com o navegador observando uma porção de terra “mui alta e redonda”: o Monte Pascoal. O momento foi imortalizado na famosa carta de Pero Vaz de Caminha, um registro histórico que traz mais do que descrições da “terra nova”. O escrivão registrou distâncias, profundidades e marcas de navegação, detalhes técnicos que, por séculos, passaram quase despercebidos — até agora. Mais de 500 anos depois, dois físicos — um potiguar e outro paraibano — resolveram seguir essas pistas e refazer a rota. E o desfecho não poderia ser mais inesperado: Cabral teria ancorado no Rio Grande do Norte, não em Porto Seguro.

Publicado nos periódicos *Journal of Navigation*, da Universidade de Cambridge, e *Brazilian Journal of Science*, o estudo conduzido por Carlos Chesman, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e Claudio Furtado, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), retoma uma hipótese antiga já levantada pelo intelectual potiguar Luís da Câmara Cascudo. A diferença é que, desta vez, a tese vem acompanhada de cálculos e simulações em softwares de navegação que garantem o rigor científico necessário para reabrir a discussão.

Segundo os pesquisadores, a frota de Cabral não teria chegado ao sul da Bahia, mas, sim, à região de Pedra Grande e São Miguel do Gostoso, no Rio Grande do Norte. Ao analisar os números deixados por Caminha e cruzá-los com dados modernos de ventos, correntes e batimetria, a dupla conseguiu calcular rotas plausíveis para as condições do Atlântico naquele tempo.

## Física como bússola

A pesquisa, no entanto, ganhou contornos de descoberta quase que por acaso. Durante a pandemia, Claudio Furtado, que também é secretário de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties), conta que ele e seu colega começaram a testar simulações de rotas antigas para estudar o efeito

da força de Coriolis nas grandes navegações. Relembrando as aulas de Física, trata-se daquele desvio sutil gerado pela própria rotação da Terra, capaz de curvar ventos, correntes e, por consequência, o trajeto de embarcações que dependiam desses impulsos naturais para cruzar o oceano.

O alvo da pesquisa não era Cabral, até que as rotas de Cristóvão Colombo e Vasco da Gama começaram a bater com os dados das simulações. Foi, então, que Pero Vaz de Caminha entrou no radar. “E, aí, nos chamou atenção que, pelos dados obtidos, a rota de Cabral não batia com uma esquadra saindo de Cabo Verde. Se ele buscasse um ponto seguro, teria chegado muito mais ao norte”, conta Claudio Furtado.

É curioso notar como um documento tão simbólico, ao virar objeto científico, tornou-se uma fonte riquíssima de dados quantitativos. Segundo Furtado, Caminha fez anotações de profundidade, velocidade estimada, tempo de navegação desde a última referência de Cabo Verde, posição do sol e até a percepção visual do monte que avistaram. E o mais curioso é que o escrivão da armada portuguesa fala de um monte alto e redondo, que não combina com as características do Monte Pascoal, mais pontiagudo. Já Serra Verde, no interior do Rio Grande do Norte, encaixa-se melhor.

“Do ponto de vista da Física, pelas alturas dos montes, eles teriam visto o Pascoal dias antes. A Terra é curva, então você enxerga primeiro o pico. E, se o pico é maior, ele aparece mais cedo no

horizonte, o que não foi o caso”, explica o pesquisador.

O próprio relevo descrito na carta reforça a hipótese potiguar. Caminha menciona que, ao avançarem pela costa em busca de um porto seguro, os portugueses avistaram “formações vermelhas” nas falésias, um tipo de paredão arenoso muito semelhante ao que se vê na Barreira do Inferno e na região da Praia do Marco, em Touros. Além disso, a distância registrada entre Cabo Verde e o primeiro avistamento de terra, algo próximo a 4.000 km, foi traçada, por quase dois séculos, como uma linha reta até Porto Seguro, o que, segundo o físico, além de ignorar a curvatura da Terra, desconsidera os ventos alísios, as correntes e a “manobra da volta do mar largo”, necessária para vencer o Atlântico. “Com esses dados, a gente se sentiu muito confortável para colocar para a comunidade o que, do ponto de vista físico, a leitura da carta poderia trazer”, finaliza.

Os autores, no entanto, sabem que a publicação do artigo não encerra o debate. Segundo Claudio Furtado, o próximo passo é, justamente, ampliar a escuta e colocar o estudo em diálogo com outras áreas. No dia 22 de abril do próximo ano, eles realizam, no Rio Grande do Norte, o Colóquio Câmara Cascudo, encontro que reunirá historiadores e escritores para discutir as hipóteses levantadas. A expectativa é que, a partir desse movimento, novas frentes de pesquisa sejam abertas, desde a reavaliação de documentos até o cruzamento de dados de diferentes disciplinas.

“Quando você coloca mais dados e integra mais áreas, traz à tona evidências que podem corroborar, ou até desaproveitar, a tese. O importante é que os dados mostrem onde erramos ou acertamos”, aponta Claudio Furtado.

*Nova tese vem acompanhada de cálculos e simulações em softwares de navegação que garantem o rigor científico necessário para reabrir a discussão*

*Ilustração: Bruno Chiossi*

## Entre itinerários e versões: a História pede revisões

Independentemente de qual seja a verdade, o professor Lúcio Flávio Vasconcelos, da UFPB, lembra que a História não é um livro fechado, mas um campo aberto a interpretações.

A leitura “oficial” da Bahia, por exemplo, nasce apenas no século 19, quando Francisco Adolfo de Varnhagen, primeiro historiador do Império, usa a carta do Mestre João, outro integrante da frota de Cabral, para cravar Porto Seguro como o ponto inaugural. Essa versão, porém, nunca foi unanimidade. Segundo Vasconcelos, foi Câmara Cascudo quem passou a questionar essa certeza, incluindo o Rio Grande do Norte no debate. O que o trabalho de Chesman e Furtado faz, agora, é dar uma nova musculatura a essa linha de leitura, ao “corroborar, com dados da Física, uma hipótese que existe há mais de 100 anos”, resume o professor.

Não por acaso, o artigo vem causando incômodo entre especialistas da área. Para Lúcio Flávio Vasconcelos, o desconforto é não apenas esperado, mas necessário. “A gente precisa sair da zona de conforto e rever”, diz. Ele lembra que, em História, assim como em qualquer ciência, “não há prego batido, ponta virada”, apenas versões que, a cada época, tornam-se mais ou menos plausíveis, conforme as evidências disponíveis.

Além disso, ele reforça que os registros deixados pelos grandes navegadores eram, por natureza, imprecisos, resultado direto das limitações tecnológicas da época. Sem instrumentos tão precisos, cabia aos tripulantes interpretar vento, sol, mar e estrelas com a ajuda de bússola e astrolábio. “Tínhamos diários de bordo e cartas com medidas diferentes, porque cada povo tem uma forma distinta de medição”, explica.

Ao mesmo tempo, ele acredita que o lado emocional também influenciava a coleta e o registro desses dados, o que explicaria os equívocos apontados pelo estudo dos físicos. Isso mos-

tra que a leitura da documentação da época não pode ser tão literal. “Mesmo se nós entrevistássemos Caminha e Cabral, eles não saberiam dizer onde chegaram. Tenho certeza de que haveria divergências entre eles”.

## Título simbólico

A versão potiguar, no entanto, não é a única a disputar esse título com a Bahia. Antes mesmo de Cabral, outra esquadra teria chegado primeiro às terras que, hoje, chamamos de “Brasil”. Em janeiro de 1500, três meses antes de a frota portuguesa avistar o monte, o navegador espanhol Vicente Yáñez Pinzón teria alcançado o litoral nordestino, em uma expedição que partiu de Palos, na Espanha, em 1499.

Registros da época indicam que ele teria batizado o local de “Santa Maria de la Consolación” e que desembarcou em uma “faixa de costa bela e recortada”, interpretada por muitos historiadores como o Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco — embora haja quem defenda a região de Ponta Grossa, no Ceará. Do ponto de vista geográfico, faz sentido que a costa pernambucana entre na disputa: ao lado da Paraíba, ela forma uma das porções mais orientais do Brasil, exatamente onde as naus que faziam a “volta do mar largo” tendiam a tocar ao aproveitar os ventos. Mesmo assim, ainda que a hipótese seja verdadeira, o navegador não poderia reivindicar a terra por causa do Tratado de Tordesilhas, a linha imaginária que dividia o território entre Portugal e Espanha.

Por que essa versão não tem o mesmo destaque que a de Cabral? Para Vasconcelos, a resposta é simples: porque quem, porventura, chegou aqui antes não permaneceu. “Não iniciaram um processo de transformação histórica ou social na região, assim como ocorreu com os vikings na América. Hoje, temos informações comprovadas de que eles foram os primeiros a chegar à região, mas isso não tem tanto impacto porque foram embora depois”.



Primeiro doutor em trombone do Brasil, Radegundis foi um dos principais defensores da música nordestina e presidente-fundador da Associação Brasileira de Trombonistas (ABT)

## Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

## Natal: uma ceia sem tretas exige disposição, paciência e diálogo

A celebração do Natal costuma ser um momento especial entre as famílias. Infelizmente, também é uma ocasião em que ressentimentos antigos ressurgem e conflitos os mais diversos sentam-se à mesa. Antes ou depois da ceia.

O cinema de Hollywood já criou cenas hilárias sobre o tema. Na vida real, porém, nem sempre acaba em riso. Muitas vezes, o que deveria ser uma noite de comunhão transforma-se em um cenário de tensões, onde divergências políticas ou críticas familiares quebram a magia da noite. Como evitar tais situações? De que forma a comunicação não violenta (CNV) pode colaborar para que conflitos entre amigos e familiares não ocorram nas festividades de Natal?

Ao pensar sobre isso, recorri ao livro *Comunicação Não Violenta — Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*, de Marshall B. Rosenberg. Minha dúvida era: como evitar que a convivência se torne um campo de batalha nas celebrações pelo nascimento de Jesus Cristo? Entre as técnicas propostas pelo autor, estão: olhar sem julgamento; ver a vulnerabilidade como ponte; e ter clareza nas necessidades e pedidos.

Sobre olhar sem julgamento, a comunicação não violenta propõe que o primeiro passo para o desarmamento é aprender a separar a observação da avaliação. No calor das discussões, é comum que o com-



“Férias Frustradas de Natal”: o cinema hollywoodiano criou cenas hilárias sobre conflitos à mesa natalina

portamento do outro seja rotulado. Se um parente faz um comentário ácido, a reação instintiva é o contra-ataque. Mas a sugestão é que, nesse tipo de situação, as pessoas se limitem a descrever o fato: “Ovi seu comentário sobre a comida” ou “Percebi que mudamos o assunto para política”. Ao evitar

julgamentos moralizadores, o combustível da autodefesa e do conflito perde força.

Ser vulnerável pode ser algo bom. Mas, muitas vezes, confundimos sentimentos com opiniões. Assim, dizer: “Sinto que você está sendo rude” não é expressar um sentimento, é fazer um diagnóstico sobre o

outro. O caminho para a conexão, propõe Marshall, passa pela exposição da própria vulnerabilidade. Dizer “Sinto-me desconfortável” ou “Sinto-me triste com esse tom de voz” humaniza a relação. A vulnerabilidade, ao contrário do que se pensa, é uma ferramenta poderosa para desarmar a agressividade alheia.

Em relação a necessidades e pedidos, a clareza é essencial. Especialistas afirmam que, “por trás de toda raiva, existe uma necessidade não atendida”. E como trabalhar isso no Natal, para evitar crises em família? Nessa época do ano, essa necessidade pode ser de respeito, harmonia ou simplesmente de reconhecimento.

Em vez de culpar o próximo, o ideal é conectar o sentimento à necessidade. No lugar de alguém falar, em tom de acusação e ressentimento, “Ninguém ajuda nesta casa”, pode tentar fazer um pedido direto: “Você poderia me ajudar a organizar a mesa agora?”. A dica é adotar a clareza, substituindo reclamações e exigências (que geram resistência) por pedidos positivos e específicos.

É fácil? Não é. É possível? Sim! Mas exige disposição, paciência e diálogo. Vestir-se do espírito natalino e despir-se de preconceitos e rancores é uma iniciativa válida. A boa comunicação começa na escolha cuidadosa de atitudes e palavras. É desse exercício que pode advir a paz na noite de Natal.

# Radegundis Feitosa

## Um músico enraizado na sua própria cultura

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Fernando Pessoa um dia escreveu, por meio de um de seus heterônimos, que somos do tamanho do que vemos — e não do tamanho da nossa altura. Poucas histórias confirmam isso tão bem quanto a de Radegundis Feitosa Nunes, o paraibano que enxergava o universo a partir de Itaporanga. Muito antes de tornar-se o primeiro doutor em trombone do Brasil, ele já carregava, na música e na atitude, a certeza de que o Sertão também cabia nos grandes palcos do mundo.

Foi nas bandas escolares, festas religiosas e orquestras da juventude que ele moldou a disciplina e o entusiasmo que o levariam a ser um dos nomes mais respeitados da música instrumental brasileira. Para quem o conhecia, seu talento impressionava, mas não era apenas o músico virtuoso que chamava atenção: Radegundis Feitosa era, acima de tudo, um agregador.

Nascido em 13 de agosto de 1962, na cidade de Itaporanga, o jovem Radega — como o irmão Heleno, o Costinha, gostava de chamá-lo — cresceu em um ambiente musical. A mãe, Joana Nunes Feitosa, cantava na igreja; e o pai, Heleno Feitosa Costa, era trombonista amador. Não à toa, ao contrário de muitos homens da sua geração, o patriarca jamais tratou a arte como distração: em vez disso, via nela um caminho legítimo para qualquer um dos seus oito filhos. Embora tivesse negócios na área da construção civil e sonhasse com engenheiros na família, bastou perceber a vocação do menino para aceitar que a rota seria outra.

“Meu pai tinha uma visão muito alargada do que ele queria para os filhos. Era um grande incentivador nosso, tanto que chegou a alugar uma casa na capital para

receber os filhos que vinham estudar aqui”, acrescenta Costinha. Aliás, foi no trombone do pai, aquele com o qual tocava nas orquestras de Carnaval da cidade, que Radegundis deu os seus primeiros sopros.

Quando as aulas particulares já não bastavam, o próximo passo foi, então, colocá-lo no Colégio Diocesano Dom João da Mata, em Itaporanga, onde o jovem trombonista teve a oportunidade de participar da banda e conhecer um de seus amigos mais queridos, Sandoval Moreno. “Todo dia, depois da escola, a gente se juntava para ensaiar alguma coisa da banda. Depois, já na universidade, a gente também estudou junto. De 1974 até 2010, o ano de seu falecimento, a gente só se separou quando ele foi para os Estados Unidos”, conta. Depois dessa fase, foi o próprio Heleno Sênior quem encaminhou Radegundis e, anos mais tarde, os outros dois irmãos para estudar música em João Pessoa, acreditando que o talento deles precisava ser lapidado.

Já na década de 1980, aos 19 anos, veio a oportunidade que mudaria o rumo da sua vida: ingressar no recém-criado Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, onde se formaria em 1983 e daria início a uma trajetória meteórica no cenário musical.

Ainda como aluno, ele chamou atenção pela destreza e musicalidade incomuns, chegando a tocar na orquestra do Maestro Duda, em Recife, Pernambuco, um dos maiores nomes do frevo. Costinha resume bem esse período ao apontar que “tudo aconteceu muito rápido na vida dele”. E foi mesmo. Assim que concluiu a graduação, prestou concurso e virou professor da própria instituição, algo que não estava nos planos, mas foi encarado como oportunidade.

### Trajatória meteórica

Daí em diante, o ritmo foi ainda mais vertiginoso. Em 1987, já estava em Nova York, nos Estados Unidos, para cursar o mestrado na tradicional *Julliard School* e, quatro anos depois, completaria o doutorado na *Catholic University of America*, em Washington, tornando-se o primeiro brasileiro doutor em trombone.

“Radegundis era um gênio. O que ele fazia era realmente genial”, acrescenta o irmão. Mas, apesar do brilho da formação, a experiência nos Estados Unidos esteve longe de ser simples. Ele mal falava inglês e a bolsa que recebia não cobria as despesas básicas. Foi, então, que a família entrou em cena para garantir que o sonho não fosse interrompido. Costinha conta que o pai, Heleno, endividou-se para sustentá-lo no exterior durante a primeira estadia, comprando dólares a preços impensáveis em uma época que a inflação galopante tornava tudo mais difícil. O dinheiro de Radegundis acabava rápido e houve dias em que conseguia fazer apenas uma refeição. “Meu pai chorava em casa, desesperado, porque não podia fazer muita coisa”, lembra o irmão, citando que, além do esforço financeiro, a comunicação também era precária naquela época.

Sandoval, que chegou a visitá-lo uma vez, acredita que o amigo teve muita determinação ao encarar o desafio. “O cabra saiu do interior da Paraíba, sem saber o idioma e aprendeu tudo na raça. Ou você é muito forte para segurar esse momento, ou desiste na primeira esquina”.

### Brilhante e incontestável

Àquela altura, ao retornar ao Brasil, o paraibano já era um nome comentado

nos principais corredores musicais do país. Ayrton Benck, trompetista do Sexteto Brassil — grupo do qual Radegundis fez parte por muito tempo —, conta que, antes mesmo de encontrá-lo pessoalmente no Curso Internacional de Verão de Brasília (Civebra), em 1987, já ouvia histórias de colegas impressionados com sua habilidade.

Um eufonista da Marinha, em especial, repetia com admiração que “um cara do Nordeste” havia vencido um concurso no Rio de Janeiro e estudado fora. “Radegundis já era muito falado. Pouquíssimas pessoas tinham pós-graduação fora do país naquela época”, lembra Ayrton. Para ele, o que o diferenciava não era apenas a técnica — “brilhante e incontestável” —, mas a capacidade rara de transitar entre mundos muito distintos. Era, nas palavras do trompetista, um músico “globalizado”: alguém formado em padrões internacionais, mas profundamente enraizado na sua própria cultura. Carregava como poucos a energia das bandas de frevo e orquestras de Carnaval que moldaram sua infância.

A partir daquele encontro, Ayrton Benck conviveu com Radegundis como estudante, depois como colega e, mais tarde, como parceiro profissional na universidade. Foram anos de troca de experiências e admiração, um período longo em que pôde testemunhar a força quase natural com que ele aproximava as pessoas e abria caminhos. Não era apenas carisma. “Ele tinha uma capacidade de liderança, de acreditar no que estava fazendo. Vestia realmente a camisa da Paraíba, do nordestino”, conta. Segundo ele e Sandoval, Radegundis multiplicava seus ideais entre os

músicos que encontrava pelo caminho — e, talvez, seja por isso que sua trajetória soe tão maior que sua própria biografia. “Ele era esse cara agregador, que conseguia unir as pessoas em volta dele. No conflito, sabia transitar sem precisar se desgastar com ninguém. Tinha uma diplomacia muito forte e era muito bom nisso”, define o trompetista.

Além de prodígio, Radega foi, também, um dos principais defensores da música nordestina. Costumava repetir, já no auge da carreira, algo que carregava desde cedo: a importância de reconhecer e valorizar a nossa identidade. “É crucial mostrar que a nossa música erudita já existe. Assim como os europeus partiram de estilos próprios, nós devemos partir do frevo, do maracatu, do baião. Isso é importante”, disse ele, durante uma apresentação com o Sexteto Brassil. Ayrton Benck lembra que, nos últimos anos, Radegundis gostava de afirmar sua identidade com firmeza e simplicidade: era brasileiro, era de Itaporanga e era tudo isso que sua música representava. “Eu sou assim, toco assim e minha música é essa”.

Antes de partir, Radegundis fez de tudo um pouco e sempre com entusiasmo. Lecionava, liderava projetos, havia assumido a chefia do Departamento de Música da UFPB e seguia se apresentando com grupos que ajudou a construir, entre eles o Sexteto Brassil, o Brazilian Trombone Ensemble e o Paraibones, formado por alunos. Era solista, instrumentista de orquestra e, como presidente-fundador da Associação Brasileira de Trombonistas (ABT), ajudou a estruturar a cena musical. Além disso, gravou discos, participou de festivais pelo país, le-

vou sua música aos Estados Unidos e à Europa. Já na vida particular, teve quatro filhos, sendo dois rapazes, do casamento com Simone Aranha Feitosa, e duas moças.

### Riso marcante

Foi no dia 1º de julho de 2010, ao sair de João Pessoa rumo a Itaporanga, onde tocaria nas comemorações dos 150 anos da paróquia da cidade, que Radegundis faleceu, ao lado dos colegas Luis Benedito, Adenilton França e Roberto Ângelo. O amigo de infância e companheiro de estrada, Sandoval Moreno, seguia logo atrás, em outro carro. Segundo ele, a separação entre os veículos aconteceu em Patos, e, só ao chegar ao destino, ele soube da tragédia. Radegundis tinha 47 anos. A notícia foi devastadora e atravessou a comunidade musical com o mesmo impacto de uma nota abrupta. Ainda assim, a imagem que fica não é de tristeza. Sandoval resume sua presença com uma imagem simples. “Quando ele chegava, a gente já sabia. Alguém dava uma ‘boa tarde’, ele respondia com uma gargalhada. Pronto, Radegundis chegou”, relembra.

Esse riso permaneceu não só na lembrança de amigos e familiares, mas também nos lugares que hoje guardam sua passagem. Está no documentário produzido pela UFPB, lançado em 2011; na sala de concertos da universidade que leva o seu nome; e na escola municipal, em João Pessoa, que passou a homenageá-lo. Ficou também na música que gravou, nos grupos que idealizou, nos alunos que formou e, sobretudo, em Itaporanga, onde sua história continua viva nas memórias de quem o viu crescer e ganhar o mundo.

## Tocando em Frente



Professor Francelino Soares  
francelino-soares@bol.com.br

## “Boas-Festas”

Natal e Ano-Novo são eventos de natureza quase religiosa, mas que se incorporaram ao dia a dia do cidadão comum, independentemente de sua condição religiosa ou social.

Essas divagações me vêm à mente quando o fim do ano se aproxima, trazendo consigo lembranças passadas, umas mais alegres, outras nem tanto... São fatos que se impregnam em nossas mentes, tornando difícil deles nos afastarmos.

O Dia de Ano, ou, como mais frequentemente o chamamos, o dia de Boas-Festas, nem sempre nos traz as alegrias festivas que se comemoram.

Especificamente, refiro-me a uma criação musical que ainda hoje nos marca, mas que, via de regra, não é associada à tristeza de quem a criou: estou falando de Assis Valente, o hoje quase desconhecido autor da belíssima letra/harmonia de “Boas-Festas”: “Anoiteceu / O sino gemeu / e a gente ficou / feliz a rezar / Papai Noel / Vê se você tem / a felicidade / pra você me dar”.

O final nos fala, claramente, de que tudo não é só alegria: “Eu pensei que todo mundo / fosse filho de Papai Noel / bem assim felicidade / eu pensei que fosse uma / brincadeira de papel. Já faz tempo que eu pedi / mas o meu Papai Noel não vem / com certeza já morreu / ou então felicidade / é um brinquedo que não tem”.

A música foi criada justamente na noite de Natal de 1932, tonando-se um dos maiores sucessos do músico baiano, sendo considerada a primeira criação musical popular brasileira relativa aos festejos de fim de ano...



Compositor baiano Assis Valente (1911–1958), autor da triste canção “Boas-Festas”

O momento de sua criação foi fielmente descrito pelo autor, que, na época, ainda pouco reconhecido, morando num peque-

no quarto de pensão em Icarai, Niterói, relato a tristeza da solidão que vivia longe de sua pobre família, que fora deixada na

Bahia, quando ele rumou para o já então “Sul maravilhosa”, “sem eira nem beira” em busca de “ser alguém na vida”.

No relato dele, transparece o ambiente e o estado em que vivia: “Boas-Festas” foi feita no mês de dezembro. Morava, então, em Icarai, Niterói, e estava só, longe da família e sem notícias dos meus. Uma tristeza forte me invadia pouco a pouco. No meu quarto, havia um quadro representando uma menina dormindo, com um sapatinho ao seu lado, um quadro típico de Natal que logo me impressionou. Pensei, então, na alegria de ser feliz, de não estar só no mundo, como, então, me encontrava, e pedi a Papai Noel uma quantidade de coisas bonitas”.

O texto, por si só, nos fornece uma pista sobre a criação e singeleza da música, que se tornou antológica em nossa música popular brasileira.

Se aquele fim de ano — Natal e Boas-Festas — já nos transmite a solidão em que ele vivia, outros percalços ainda estavam por vir. Melhor que não lhes fale das amarguras por que ele passou, inclusive depois de várias tentativas, levando-o a pôr fim na própria vida!...

Talvez, no entanto, para nós ficou a lembrança de um dos nossos mais legítimos e autênticos criadores musicais, em cuja discografia constam sucessos impercíveis, como “Brasil Pandeiro”, “Camisa Listrada”, “Fez Bobagem”, “Minha embaixada chegou”, “Tem francesa no morro”, “Boneca de Pano”, “Uva de Caminhão” e muitos outros, quase em sua totalidade gravadas por sua amiga Carmen Miranda, por quem ele nutria um amor impossível...

TECNOLOGIA

# ChatGPT deve ganhar um “modo adulto” em 2026

Novo recurso promete menos restrições para pessoas maiores de idade

Henrique Sampaio  
Agência Estado

A OpenAI afirmou que o “modo adulto” do ChatGPT, que promete respostas mais livres e menos restrições para pessoas maiores de idade, deve estreitar no primeiro trimestre de 2026. A informação foi confirmada durante o anúncio do GPT-5.2, novo modelo da empresa, e faz parte de uma estratégia mais ampla para diferenciar experiências de uso conforme a idade de quem conversa com a inteligência artificial (IA).

A proposta surge após meses de sinalizações públicas do CEO Sam Altman e de críticas de usuários que consideram que o ChatGPT perdeu expressividade ao longo do tempo.

Segundo executivos da OpenAI, a ideia central é “tratar adultos como adultos”, mas sem abrir brechas que permitam o acesso de adolescentes a conteúdos sensíveis.

Embora o termo tenha sido rapidamente associado à liberação de conteúdo erótico, a OpenAI tenta enquadrar o recurso de forma mais ampla. O modo adulto deve permitir interações menos rígidas, com maior autonomia criativa, estilos de resposta mais ousados e uma personalização mais consistente da “personalidade” do chatbot ao longo da conversa.

Na prática, isso significa flexibilizar limites hoje impostos a temas considerados maduros, não apenas no campo sexual, mas também em discussões emocionais, narrativas ficcionais e abordagens menos neutras. Executivos afirmam que o objetivo não é transformar o ChatGPT em

uma plataforma pornográfica, mas oferecer uma experiência mais alinhada às expectativas de usuários adultos.

A empresa, evita detalhar exatamente quais tipos de conteúdo serão liberados. Não se sabe, portanto, se o “modo adulto” permitirá a criação de vídeos ou imagens pornográficas. A definição final depende diretamente de outro elemento-chave do projeto: o sistema de previsão e verificação de idade.

## Verificação de idade

Antes de ativar o “modo adulto”, a OpenAI quer garantir que sua tecnologia consiga diferenciar adolescentes de adultos com precisão. Para isso, a empresa está testando um modelo de previsão de idade baseado no comportamento de uso do ChatGPT, capaz de acionar automaticamente salvaguardas quando identifica perfis potencialmente menores de 18 anos.

Esses testes já ocorrem em países selecionados e têm como foco evitar erros de classificação, especialmente o risco de identificar adolescentes como adultos ou o contrário. Em casos de dúvida, a orientação interna é adotar a experiência mais restritiva, equivalente à de menores de idade.

A OpenAI também admite que, em alguns mercados, poderá exigir documentos de identidade como etapa adicional de verificação. A empresa reconhece que isso envolve concessões de privacidade, mas considera o mecanismo necessário para cumprir legislações recentes, como as aprovadas na França, e reduzir riscos legais e sociais.

## Riscos psicológicos

O anúncio trouxe à tona debates sobre os impactos emocionais da interação prolongada entre pessoas e inteligências artificiais. Pesquisas recentes apontam que usuários que desenvolvem vínculos afetivos com chatbots tendem a apresentar níveis mais altos de sofrimento psicológico, especialmente em contextos de isolamento social.

Especialistas alertam que modos mais personalizáveis e “afetivos” podem intensificar esse fenômeno, criando relações de dependência emocional. A própria OpenAI já reconheceu, em ocasiões anteriores, que parte de seus usuários estabelece laços profundos com o ChatGPT, mesmo nas versões mais neutras da ferramenta.

Nesse cenário, críticos questionam se ampliar a expressividade da IA sem um entendimento mais sólido de seus efeitos psicológicos não transfere riscos excessivos para o usuário final.

Com uma base que já supera 800 milhões de usuários ativos semanais, segundo a própria empresa, o ChatGPT tornou-se um dos produtos digitais de ado-

ção mais rápida da história. Esse alcance ajuda a explicar a postura mais cautelosa da OpenAI ao avançar em interações e conteúdos considerados mais ousados, especialmente quando comparada a concorrentes como o Grok, da xAI, de Elon Musk, que adota uma abordagem mais permissiva, rebelde e radical.

O anúncio do “modo adulto” aconteceu em paralelo ao lançamento do GPT-5.2, novo modelo da OpenAI anunciado menos de um mês após o GPT-5.1. A empresa descreve a versão como a mais avançada até agora, com ganhos em velocidade, raciocínio e redução de alucinações, mirando especialmente o uso profissional.

O GPT-5.2 será distribuído em três variantes—, Instant, Thinking e Pro, e chega primeiro aos planos pagos do ChatGPT, além de já estar disponível via API. O lançamento acelerado é visto no mercado como uma resposta direta ao avanço do Gemini 3, do Google, que teve recepção positiva nas semanas anteriores e fez com que Sam Altman acionasse um “alerta vermelho” na empresa.

# Eita!!!!

## #Um bom velhinho com vários nomes

Natal! Época repleta de significado religioso, mas que também traz símbolos que não podem ser ignorados. Em lares de todo o mundo, não faltam as árvores artificiais enfeitadas com bolas coloridas, laços e pisca-pisca; os presépios e também o tradicional hábito de trocar presentes. Este último costume, vale salientar, é bastante incentivado pelo comércio e pela mídia. Mas, indiscutivelmente, a figura do Papai Noel é a mais querida. O que muita gente não sabe é que “o bom velhinho”, famoso pelas vestes vermelhas, usava, nos primórdios, roupas verdes e também recebe vários nomes, dependendo do lugar onde sua imagem é conhecida. Conheça algumas curiosidades sobre o Papai Noel.

## # Bispo de Mira virou São Nicolau

Dependendo da fonte de pesquisa e do contexto que se deseja considerar, o Papai Noel recebe diferentes nomes. “São Nicolau”, bispo de Mira, da Turquia, é um dos mais conhecidos. De família abastada, ele teria vivido no século 4, tendo como características principal a generosidade. Com as diversas ações caridosas realizadas ao longo da vida, ele tornou-se São Nicolau, cujo nome vem de “nikos”, que significa “vitória” e de “laos”, “povo”. Entre as histórias que permeiam a trajetória de Nicolau, não faltam narrativas de milagres registrados nos arquivos da Biblioteca do Vaticano. Um desses atos ocorreu com um vizinho dele que, para sobreviver, teve de prostituir as três filhas virgens. Quando Nicolau soube do fato, não se conformou. Então, certa noite, escondido, jogou pela chaminé um saco de dinheiro na casa do pobre homem. Com o dote, ele casou uma das filhas. Dias depois, Nicolau jogou o segundo saco de dinheiro e depois o terceiro, garantindo o casamento das jovens. A ação resultou na tradição de deixar botas de tecido próximo à chaminé na noite de Natal para o Papai Noel encher de presente.

## # Vestimenta verde

Há registros antigos que mostram a figura do Papai Noel com vestes verdes e, segundo historiadores, a explicação está na relação da cor com a ideia de fertilidade. O verde mostra o ressurgimento da vida na natureza após o inverno. Somente por volta de 1860, o cartunista norte-americano Thomas Nast criou a ilustração do “bom velhinho” com traje vermelho para a revista Harper’s Weekly. Há pesquisadores que associam a popularização do traje vermelho de Noel a uma ação de marketing da Coca-Cola, lançada em 1930, massificando essa imagem.

## # Das lendas nórdicas, veio Santa Klaus

As histórias que giram em torno da figura de Papai Noel também têm fortes ligações com as lendas nórdicas. Nelas, ele é chamado de “Santa Klaus”, sendo associado a Odin, deus mais poderoso dessa crença, sendo representado como um ancião de barba branca. Odin era responsável por entregar presentes para o povo durante o festival que ocorria durante o solstício de inverno. Diz a lenda que o deus montava em seu cavalo alado de oito patas (Sleipnir) e distribuía presentes. Para serem agraciadas com os mimos, as crianças deixavam botas perto das chaminés com feno ou cenouras para alimentar o cavalo alado.

# 9erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



## Solução

1 - cauda do leão; 2 - língua do tatu; 3 - dentelha do leão; 4 - orelha do tatu; 5 - nuvem; 6 - pássaro; 7 - galho; 8 - gravata; 9 - olho do tatu.

# Charada

Francelino Soares:  
francelino-soares@bol.com.br

**Resposta da semana anterior:** Olhas (1) = vês + fruta (2) = pera. **Solução:** dia anterior (3) = véspera.

**Charada de hoje:** A peça circular da máquina (2) quase machuca meu membro inferior (1), quando fui trocar a proteção inferior do piso (3).



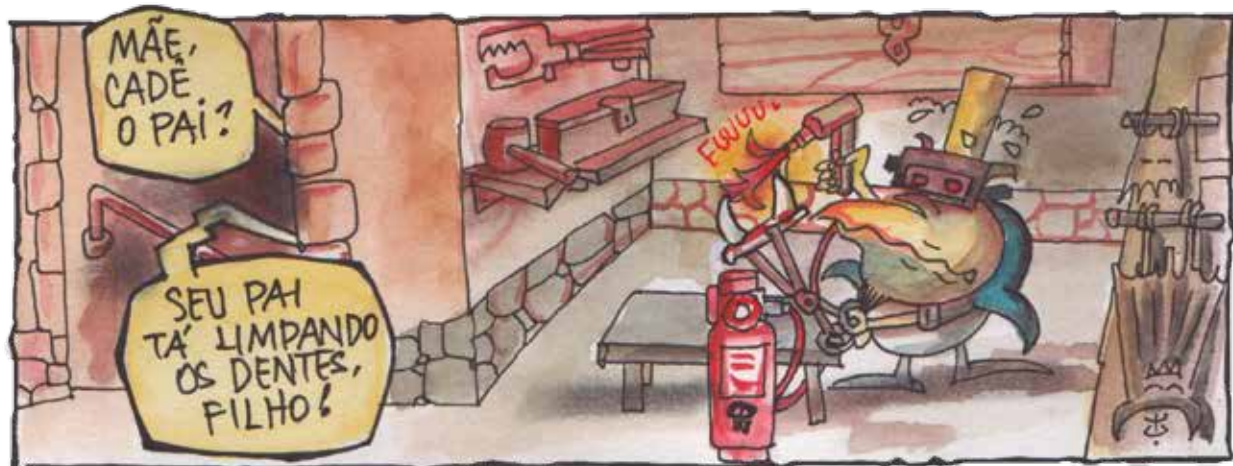
Ilustração: Bruno Chiossi

# Tiras

O Conde

Jafoi & Jaera

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

